



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA**

**A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA  
TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA ÀS CRIANÇAS COM  
CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA**

**Salvador  
2022**

**MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA**

**A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA  
TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA ÀS CRIANÇAS COM  
CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Mestrado) do Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, linha de pesquisa Produção, Circulação e Mediação da Informação, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

**Área de concentração:** Informação e  
Conhecimento  
na Sociedade  
Contemporânea.

**Linha de Pesquisa:** Produção,  
Circulação e  
Mediação da  
Informação.

**Orientador:** Prof. Dr. José Carlos Sales  
dos Santos.

**Salvador  
2022**

O48

Oliveira, Maria Socorro Sobreira

A Mediação da informação no processo da leitura terapêutica: a Biblioterapia orientada às crianças com câncer no Hospital Martagão Gesteira./ Maria Socorro Sobreira Oliveira.- Salvador, 2022.

115fls. II: apêndices

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sales dos Santos

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, 2022.

1. Biblioterapia 2. Biblioterapia – crianças com câncer 3. Biblioterapia – Hospital Martagão Gesteira 4. Biblioterapia – saúde mental 5. Mediação da leitura I. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação II. Título

CDU : 028.02

## **BANCA EXAMINADORA**

**TÍTULO:** A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA  
TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA ÀS CRIANÇAS COM  
CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA

### **MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, na Universidade Federal da Bahia, à seguinte banca examinadora:

#### **BANCA EXAMINADORA**

José Carlos Sales dos Santos – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em Ciências da Informação, Universidade Federal da Bahia – UFBA

Nanci Gonçalves da Nóbrega \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciência da Informação - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ivana Aparecida Borges Lins \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia

Salvador, 23 de novembro de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nosso Criador, por ter permitido aqui chegar, dando-me força, ânimo e coragem durante todas as etapas desta pesquisa.

Agradeço a vocês, crianças e adolescentes, que fizeram parte da nossa pesquisa no Hospital Martagão Gesteira. Saibam que, ao me deparar com cada um de vocês, em cada rostinho, pude perceber serenidade e alegria que me enchia de vida e esperança. Que aprendizado! A minha eterna gratidão pela oportunidade de estar com vocês que se eternizaram na mente e no meu coração.

Aos profissionais de saúde, especificamente à coordenação de Psicologia, psicólogas e estagiárias que tão bem apoiaram e deram suporte para a realização desta pesquisa.

Ao Hospital Martagão Gesteira, que abriu as portas para que tudo isso acontecesse. Não poderia deixar de registrar gratidão à Comissão Avaliadora do Setor de Residência Médica – CAEP, representada pela coordenadora desse setor. Sua ajuda e assessoria na Plataforma Brasil no início da nossa trajetória foi de grande valia.

À bibliotecária e ao estagiário da Biblioteca do Hospital Martagão Gesteira que, com presteza, sempre nos atendiam.

Ao meu orientador, Professor José Carlos Sales dos Santos, pela orientação e pelo incentivo de sempre.

À Gildete Santana Oliveira, bibliotecária, pela presença constante e pelos ensinamentos transmitidos durante toda a caminhada.

À Professora Maria da Glória Sampaio, que tão bem mostrou e esclareceu sobre a importância de uma conduta ética para nosso trabalho.

À biblioterapeuta, Lilian Barbuda, pela atuação nos Encontros Biblioterapêuticos, enchendo de vida e esperança os participantes da pesquisa, e sem a qual não seria possível realizá-la.

A todos os professores e professoras do Instituto da Ciência da Informação – ICI, que contribuíram com segurança e otimismo para o meu aprendizado.

Aos teóricos que subsidiaram e sustentaram nossa pesquisa bem como historiadores das obras contadas nos Encontros Biblioterapêuticos, quer no plano presente quer na pátria espiritual, o meu singelo agradecimento.

À Secretária do Programa de Pós-Graduação e bibliotecárias desse Instituto o meu muito obrigada pela disponibilidade de sempre.

Aos meus colegas de caminhada, obrigada pelo compartilhamento dos saberes, especialmente Téo e Maria Ordley, que me acalmavam nos momentos de dificuldades. Nada construímos sozinhos. Fazemos parte de um todo e cada um de vocês, tenha certeza, deixou sua marca registrada de amor, respeito e carinho.

À minha querida família, que soube compreender as minhas necessidades e ausências, meu esposo, Claudionor, meus filhos amados, Filipe, Lucas e Mariana, minhas netas, Cecília e Helena, meus amores, que me motivam a prosseguir na arte de contar história e me permitem viajar no mundo encantado.

Enfim, a todos os meus amigos que entenderam meu afastamento provisório para dar conta das demandas acadêmicas. O meu abraço fraterno a todos e todas que fizeram e fazem parte da minha vida.

## RESUMO

A biblioterapia, compreendida como a terapia por meio dos livros, pode transmitir informações que possibilitam gerar um estado de enlevo, que desperta emoções e sentimentos em pacientes específicos, como crianças e adolescentes em tratamento de câncer. Nessa perspectiva, esta pesquisa teve por objetivo avaliar como o processo de leitura associada à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira em Salvador. Para a concretização da pesquisa, tornou-se necessária a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira da UFBA (CEP/MCO) sob o parecer n.º 4.827.922. Participaram da pesquisa de campo 29 crianças em tratamento de câncer internadas no referido hospital. Nos procedimentos metodológicos, adotamos a técnica de observação direta e a técnica de aplicação de Formulários nos Encontros Biblioterapêuticos para analisar entre as crianças em tratamento os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias no Hospital Martagão Gesteira. A pesquisa ocorreu no âmbito da oncologia pediátrica, especificamente na Sala de Quimioterapia, na Enfermaria e no Ambulatório Oncológico do Hospital Martagão Gesteira, onde ocorreram os Encontros Biblioterapêuticos e a aplicação dos Formulários entre as crianças e os profissionais de saúde. Nosso trabalho foi embasado nos estudos dos teóricos que versam sobre a temática em tela. Na apresentação e discussão dos resultados, podemos inferir que as práticas biblioterapêuticas respondem positivamente no comportamento das crianças em estado de adoecimento, de modo a permitir mudanças expressivas de um estado doloroso e apático para um estado de alegria, bem-estar e calma, como evidenciado pelos respondentes profissionais de saúde. E ao analisarmos o resultado desta pesquisa, observamos que a biblioterapia contribui para a saúde mental e emocional, potencializando a coragem e a alegria, afastando o medo e a ansiedade, e promovendo bem-estar, como foi comprovado na análise dos respondentes, crianças e profissionais de saúde.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Leitura terapêutica. Mediação da informação.  
Hospital Martagão Gesteira.

## ABSTRACT

Bibliotherapy, understood as therapy through books, can provide information that makes it possible to create a state of wonder in oncology treatment, which evokes feelings and emotions in certain patients, such as children and adolescents. In this context, this study aimed to determine how the reading process associated with bibliotherapy interferes with therapeutic interventions in hospitalized children at the Martagão Gesteira Hospital, Salvador. The research required approval from the Ethics Committee for the Study of Maternal Climério de Oliveira of the UFBA (CEP/MCO) with Opinion Number 4,827,922. In a field study, 29 children were hospitalized for cancer treatment. As part of the methodological procedures, we adopted the method of using forms in the Bibliotherapeutic Meetings to analyze the benefits obtained through the practice of reading and writing stories in the Martagão Gesteira Hospital. The research was carried out in pediatric oncology, specifically in the chemotherapy room, in the ward and in the oncology outpatient clinic of the Martagão Gesteira Hospital, in bibliotherapeutic meetings and the use of forms among children and health workers. Our work is based on the research of theorists who deal with the topic on the screen. In presenting and discussing the results, we can hypothesize that bibliotherapy practices can respond positively to children's behavior in illness situations, moving from a painful and apathetic state to joy, well-being, and change. Peace of mind is confirmed by the healthcare professionals surveyed. In analyzing the results of this study, we find that bibliotherapy promotes mental and emotional health, increases courage and happiness, and reduces fear and anxiety.

**Keywords:** Bibliotherapy. Therapeutic reading. Information mediation. Hospital Martagão Gesteira.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	<b>Obras utilizadas nos Encontros Biblioterapêuticos .....</b>	<b>56</b>
<b>Quadro 2</b>	<b>Sentimentos externados pela biblioterapeuta .....</b>	<b>59</b>
<b>Quadro 3</b>	<b>Histórias preferidas pelas crianças .....</b>	<b>61</b>
<b>Quadro 4</b>	<b>Transcrição das falas das crianças.....</b>	<b>63</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	<b>Representação das emoções mais recorrentes das crianças .....</b>	<b>62</b>
-----------------	--	-----------

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 A LEITURA TERAPÊUTICA NOS DOMÍNIOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
2.1 HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	17
2.2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA .....	20
2.3 BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO TERAPÊUTICO .....	28
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>43</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	44
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....	46
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO.....	47
3.4 PROCESSO DE COLETA DE DADOS .....	47
3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	50
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>51</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>75</b>
APÊNDICE A FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA APLICADO AS CRIANÇAS .....	75
APÊNDICE B FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA APLICADO AO PROFISSIONAIS DE SAÚDE .....	76
APÊNDICE C TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) APLICADO AOS PARTICIPANTES COM IDADE ENTRE 6, 7 E 8 ANOS .....	77
APÊNDICE D TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) APLICADO AOS PARTICIPANTES COM IDADE ENTRE 9, 10 e 11 ANOS...	79
APÊNDICE E TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) APLICADO AOS PARTICIPANTES COM IDADE ENTRE 12, 13 e 14 ANOS.....	81
APÊNDICE F RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 1 .....	83
APÊNDICE G RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 2 .....	85
APÊNDICE H RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 3 .....	87
APÊNDICE I RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 4 .....	89

APÊNDICE J RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 5 .....	91
APÊNDICE K RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 6 .....	93
APÊNDICE L RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 7 .....	95
APÊNDICE M RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 8 .....	97
APÊNDICE N RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 9 .....	99
APÊNDICE O RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 10 .....	100
APÊNDICE P RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 11 .....	102
APÊNDICE Q RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 12 .....	103
APÊNDICE R RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA ENCONTRO 13 .....	105
ANEXOS.....	106

## 1 INTRODUÇÃO

É pela emoção que se recorre ao sonho e à fantasia, autorizando a obtenção de conhecimento sobre as necessidades no campo espiritual, social, afetivo, emocional, físico e intelectual. A necessidade de perseguir um caminho que envolva saúde, vida plena, alegria, encantamento e emoção está presente em todo ser humano. Nesse sentido, a biblioterapia, compreendida como a terapia por meio dos livros, pode transmitir informações que possibilitam gerar um estado de enlevo pelas experiências vividas nos indivíduos, possibilitando emoções e sentimentos que se encontram adormecidos, sentimentos esses que se revelam a depender do repertório de mundo que os indivíduos carregam em si.

Dessa forma, adentrar no universo das histórias infantis e dos textos literários, recurso oferecido pela biblioterapia, a qual se encontra enraizada na Ciência da Informação (CI), possibilitará alargar o conhecimento, que se encontra alicerçado nas investigações desenvolvidas por estudiosos e pesquisadores, sobretudo em ambiente hospitalar e em pacientes específicos, como crianças em tratamento de câncer.

Compreende-se por infância uma etapa de vida que inicia desde o nascimento e se estende até o prenúncio da adolescência. Espera-se que, no mundo infantil, a criança conecte-se com o mundo colorido, onde não há espaço para preocupação, dor e sofrimento, a não ser um joelho ralado pelas traquinices das brincadeiras inventadas. É nessa fase que o mundo de fantasia se mistura e se entrelaça com o mundo real, e dá uma nova forma ao que se imagina. Como já é sabido, é na infância que se constrói o adulto, é nessa fase que o desenvolvimento físico, mental, emocional e social vai construindo a pessoa, adulto responsável pelos seus atos e ações, capacitada a enfrentar os desafios que a vida se apresenta e a fazer escolhas e tomar discernimento.

Esse mundo infantil cheio de espontaneidade e alegria, quando ameaçado por intercorrências, ainda desconhecidas, torna-se hostil e inóspito, o que provoca sequelas que se prolongam, a exemplo do tratamento de câncer, que se estende até se concretizar a cura ou a finitude do ser.

Daí a necessidade de acolher e cuidar desses seres durante o processo de adoecimento na busca constante da qualidade de vida. Cabe aos profissionais de saúde dar suporte a essas crianças e adolescentes, incluindo o psicólogo, uma vez

que sem a devida atenção às reações emocionais, gera-se a inaceitação do diagnóstico, sérios prejuízos no tratamento e até sua interrupção.

Por isso, investimos nos Encontros Biblioterapêuticos, acompanhados das ferramentas que possibilitam encontro consigo mesmo e com o outro, pois acreditamos, sim, no poder da palavra expressa na literatura, que enche o coração de esperança e mobiliza a força interna que está dentro de cada um de nós, e muito mais aflorada na criança, que se envolve em um simples gesto de amor quando nos debruçamos e nos tornamos próximos a ela, numa linguagem apropriada a esse ser diante de nós e com a qual, com toda magia e criatividade, embarcamos no mundo de alegria e fantasia que nos leva onde nossa imaginação permite.

É por acreditar na força do enredo, que as histórias contadas promovem o desejo de ir em busca, cada vez mais, dessa força que provoca sensibilidade e magia, que nasceu o forte desejo de um maior aprofundamento na pesquisa científica que ora apresentamos.

O anunciado desejo originou-se de momentos de contação de história na Brinquedoteca do Hospital Martagão Gesteira, instituição situada na cidade de Salvador. A presente investigadora atuou como voluntária no período de 2013 a 2018, contando histórias para crianças presentes nos espaços terapêuticos, que, em horário planejado pelo hospital, buscava proporcionar momentos de alegria, não somente pela contação de histórias, como também de ludicidade: brincadeiras, jogos, teatrinho, filmes e outros, assim como no leito hospitalar, quando a criança estava impossibilitada de se afastar do citado ambiente, mantendo-as nas dependências das enfermarias. As histórias eram contadas com participação de pais ou acompanhantes, sempre bem aceitas, o que estava expresso na fisionomia daqueles participantes.

Vale ressaltar que, durante os cinco anos como voluntária do referido Hospital, nós ainda não conhecíamos a verdadeira essência da biblioterapia, todo o nosso fazer se restringia ao entretenimento e à promoção do bem-estar da criança.

Diante do que fazíamos e refletindo sobre o efeito das nossas práticas entre as crianças em adoecimento, enveredamos na proposta da pesquisa, que procurou, conforme a concepção humanística, investigar sobre a relevância da biblioterapia em ambientes hospitalares. A investigação esteve orientada às crianças acometidas por câncer e que estavam em tratamento ou internadas no Hospital Martagão Gesteira.

Esta pesquisa orienta-se pelo seguinte questionamento: como o processo de leitura associado à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira?

Frente a essa questão, definiu-se como objetivo: avaliar como o processo de leitura associada à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira. Para assegurar a exequibilidade do objetivo proposto, esquadramos os objetivos específicos, que permitiram: (a) identificar as práticas biblioterapêuticas utilizadas nas crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira; (b) analisar entre as crianças em tratamento os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias no Hospital Martagão Gesteira; (c) descrever como a prática da biblioterapia auxilia no tratamento das crianças acometidas por câncer na atuação dos profissionais de saúde no Hospital Martagão Gesteira, como médicos, enfermeiros e psicólogos.

Essa proposta procurou fundamentar-se em estudos clássicos e emergentes de pesquisadores que dedicam o seu tempo à função terapêutica, sempre orientados a investigar o papel da leitura e da contação de história em hospitais especializados. É pelo aprofundamento do conhecimento científico, e com o olhar voltado às necessidades das crianças acometidas por doenças, especificamente câncer, é que seguimos nos caminhos desta pesquisa. Práticas realizadas por instituições sem fins lucrativos que utilizam a leitura como coadjuvante terapêutico, em diferentes contextos, têm demonstrado a importância dessa técnica para o tratamento da saúde.

Conforme as considerações citadas, em busca de um resultado que contribuísse nas pesquisas associadas ao âmbito social e afetivo, com temáticas humanísticas e de inserção comunitária, a pesquisa se propôs a seguir esse caminho investigativo.

Considerando a presente contextualização introdutória, buscamos, na segunda seção, fundamentar, por meio de teorias e conceitos, o histórico da biblioterapia no Âmbito da Ciência da Informação. Nessa seção, discorreremos sobre a biblioterapia e a Ciência da Informação e sua vinculação, destacando seu conceito e sua origem partindo-se da informação como mola propulsora para apropriação do conhecimento, assim também na seção “Mediação da informação e o processo da leitura terapêutica”, a qual é uma ação de interferência que se realiza no ambiente informacional. Nesse contexto, verificamos a importância de enfatizar a leitura terapêutica, a leitura e a contação de história, traçamos um panorama da história da

leitura, tomando como base o seu papel e sua origem como catalizador de informações que facilita o processo de contação de história que se tornou o lastro dos Encontros Biblioterapêuticos, e com isso adentramos na seção “Biblioterapia como recurso terapêutico”, as quais se mostram imbricadas.

Nessa trajetória, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira da UFBA (CEP/MCO), agendamos a primeira reunião junto ao corpo de Psicologia do Hospital Martagão Gesteira, para estruturar a pesquisa de campo, com datas pré-fixadas, dentro das possibilidades do hospital, considerando e respeitando os trâmites conforme rotina hospitalar. Após reunião, visitamos o setor da Comissão Avaliadora de Ensino e Pesquisa (CAEP) para tratativas de acesso ao hospital pela pesquisadora e pela biblioterapeuta, o que resultou na emissão dos crachás.

A seção orientada à metodologia da pesquisa representou parte dos aspectos necessários ao entendimento do caminho percorrido na investigação, em que apresentamos a caracterização do estudo com os aspectos relevantes para estruturar a pesquisa, e por envolver seres humanos, cumprimos o que preconiza a Resolução n.º 466, do Conselho Nacional de Saúde, de dezembro de 2012, e a Resolução n.º 510/2016. A pesquisa, que adota como método o estudo de caso, caracteriza-se como descritiva, sua abordagem é qualitativa, isto é, possibilita a análise das informações advindas das técnicas de observações diretas e da aplicação dos formulários aos participantes.

O universo da pesquisa totalizou 13 Encontros Biblioterapêuticos com 29 crianças pesquisadas, sendo que 9 desses encontros foram realizados em 2021 com a participação de 21 crianças e 10 profissionais de saúde. E os 4 últimos Encontros ocorreram em 2022 com a participação exclusiva de 8 crianças.

O processo de coleta de dados visou atender aos objetivos específicos que possibilitaram responder ao questionamento da pesquisa conforme observações ocorridas nos Encontros Biblioterapêuticos e registros dos formulários aplicados, estes, norteados e analisados sob o prisma dos ensinamentos dos teóricos já apresentados na investigação durante o desenvolvimento da pesquisa.

Na apresentação e na discussão dos resultados das análises de informações dos Encontros Biblioterapêuticos, demonstramos o que as crianças sentiam, expressão de sentimentos quando ouviam a narração das histórias selecionadas. Percebemos, diante da prática biblioterapêutica, identificação, diálogo, empatia,

compassividade, transcendência, imaginação e sonhos a serem realizados, estes manifestados nas falas dos pesquisados.

Nas considerações finais, apresentamos que a prática da biblioterapia ajuda na saúde mental e emocional das crianças, contribuindo para desenvolver a coragem, amenizar a ansiedade, o medo, o estresse e outros sentimentos que agravam a saúde do paciente. Promove, portanto, bem-estar e transforma momentaneamente estados emocionais fragilizados em resultados positivos de calma, alegria e riso.

## 2 A LEITURA TERAPÊUTICA NOS DOMÍNIOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Fundamentamos a presente seção nos estudos dos teóricos que apoiaram o desenvolvimento e a elaboração desta pesquisa na qual nos propomos identificar e analisar como ocorre o processo de leitura associada à biblioterapia orientada às crianças com câncer em tratamento ou internadas no Hospital Martagão Gesteira.

Para isso, subdividimos em três subseções para apresentar a fundamentação teórica, que se encontra lastreada na revisão da literatura. Dessa forma, apresentamos o histórico da biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação (CI); em seguida, versamos sobre a mediação da informação – envolvida com os textos literários dentro do contexto social como facilitadora da catarse; discorreremos sobre a leitura terapêutica – suporte que promove identificação, projeção, introspecção e catarse, elementos necessários à liberação de emoções e tensões reprimidas que possibilitam a cura das doenças; entendemos a biblioterapia como recurso terapêutico – que possibilita o enfrentamento das situações adversas em que a vida se mostra; e, finalmente, fazemos a leitura e a contação de história como práticas que promovem alívio das emoções diante da situação em que se encontra.

Ao refletir sobre a dialogia circunscrita entre a Biblioterapia e a Ciência da Informação, percebemos a importância da palavra em seu entorno; esta, seja ela escrita ou falada, possui um poder de transformação a quem é dirigida e, ao atingir o leitor ou ouvinte, faz-se presente em seu íntimo. Ouaknin (1996) caracteriza-a como sopro humano, alma de vida. Ao citar os terapeutas formados na escola do texto hebraico, o autor enxerga o ser humano como um “corpo falante”. Nessa perspectiva, revela que “o “sopro da vida” passa pelo “sopro da palavra”. O terapeuta cuida da palavra que anima e informa o corpo. Para Ouaknin (1996, p. 14) “Curar alguém é fazer falar e observar todos os obstáculos a essa palavra no corpo”. E nesse diálogo estabelecido, entre a CI e a Biblioterapia é que verificamos o quanto a primeira é atuante, haja vista a busca de suporte em outras áreas do conhecimento a qual lhe é requerida, e nessa trajetória, procura dissolver os obstáculos, estes, alertados pela prática da biblioterapia. É por essa via que a literatura, por meio dos livros, dá sustento à palavra escrita, veiculando significados, permitindo a identificação com aquilo que se lê ou ouve.

## 2.1 HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No século I, no sul da Alexandria (cidade portuária do Mediterrâneo, no Egito), havia uma confraria que tinha o nome de “Terapeutas”. Os primeiros terapeutas foram filósofos, considerados médicos por cuidarem do corpo. Essa terminologia era-lhes atribuída, porque, além de cuidar do corpo-objeto, voltavam-se para aquilo que anima o corpo, o sopro da vida, que também se denomina de alma.

Percebe-se, pelas contribuições de Alves (1982) e Ouakinin (1996), que, apesar da utilização da biblioterapia ser recente, há muito a noção do valor terapêutico da leitura já se fazia presente na história da humanidade, como prova o fato de, há milênios, o faraó egípcio ter mandado colocar na fachada de sua biblioteca a inscrição “Remédios para alma” e, na Idade Média, de acordo com a abadia de São Gall, ter havido a inscrição “Tesouro dos remédios da alma”.

Biblioterapia é um termo composto de dois elementos de origem grega, “biblio” e “terapia”. Apesar da definição aparentemente simples, outras questões mais complexas envolvem a sua prática, dentre elas observa-se o significado do livro, da leitura, da doença, da cura e qual o sentido dado a palavra terapia? Será somente a cura? (OUAKNIN, 1996).

A biblioterapia mostra-se como uma prática que pode contribuir como terapia auxiliar nos diversos setores da vida social, seja em creches, hospitais, asilos, em ambientes on-line, cárceres ou lugares onde haja situações de sofrimento. Em torno de 1800, a biblioterapia foi utilizada nos Estados Unidos pelo médico psiquiatra norte-americano Benjamin Rush (1746-1813), que recomendava a leitura para doentes mentais. É no processo de leitura e contação de história que o ser humano cria vínculos afetivos, desenvolve a imaginação e aprendizagem. Nesse sentido, a literatura oferece um cabedal de informações que gera conhecimento e permite, assim, o ser humano desenvolver habilidades que o tornam um forte aliado no desenvolvimento social e cultural.

A informação é a mola propulsora que instiga e potencializa a elaboração do conhecimento, abrindo caminhos para possíveis interdisciplinaridades numa participação ativa na evolução da sociedade. Ela preenche lacunas outrora desconhecidas.

No processo de desenvolvimento da humanidade, a informação esteve presente. Nesse contexto, desde sua gênese, a CI palmilha por um caminho que promove o desenvolvimento sociocultural dos seres humanos, haja vista sua representatividade nas dimensões social e humana entre as diversas áreas do saber.

A informação constitui insumos significativos e contextualizados pelo sujeito pensante, cognoscente. Segundo Setzer (2015, p. 2), a “[...] informação é uma abstração informal (isto é, não pode ser formalizada através de uma teoria lógica ou matemática), que está na mente de alguém representando algo significativo para essa pessoa.” Nesse sentido, a informação se realiza quando o receptor a compreende. O autor citado não conceitua informação; ele a caracteriza. Diferencia-se de dado, definido como sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis, que, uma vez inteligível, é sempre incorporada por alguém como informação, tendo em vista que os seres humanos (adultos) buscam constantemente significação e entendimento.

A origem da CI está ancorada na revolução científica inscrita no século XX. Com a identificação da explosão informacional, tornou-se necessário desenvolver métodos para análise e organização da grande quantidade de informações surgidas após a Segunda Guerra Mundial, portanto a CI nasceu no lastro desses dois grandes eventos.

Guzmán (2005) discute o surgimento da CI destacando que no século XVII, no auge informacional, verificou-se a necessidade de registrar as informações por meio de associações de bibliotecas especializadas, centros nacionais de documentação, o que culminou na publicação do Tratado de Documentação de Paul Otlet. É nesse contexto histórico que a CI emerge. A segunda Guerra Mundial constituiu um episódio na história da humanidade para que a CI se estabelecesse enquanto domínio do conhecimento emergente, pois é nesse momento histórico que várias disciplinas foram criadas e as quais contribuíram para o desenvolvimento científico, o que suscitou o avanço tecnológico.

A CI alcançou uma forte concepção conceitual com os estudos de Borko (1968), ao tentar esclarecer a natureza e o seu campo de atuação. Assim sendo, instigou discussões esclarecedoras sobre o pensar e o fazer do cientista da informação, e a relação existente com a Biblioteconomia. Foi por essa via que Borko (1968, p. 1), inspirado pelas ideias de Robert S. Taylor, define a CI como

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.

Por ser uma ciência com aspirações interdisciplinares, com contribuições de diversos campos do conhecimento relacionados à Matemática, à Lógica, à Linguística, à Psicologia, à Ciência da Computação e outras áreas, ela se preocupa com o corpo do conhecimento que está relacionado à informação pertinente ao campo do estudo.

A CI é relevante às organizações, instituições e sociedade – logo, aos indivíduos, uma vez que ela propicia melhorias nos diversos âmbitos do contexto social. Outros fatores comprovam sua importância não só pela obsolescência do conhecimento técnico, mas também pelo avanço e pelo crescimento de periódicos e livros. Outro aspecto relevante é o número expressivo de cientistas e especialistas que nas diversas áreas do conhecimento exigem prontidão e agilidade da informação.

Na concepção de Saracevic (1996), CI é um campo voltado para as questões científicas, práticas profissionais. De acordo com os problemas, as áreas são concentradas e definidas, com métodos próprios que têm como objetivo solucionar questões ou situações que se apresentam. Atribui-se a essa ciência o papel marcante no âmbito social. “A CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia.” (SARACEVIC, 1996, p. 42).

Seguindo os passos da constituição dos domínios científicos, a CI ao longo desses anos vem evoluindo, tomando corpo desde a década de 1950. As atividades se ampliaram e diversificaram; estas, amparadas pelos financiadores, foram se organizando, estendendo debates e argumentos que buscavam em outras áreas do conhecimento solução mais adequada. Daí a referência à CI como uma ciência do campo interdisciplinar.

Assim, a Biblioteconomia vem ao longo dos anos construindo história cujas atividades estão voltadas às práticas relacionadas à organização e à disseminação da informação. Como disseminadora da informação, a Biblioteconomia estende-se a um novo campo onde emerge a biblioterapia. De acordo com Alves (1982, p. 55), “Em 1914, a biblioterapia passa a ser considerada como um ramo da biblioteconomia, quando uma certa bibliotecária, assumindo a direção de uma biblioteca hospitalar, em Massachusetts, resolve fazer suas próprias experiências.” Ao inseri-la no campo da

Biblioteconomia, observamos a interlocução entre a biblioterapia e a Ciência da Informação, uma vez que se interligam e se alimentam mutuamente num diálogo em que a mediação da informação se mostra atuante.

Nesse contexto, observamos que a mediação da informação e a leitura terapêutica são constituídas pelo processo dialógico sem o qual não existiriam, uma vez que a dialogia é o esteio da mediação. Isso se confirma quando Gomes (2014, p. 48) sinaliza que “[...] a ação mediadora é compreendida como uma ação essencialmente pautada na dialogia”, assim também o é a leitura terapêutica, já que seu efeito terapêutico depende da mediação lastreada no diálogo.

## 2.2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA

O termo mediar é uma ação intervencionista estabelecida entre as relações humanas que se dá por meio de um elemento mediador.

[...] intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois ou estar no meio, o conceito de mediação aplicado sob diferentes perspectivas, indicando ideias de interveniência, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediador. (RASTELI 2013, p. 24).

Sobre isso Almeida Júnior (2015, p.25) assinala que:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais – direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Em conformidade com as abordagens acima, verificamos a necessidade de encontrar caminhos que permitam a apropriação das informações que promovam intervenções necessárias ao contexto que se propõe. Nesse sentido, por estarmos de acordo com a proposta do estudo e ser diretamente ligada à CI, justificamos tecer comentário sobre a mediação dentro do contexto da ciência em tela.

Segundo Gomes (2014), o *locus* da mediação é constituído das práticas de comunicação e transmissão cultural que envolve compartilhamentos tanto objetivos quanto subjetivos num processo de dialogia. Esse processo ocorre à medida que o leitor compreende o conteúdo da mensagem e dialoga com o sujeito, o que possibilita,

assim, o encontro entre consciências daqueles que escreveram daqueles que leem. É por meio do pensamento e da articulação de linguagem que a interlocução acontece.

Com as práticas de comunicação e o compartilhamento das histórias lidas ou contadas, o mediador apropria-se da informação para permitir que um mundo novo possa ser visto e uma nova forma de vê-lo emergja. Para tanto, faz-se necessário observar a conduta do mediador no processo de mediação, a qual exige capacitação, pois, de acordo com Abreu (2019, p. 38-39), “[...] o papel dos mediadores é buscar várias formas de mediar e incentivar a leitura para além do texto, levar a reflexão por meio do diálogo do que foi lido e das informações constantes nas entrelinhas.”

Diante disso, evidenciamos o papel preponderante do mediador como um sujeito de transformação do indivíduo, no que tange à apropriação do conhecimento e sua transmissão no processo dialógico. Por isso, torna-se necessário aprofundarmos no conteúdo expresso, estabelecendo um diálogo profícuo de possibilidades. É por essa via que se constitui o sujeito com as peculiaridades que lhe são próprias nas diversas relações sociais e situações vivenciadas.

Ainda nesse contexto, Almeida Júnior (2015, p. 11) acrescenta que “[...] nosso conhecimento se constrói mediado e, da mesma forma somos mediados na construção do conhecimento dos outros.” Isso confere aos mediadores a troca de saberes que se entrelaçam no diálogo que se concretiza na experiência do viver.

Ao refletirmos sobre o papel social dos mediadores da informação, na presente pesquisa verificamos a importância da sintonia entre os agentes da ação e dos mediados, enquanto instrumentos de interlocução dessa ação. Observamos que, no momento da mediação, o dinamismo deve nortear o trabalho que lhe confere, especialmente no auxílio do tratamento de crianças no estado de adoecimento.

Em conformidade, Gomes (2014) acrescenta que o agente mediador da informação torna-se um protagonista social no processo de mediação. Entendemos como protagonista, de acordo com Souza *et al* (2020, p. 8), aquele “[...] sujeito que realiza os enfrentamentos, combate a intolerância, as barreiras e a desigualdade presentes nos ambientes sociais, de modo, a mudar sua vida e a dos demais sujeitos.” Como protagonista, torna-se necessário que esse agente mediador esteja atento e consciente do seu desempenho enquanto ser social e instrumento de mudanças em si e no outro. Nessa perspectiva, Gomes (2014, p. 48-49) ressalta que:

Um mediador consciente compreende que somente o processo dialógico torna bem sucedida a mediação pretendida. Isso também implica em admitir que os sujeitos envolvidos nesse processo são singulares, podendo e devendo assumir o protagonismo da ação. Essa compreensão revela a mediação como um processo dialético que exige do agente mediador uma disposição e preparação para atuar no respeito a essa condição fundante da ação mediadora. E, ao mesmo tempo, ser capaz de se auto-avaliar, buscando seu auto-conhecimento para superação de seus próprios limites, mas também para se colocar como um sujeito implicado no processo, que se responsabiliza por ele, aperfeiçoando seu próprio perfil protagonista.

Observamos que, ao promover a mediação, os envolvidos são estimulados por oportunidades e potencialidades que se realizam no fazer informacional, o que suscita clareza de propósito, disposição, responsabilidade e cuidados conscientes para conquista do espaço e autorrealização no protagonismo social, sem, contudo, deixar de lado ou afastar a singularidade de cada um implicado nesse processo. Ressaltamos o cuidado ético que cada um deve ter por tratar-se de vidas, e vidas em movimento, portanto necessitando de cuidado e acolhimento. Gomes (2014, p. 53) convoca a comunidade da área sinalizando que:

[...] o mediador da informação é um agente envolvido com o ato de cuidar. Isso indica a necessidade de se incluir na agenda de pesquisa da Ciência da Informação estudos sobre a mediação da informação enquanto uma ação relacionada ao cuidado e aos aspectos psicológicos, estéticos e éticos que envolvem esse processo fundamental no trabalho com a informação.

Assim, cabe ao profissional da mediação da informação a observância dos aspectos inerentes às atividades por ele ministradas, as quais estão assentadas nas quatro dimensões: dialógica, estética, formativa e ética. De acordo com Gomes (2014), essas dimensões devem constar no processo de mediação, tendo em vista que os sujeitos envolvidos estão centrados na relação dialógica, definida como a primeira; na dimensão estética, ancorada na beleza e no prazer.

Quanto à dimensão formativa, acontece quando o conhecimento mostra-se como uma nova maneira de enxergar a realidade, promovendo mudanças que possibilitam um novo ser que se forma, enquanto a dimensão ética, atrelada ao autoconhecimento consciente, torna-se necessário para compreender o outro, o meio e o contexto que esse outro está inserido. Percebemos que esta última, torna-se mais evidente quando a atividade a ser realizada requer maior cuidado.

A mediação da informação, conforme já evidenciado, está nas relações sociais que constituem o sujeito. Segundo Silva e Almeida Júnior (2018, p. 74), “[...] mediação

tornou-se um conceito contemporâneo nas áreas no âmbito da formação de leitores e de disseminação da informação e áreas afins.”

Nesse sentido, torna-se importante ressaltarmos o valor da leitura mediada nos encontros biblioterapêuticos, no que concerne à mediação da informação, com foco no contexto sociocultural. Às histórias lidas, contadas ou dramatizadas, a exemplo dos contos de fadas, trazem em seu bojo características de expressões que remetem aos obstáculos a serem simbolizados pelos indivíduos que as escutam. Daí verificamos a importância do mediador no cuidado com a escolha da literatura a ser adotada, com vistas ao conteúdo que será transmitido para o sucesso no ato de mediar.

Mediar é um abrir-se ao novo; predispor-se à novidade que evoca a transcendência, a imaginação e a criatividade. Ao colocar-se diante do conteúdo expresso das informações constantes nas histórias lidas ou contadas, um novo sentido se manifesta e permite, assim, identificação entre um sujeito e outro sujeito que se realiza num tráfego de ideias e pensamentos.

Nessa conjuntura, Caldin (2004, p. 72, grifo nosso) mostra-nos a aplicação terapêutica de textos literários inferindo que a função terapêutica desses textos promove não somente o prazer da arte, mas também identificação, projeção, introspecção e catarse, elementos necessários à liberação de emoções e tensões reprimidas que possibilitam a cura das doenças. E prossegue afirmando que:

O texto escrito direcionado à criança pode ter aplicabilidade terapêutica, isto é, pode **produzir emoções e apaziguá-las, proporcionando a catarse aristotélica- a justa medida dos sentimentos- conduzindo ao equilíbrio necessário à mente infantil; pode produzir o riso- que transforma a dor em prazer**; pode construir identificações nos modelos literários – personagens, situações ou intrigas que circulam no texto, ao valer-se da introjeção ( em que certos objetos são absorvidos pelo ego) e da projeção (quando a dor dentro do ego é empurrada para o exterior), pode proporcionar a introspecção - pela reflexão, e pode favorecer a compreensão- o imaginário suprimindo o real.

Os sentimentos que habitam as crianças, quando expostas aos textos literários, podem gerar muitos benefícios à saúde mental. Os relatos das experiências com crianças hospitalizadas comprovam a sua eficácia. A autora discorre sobre a aplicabilidade das histórias selecionadas, as quais foram utilizadas com finalidade terapêutica que tinham como objetivo a superação dos problemas enfrentados. Em experiências por ela vivenciadas, conforme enredo, a história promovia identificação

e despertava um novo sentimento que removia a tristeza para dar espaço à alegria e à esperança, mesmo que fosse momentânea.

Isso se confirma quando a autora traz o imaginário, presente na mente infantil, por meio do conto literário, considerando que faz parte da atividade criadora da criança frente à realidade. A autora defende que o prazer estético passa pela influência do literário e de outras atividades infantis que despertam imaginação e fantasia para que por meio da linguagem se expressem e atuem no mundo. Diante disso, verifica-se que:

Na psique infantil o imaginário e a fantasia podem ser liberados pelo contato literário (escrita, audição ou leitura), pois são constitutivos da atividade criadora da criança sobre a realidade. Existe, portanto, um caminho para chegar ao prazer estético, que na criança passa pela influência do literário, da brincadeira, dos jogos em seu imaginário, em sua fantasia, mas que se manifesta como atuação no mundo, como linguagem. (CALDIN, 2004, p. 72-73).

Podemos perceber que a criança, ao se identificar com os personagens das histórias contadas, libera sentimentos que possibilitam o equilíbrio necessário à mente infantil. Dessa forma, Caldin (2004, p. 73) acrescenta “[...] admite-se a possibilidade de, pelas vias do literário, suscitar não apenas prazer estético – a atividade constitutiva da arte – mas também atribuir uma função terapêutica à leitura e narração de histórias infantis.”

Ao atribuímos a função terapêutica à leitura e à narração de histórias infantis no contexto hospitalar, podemos verificar o valor dessa prática, uma vez que a criança hospitalizada se encontra no ambiente bem distinto daquele em que habitualmente convive onde as brincadeiras e o contato com outras crianças são constantes e dão sentido à sua existência.

Por isso, admitimos que a prática da leitura e da narração de histórias infantis pode proporcionar bem-estar e, conseqüentemente, permitir reduzir o medo e a ansiedade tão comuns em crianças hospitalizadas. A criança acometida por doenças é atraída por histórias que representam os seus desafios, ao revelarem um processo de identificação com as histórias e os diálogos dos personagens. A literatura orientada aos processos terapêuticos possibilita uma proximidade com o sofrimento humano.

Nesse contexto, podemos verificar a função terapêutica da leitura mediada nos encontros biblioterapêuticos, a projeção das emoções de tristeza, medo e angústia instalada nos personagens conforme o enredo. Assim, a liberação dessas emoções

promove na criança o apaziguamento dessas emoções, a qual denominamos de catarse.

Daí assegurarmos que a leitura terapêutica está imbricada com a interpretação e o sentido. Diante dessa afirmativa, torna-se necessário conscientizar-nos do poder da linguagem; esta, por ser um recurso valioso de expressão e comunicação. Notamos que, ao interagir, o emissor atinge os ouvintes ou leitores, a depender da forma de quem emite, que, por sua vez, está permeada de experiências e vivências suscetíveis à contaminação. Nessa mesma via, a compreensão do que é transmitido depende do ouvinte, que carrega em si todo um aporte sociocultural. Isso se justifica quando percebemos que a história se modifica de acordo com o olhar dos receptores, gerando novos sentidos e promovendo resignificação.

O contexto histórico de cada época influencia a percepção do receptor, uma vez que o ambiente, o espaço de vivência, interfere na conduta humana, ao gerar novas formas de entender o mundo.

Com isso, torna-se necessário considerar o papel da leitura como veículo de produção de sentido com o cuidado de observar a essência daquilo que é transmitido diante das transformações e efeitos ocorridos na sociedade. Portanto, evitar que se torne um ato puramente técnico, pragmático e consumista é o cuidado que cada leitor ou ouvinte precisa ter.

Assim, Barreto (2006) considera a importância do ser humano sair de si para ir ao encontro do outro, estabelecendo relações entre os sujeitos com seus significados. Nesse processo de relações construídas, as lembranças são vivificadas considerando os fatos e experiências vividas, o que possibilita a construção social na qual o indivíduo se insere.

As vivências carregadas de sentido, na maioria das vezes acessadas pela memória, trazem em si um contexto daquela experiência única singular, bem como todo um contexto social que se mesclam e se definem como um conjunto de atos e fatos instalados na memória coletiva.

Nesse contexto, Barreto (2006, p. 38), baseada no estudo de Bruner (1997), enfatiza que “[...] a questão da construção do eu por meio de nós, e vice-versa, só vai ocorrer pela troca das experiências que acontecem no cotidiano, no dia-a-dia do mundo empírico”. Por isso se justifica o quanto as experiências vivenciadas contribuem na compreensão daquilo que é lido e absorvido na comunhão de ideias.

Ainda baseada no mesmo pensamento de Bruner (1997), Barreto (2006) informa que na troca de experiência construída e lastreada pela comunicação, seja ela oral ou escrita, faz-se necessário atentar para um aspecto importante, o sequenciamento da narrativa, que é o elemento organizador. Este facilitará a compreensão do texto, a identificação dos personagens, assim como o lugar onde ocorrem os eventos e estados mentais que envolvem os seres humanos no âmbito dos personagens ou autores.

A autora em referência infere que uma narrativa pode estar assentada numa história real ou fictícia; o importante é que a história transmita a sequência das sentenças, independentemente de serem verdadeiras ou criadas, o que determinará a configuração do enredo e suas significações no contexto comunicacional, de modo a possibilitar o acesso à realidade por meio da ficção sem, contudo, confundir com o real.

A capacidade que o leitor possui de interpretar aquilo que não é comum e ressignificar é uma condição humana que se forma na interação entre os sujeitos por meio do diálogo nas experiências que se estabelecem entre o autor e o leitor. O sentido do texto ressignificado resulta em novas e diversas produções de sentidos que se ajustam ao modelo social sem perder as características da prática social.

Para Barreto (2006, p. 41), “A narrativa e o texto são uma conquista mental oriunda de uma conquista social que empresta estabilidade ao cotidiano”. Essa conquista advém das experiências e dos acontecimentos que se dão no próprio ato de viver. Vão construindo relações significativas onde se ampliam formando um tecido social que se entrelaçam, equilibram e disponibilizam à vida no dia a dia.

Por sua vez, ao partilhar história e experiências ao longo da vida, verificamos a possibilidade de construir novas significações que vão emergindo e se transformando na dinâmica da comunicação. Sobre isso, Barreto (2006, p. 42) acrescenta, “Quando ocorre um processo comunicativo, pressupõe-se uma relação entre sujeito e objeto. No caso da leitura, essa relação, apresenta uma peculiaridade: o sujeito leitor movimenta-se através do objeto texto.”

Uma outra abordagem inferida por Barreto (2006) quanto à leitura e seus fenômenos é a capacidade de provocar no leitor uma consciência que se expressa em atitudes, ao permitir uma rede de relações que se interliga, em uma troca de experiências, num movimento dialético, estas, esboçadas no texto, na memória e naquilo que ele espera, o que estabelece, assim, uma inter-relação entre o texto e o leitor.

Com isso, admitimos que no ato da leitura a imagem formada tem um significado importante quando da impossibilidade de enxergar o que não está explícito no texto, ela é a base que se refere ao ausente. Dessa forma, dá margem às transformações carregadas de subjetividade que a presentifica.

Segundo Gumbrecht (2010), a presentificação mostra que os mundos passados podem se tornar de novo tangíveis. Ao ler um texto literário, a dimensão de presença é evidenciada na tipografia, no ritmo, na linguagem, até mesmo no cheiro do papel. Esse pensador assegura que “[...] em princípio, que todas as nossas relações (humanas) com as coisas do mundo devem ser relações fundadas ao mesmo tempo na presença e no sentido [...]” (GUMBRECHT, 2010, p. 136). Como professor, seu maior objetivo é fazer com que seus alunos sentissem com intensidade momentos específicos que trouxessem alegria, nostalgia ou mesmo dor, ele desejava que seus alunos vivessem momentos de admiração nos diversos aspectos em que a vida se apresenta.

Nessa perspectiva, trazer o mundo passado para o presente tendo como veículo a memória é resgatar uma vivência que pode causar alegria ou sofrimento com possibilidade de estabelecer um sentido existencial.

Nessa dinâmica, podemos verificar também que tanto a memória quanto a leitura possibilitam resgate de contextos que se atualizam. O processo de reconstrução do tempo passado permite ressignificar o plano existencial, ao trazer para o momento atual os conteúdos experienciados. Portanto, o indivíduo enquanto leitor reconstrói a memória, resgatando-a, reformulando-a em diversos contextos.

Nesse sentido, constatamos que o desenvolvimento intelectual e cognitivo do ser humano no processo da leitura, o qual teve sua origem no plano da oralidade, este, também responsável pela difusão das vivências experienciadas que se constituíram em acervos histórico, social, cultural e familiar, os quais dão forma e são formados por eles. Em síntese, a leitura impulsiona avanço no caminhar da humanidade.

Dando seguimento, na próxima seção procuramos discorrer sobre biblioterapia como recurso terapêutico; para isso, buscamos abordar a história da leitura, enfatizando os aspectos da linguagem, assim como a importância da narração das histórias infantis para a saúde emocional e psíquica.

### 2.3 BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO TERAPÊUTICO

Há quatro milênios foram encontradas placas de argila em Tell Brak, na Síria, as quais, segundo os arqueólogos, mostravam registros de animais que possivelmente seriam cabras e ovelhas, bem como marcas leves entalhadas decodificadas com o número dez. Nesse contexto, segundo Manguel (1997), o fato de olhar as placas pode fazer prolongar a memória resgatando-a e tornar possível a participação de um ato de criação, a qual permanece viva, enquanto as imagens entalhadas forem vistas, decifradas e lidas.

O referido autor atribui aos personagens encontrados em obras de artes, num passado longínquo, a leitura presente na vida desses homens e mulheres, tendo em vista que, nessas obras, esses personagens carregavam o livro, o que denota o estado de cada um desses sujeitos, suscetíveis à imaginação de quem as vê. Na quietude e no silêncio do leitor, um novo mundo se descortina.

Ao adentrar no tema “leitura”, percebemos como a história da leitura se deu ao longo dos séculos. Dessa forma, observamos seus obstáculos, semelhanças, avanços e complexidade. Chatier (1999, p. 24) resgata-a, mostrando que “A leitura antiga é leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecemos, tal como o conhecia Gutemberg e tal como o conhecia os homens da Idade Média.”

Discorrer sobre a história da leitura e sua escrita é caminhar por uma trilha que remonta a um passado que aponta para um novo lugar no mundo. Nesse percurso, muitas transformações ocorreram: do códex, perpassando pelo livro impresso, até o livro eletrônico.

Cada fase percorrida notabilizou-se num avanço e desenvolvimento significativos na formação de leitores mais eficientes, bem como no aumento destes, ao acesso à leitura, sem com isso abandonar o formato original que se ajusta tanto à modalidade antiga como a mais atualizada do dispositivo livro que a exemplo do códex mantém a estrutura da encadernação e paginação e na tela do computador como ocorria no rolo que transcorria na verticalidade.

No atual contexto, a forma de ler textos e livros também se modificou por conta do advento da internet e dos suportes digitais, como o *notebook*, *tablet*, celular –

formas que influenciaram e contribuíram para o avanço da leitura digital, o que denota uma diversidade de experiências em face daquela registrada no papel.

Contudo, apesar dos avanços históricos de conteúdos informacionais e seus respectivos suportes, observamos que a cultura do manuscrito se manteve por muito tempo, mesmo após à invenção de Gutemberg. Isso se justifica pela existência de textos proibidos, os quais deveriam permanecer secretos, bem como a resistência em aceitar os livros impressos, atribuindo à ausência de familiaridade entre autores e leitores assim como a suspeita dos textos serem corrompidos quando da sua correção por mãos mecânicas e práticas comerciais, uma outra contribuição de Chatier (1999).

Outra abordagem no que se refere à história da leitura, que retrata sua gênese e importância, é o benefício do ato de ler. A leitura não se restringe às palavras, mas sim à capacidade de compreender não apenas com os cinco sentidos inerentes ao ser humano, mas com todo o corpo, com o qual se pode decodificar, traduzir, dar voz ao ler. O ato de ler desperta os sentidos. Nessa perspectiva, a leitura ultrapassa a fronteira do desconhecido diante daquilo que somos, possibilita romper os limites que impedem elaborar novas construções.

Segundo Manguel (1997), a ideia do ato de ler é a capacidade de entender o que lê. Nesse sentido, Yunes (2002) reforça esse pensamento quando apresenta o conceito de leitura, especialmente no que tange à escolarização; a autora confirma a incapacidade do sujeito de compreender o que leu, mesmo sendo escolarizado, afirmando, inclusive, que o bloqueio à leitura pode ocorrer como obstáculo que impede o processo de aprendizagem, fenômeno que pode ser visto até mesmo em universitários na compreensão e entendimento dos materiais de estudo.

Para Hillesheim *et al* (2011), a leitura informa, deforma e transforma. Essa afirmação baseia-se nos estudos e nas experiências vivenciadas diante das mudanças provocadas no ato da leitura, que, quando estimuladas ou apaziguadas, verificam-se transformações desde a postura do corpo até as mais profundas camadas da psique humana.

Para que se realize a interpretação, torna-se imprescindível apropriar-se da linguagem, que tem como recurso a expressão e a comunicação; estas dependem da forma como ela é proferida. Para Yunes (2002, p. 18), “Toda fala, todo discurso dependem do lugar do qual se fala [...]”. Por isso, uma mesma frase pode repercutir de maneira diferente para o leitor e o ouvinte, depende da própria situação do dizer,

podendo afetá-lo conforme estabeleçam correlações entre o que se diz e as circunstâncias do contexto, a compreensão do que é dito depende também do ouvinte em circunstâncias diversas no contexto social, cultural, vivências, interesses e linguagem.

Desse modo, torna-se possível aventar a possibilidade de definir a leitura como um resultado de relações estabelecidas que se assentam na vivência consigo e com o outro, sabendo que, pelo registro das práticas humanas transcorridas ao longo da vida, o ser humano chegou onde hoje se encontra. E nesse sentido, teve e tem na linguagem uma grande aliada em todo contexto histórico na vida humana, uma vez que o papel desempenhado pela linguagem tornou-se lastro para o avanço da leitura, de primordial importância para humanidade.

Logo, é preciso cercar-se de cuidados no domínio da linguagem, prestar importante atenção a quem fala, seu lugar sociocultural específico, os interesses que estão em evidência, para que a voz dos indivíduos se faça representar com a clareza e a eticidade que lhe são devidas. Carneiro (2002, p. 66) assinala que “Os rituais de leitura nos mostram que cada texto, palavra, ou imagem é um recorte no plano mais amplo da linguagem, e pede uma leitura específica.” A especificidade da leitura e sua linguagem visam atender às necessidades circunscritas num determinado contexto de modo a possibilitar atingir o objetivo pretendido.

As especulações na tentativa de conceituar a linguagem, desde então a filosofia vem envidando esforço no estudo da significação, em diferentes ângulos da sua definição, origem e condições. Merleau-Ponty (2018) define a linguagem como um sistema repleto de significado que segue uma lógica e que tem como finalidade a expressão. O filósofo francês admite que “[...] a linguagem é apenas um fenômeno articular, sonoro, ou a consciência desse fenômeno, mas em qualquer caso a linguagem é apenas um acompanhamento exterior do pensamento.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.241)

A diversidade das experiências dos indivíduos que fazem histórias deve-se às divergentes interações estabelecidas com o ambiente em que vivem, o que exige, assim, um comportamento peculiar do ser cognoscente, que se expressa na linguagem múltipla dos fatos.

Daí considerarmos a linguagem como um forte vetor na comunicação, visto que auxilia e orienta as experiências vividas, por conseguinte, amplia o universo perceptivo

e, à medida que se lê, mesmo sendo uma leitura aparentemente despreziosa, ela amplia e enriquece o repertório linguístico do indivíduo.

No universo da linguagem, muitas vezes não verbalizada, presente num objeto a ser lido, verificamos como a leitura se diversifica e cada uma pede atenção, percepção e perspicácia, a exemplo de leitores que buscam nos traços dos rostos humanos enxergar e decodificar sentimentos, emoções não expressas pela fala ou pela escrita.

No campo da percepção, a leitura requer sensibilidade em que o sujeito-leitor se coloque predisposto a enxergar além da aparência, aguçe seu olhar e escute, no contexto em que está inserido, diferentemente da leitura de um texto em que a ideia se expressa nos acontecimentos, seja real ou imaginário, por meio de registros em romance, poema, crônica, ou mesmo página de jornal.

No âmbito da oralidade, percebemos interações que se desenvolvem no mundo das linguagens escritas e gestual, estas, fortalecidas pelo exercício da expressão humana, revelam o sentido para o texto, que se encontra presente no racional e no emocional. Dessa forma, Barreto (2006, p.124) afirma que “A linguagem implica sempre expressões, posições corpóreas atuando na comunicação entre pessoas e também na estruturação do pensamento, da afetividade, da cognição.”

Nesse contexto, a expressão do pensamento acompanhada da palavra traz-nos um importante aspecto quando observamos o sentido daquilo que queremos transmitir. Conforme Vygotsky (1998, p. 181), “[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência.” O contato com o mundo das ideias expressas nas leituras traz-nos à tona um sentido carregado de significado que mobiliza o despertar da consciência.

Daí a importância de enfatizarmos a linguagem com seus significados, gestos e expressões corporais que dão vida às histórias contadas e recontadas no seguimento da leitura. Conforme revela Ouaknin (1996, p. 15), “[...] a palavra do outro ativa o nosso universo psíquico e nos transmite emoções que sentimos em nós mesmos.” É por meio da linguagem que uma pessoa pode despertar afeto a outra pessoa, estimulá-la, até mesmo convencê-la e emocioná-la. Com isso, verificamos a necessidade do cuidado que se deve ter com as palavras proferidas, pois a palavra do outro pode despertar dor, emoções que trazem pavor, angústia, alegria e entusiasmo, uma vez que são mais suscetíveis as mudanças de comportamento quando são atingidas.

Diante dessa afirmativa, o autor, ao citar Freud, observa que:

As palavras são os instrumentos mais importantes da influência que uma pessoa procura exercer sobre outra; *as palavras são bons meios para provocar modificações psíquicas naquele a quem são dirigidas, e é por isso que doravante nada mais há de enigmático* na afirmação segundo a qual a magia da palavra pode afastar os fenômenos mórbidos. (OUAKNIN, 1996, p. 15, grifo do autor).

As interações que se desenvolvem no mundo da linguagem, presentes nas narrativas das histórias, revelam que o narrador e os ouvintes adentram o mundo irreal e, por instantes, veem-se afastados do ambiente em que se encontram, o que possibilita mudanças emocionais e até psíquicas.

São por essas transformações comportamentais e psíquicas que Ouaknin (1996, p. 97) afirma que “Para a biblioterapia, o ser humano é uma criação contínua, em incessante movimento de tornar-se. Esse tornar-se passa por uma transfiguração, a cada vez nova, de si e do mundo.” Isso é percebido quando a mudança acontece em si e no mundo, por uma nova forma de ser e estar, a qual é instigada pelo fato de existir, e logo emerge um novo pensar e um novo agir.

Acrescenta-se às considerações acima, conforme Ouaknin (1996), que a depender da experiência de cada criança, pode haver um estado de enlevo ou sofrimento, de modo que, ao acessar a experiência pelo pensamento, a criança se reconhece e se identifica, o que a leva a responder aos impulsos da memória com o choro ou o riso. Cabe ao terapeuta decodificar os sentimentos manifestados naquele momento na busca de ajudar o outro a libertar-se dos anseios e das preocupações.

Constata-se no processo terapêutico que a linguagem é vista como um instrumento, um fenômeno do pensamento, um dispositivo de grande relevância na contação de história e outras atividades do cotidiano, pois é por meio dela que entramos em contato com o universo do outro, num processo de interação e significação que possibilita elaborar e reelaborar o conhecimento em um contexto social.

Nesse contexto, é imprescindível observarmos a necessidade de utilizar a palavra adequada, uma vez que ela é dotada de significação que condiz com o gesto, com a intencionalidade corporal e a fala. Daí a importância de enfatizarmos, mais uma vez, a linguagem com seus significados, gestos e expressões corporais que dão vida às histórias contadas e recontadas no seguimento da leitura.

Para Coelho (1991, p. 11), “A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva.” Ao narrar uma história, confirmamos que tanto o narrador quanto os ouvintes, embevecidos pelo enredo, veem-se na própria história, uma vez desperta a magia expressa em emoções ali vivenciadas.

Em consonância com o autor acima citado, Gomes (2013, p. 1) sinaliza que “Contar história é possibilitar sonhos, suscitar o imaginário e fazer o interlocutor compreender-se no universo do conto.” Daí acreditarmos na força do enredo das histórias contadas. Por isso nasceu o forte desejo de um maior aprofundamento na pesquisa científica que ora apresentamos,

O valor das histórias no que concerne à literatura, comentado por Abromavich (1991, p. 14), permite perceber o quanto é necessário estreitar laços com a arte literária, a qual direciona ao encantamento e prazer, além de possibilitar a coexistência com as múltiplas possibilidades da vida. Em depoimento, a autora destaca:

Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens...Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua lindamente, sendo exatamente isso!

Esse pensamento confirma o quanto a literatura pode ser prazerosa, o que é bem próprio da estética, que a faz estabelecer-se como literatura. Segundo Caldin (2011, p. 31), “Quando a linguagem perde a postura de austeridade e rigor da ciência, adquire a flexibilidade de um corpo que, como a bailarina ou o malabarista, nos fascina porque se movem com graciosidade.” Assim sendo, verificamos a importância de a literatura investir-se de uma linguagem que prioriza a estética, possibilitando o interesse do leitor pela leitura que provoca encantamento.

Além do mais, Abromavich (1991) atribui o desenvolvimento da criança às histórias escutadas, defende inclusive a importância de ouvi-las para a formação infantil, considerando-as como princípio da aprendizagem, com perspectiva de formar leitores atuantes e, com isso, traçar um caminho infinito de descoberta e entendimento do mundo.

Por isso, é pelo processo de leitura e pela contação de histórias, que o ser humano cria vínculos afetivos, desenvolve a imaginação e estimula a aprendizagem. Nesse sentido, a literatura oferece um cabedal de informações que geram

conhecimento e permitem ao ser humano desenvolver habilidades que o autorizam a consolidação de sua inserção social.

Caldin (2001, p. 42) refere-se à literatura infantil como um recurso terapêutico que beneficia as crianças em momentos de fragilidade vivenciados em ambiente hospitalar. A autora observa que “[...] as histórias lidas às crianças amenizaram sua situação incapacitante e proporcionaram alívio temporário das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar.” A autora também destaca que “Os registros dos leitores de histórias corroboraram a eficácia da biblioterapia em explorar a literatura infantil como integradora no processo de cura que envolve mente e corpo.” Tanto é que quando a criança ouve histórias, elas a fazem existir ou a transformam, de modo que oportuniza uma mudança de estado mental.

Segundo Merleau-Ponty (2018, p. 244), ao se referir à linguagem, que, por sua vez, está presente nas histórias infantis, “[...] toda linguagem se ensina por si mesma e introduz seu sentido no espírito do ouvinte.” Daí percebermos que as histórias infantis ensinam por elas mesmas e imprime seu sentido no âmago da criança. Usando a imaginação, a criança pode contemplar e visualizar um mundo em seu entorno e, assim, afastar por algum momento os temores que vivencia.

É esse poder imaginativo de que trata Merleau-Ponty (2018) quando observa que o indivíduo traz para si a pseudo presença de um mundo que, mesmo distante, se faz presente naquele momento. Esse mundo que é acessível pelo pensamento e pela memória, e se insere quando se reabre no tempo e no espaço, tornando-os presença. Acessar esse mundo no tempo e no espaço, da situação presente, é evocar o passado instigando o corpo a tomar “atitudes” e “criações” pseudopresentes e estabelecer, assim, um meio de comunicação com essas duas dimensões: tempo e espaço.

Observamos o poder de significação e intencionalidade presentes na mais ínfima atividade desenvolvida pelo ser humano. Portanto, contar história não foge à regra. Qual é mesmo o propósito das histórias infantis carregadas de simbologias quando são transmitidas ou escutadas? Atrás da palavra existe uma atitude, uma função de fala que condiciona a palavra; segundo Merleau-Ponty (2018), é pela palavra que a linguagem permite a comunicação humana, é por ela que a consciência acessa o que já existe dentro de si.

Nesse contexto, Merleau-Ponty (2018, p. 12) acrescenta que:

Quaisquer que possam ter sido os deslizamentos de sentido que finalmente nos entregaram a palavra e o conceito de consciência enquanto aquisição da linguagem, nós temos um meio direto de ter acesso àquilo que ele designa, nós temos a experiência de nós mesmos, dessa consciência que somos, e é a partir dessa experiência que se medem todas as significações da linguagem, é justamente ela que faz com que a linguagem queira dizer algo para nós.

Nas palavras do filósofo francês, notamos que a experiência que vivenciamos e a consciência do que somos permite-nos acessar o sentido que nos toca com as significações, “Porque estamos no mundo, estamos *condenados ao sentido*, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história”. (Merleau-Ponty, 2018, p. 18, grifo do autor). É pelo sentido e pelas significações da linguagem diante da consciência do que somos e do que estamos vivenciando que a biblioterapia se firma, contemplando a leitura de textos literários que proporciona o apaziguamento das emoções, especialmente quando há identificação.

Nessa perspectiva, Caldin (2011, p.33) assinala que “[...] é da fala falante, produtora de significados, que a biblioterapia se vale, pois, a terapia por meio da leitura somente acontece quando se pode inferir novos sentidos ao lido, quando o texto permite uma recriação.” A autora, ao se reportar à fala falante, produtora de significados, baseia-se na teoria merleau-pontyana que a designa como transfigurações da linguagem, uma vez que a fala falante é expressa concomitantemente à intenção do dizer, fazendo-a existir. Assim, “Corpo e significação se valem de palavras no processo de expressão e a intenção significativa não prescinde de um corpo”. (CALDIN, 2011, p. 25).

Portanto, a biblioterapia pertencente ao mundo falante possui o poder de tratar terapêuticamente por meio da palavra que se expressa no ser falante, na leitura, narrativa ou dramatização.

A biblioterapia como recurso terapêutico mostra que o trabalho do indivíduo, bem como o do terapeuta, visa restabelecer o medeio entre os sujeitos envolvidos na ação terapêutica, que une os mundos de subjetividade, os quais, às vezes, estão separados, de acordo com Leloup (1997). É assim que o mundo da fantasia, bem próprio da criança, faz-se presente durante os encontros biblioterapêuticos e possibilita, portanto, adentrar o mundo da imaginação e do encantamento.

É com essa consideração à luz da biblioterapia que os encontros biblioterapêuticos se mostram como um recurso terapêutico que possibilita observar,

acompanhar e registrar o comportamento das crianças, antes e depois da leitura mediada e no relato das histórias, num ambiente favorável.

Leite e Caldin (2017, p. 53) observam que “A biblioterapia – tratamento por meio da leitura – é aplicada no mundo todo, de diversas maneiras e por diversos profissionais.” Sua aplicação tem demonstrado ser, segundo Leite e Caldin (2017, p. 64), “[...] um método de tratamento com efeitos colaterais positivos, pois desenvolve a alteração de comportamento e atitudes, estimula a intelectualidade, desenvolve a linguagem e conecta pessoas.”

Conforme indicado anteriormente, a terapia por meio dos livros – biblioterapia – vem se constituindo numa prática de intervenção que possibilita aliviar os problemas psicológicos para melhorar a saúde mental. Nos primórdios, antes de ser denominada biblioterapia, fora motivo de preocupação de alguns personagens da história antiga, dos filósofos e religiosos que buscavam na leitura conforto para os males da alma. Segundo Alves (1982, p. 54-55),

A biblioterapia é uma forma de tratamento bastante recente. [...] Apesar do uso recente, vem de longa data a ideia do valor terapêutico da leitura. Há milênios atrás, o faraó egípcio Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição “Remédios para alma”. Entre os romanos do primeiro século, nós vamos encontrar em Aulus Cornelius Celsus, palavras de estímulo ao uso da leitura e discussão dos preceitos dos grandes oradores como forma terapêutica. Na Idade Média, na abádia de São Gall, havia a inscrição: “Tesouro dos remédios da alma.

Estudos mostram que os relatos das experiências com pacientes acometidos por doenças mentais vêm ao longo do tempo confirmando os benefícios dessa prática. Alves (1982, p.55) sinaliza que “As primeiras experiências em biblioterapia foram feitas por médicos americanos em 1815 e 1853. Eles recomendavam a seus pacientes hospitalizados a leitura de livros cuidadosamente selecionados e adaptados às necessidades individuais.” Ao observar esses relatos, verificamos que já se prenunciava o que estava por vir, uma terapia por meio dos livros.

Atualmente, a biblioterapia é apresentada por pesquisadores e estudiosos que objetivam “[...] avaliar as evidências sobre a eficácia da biblioterapia para aliviar a ansiedade, depressão e outras variáveis de resultados psicossociais em pacientes com diagnóstico de câncer [...]”; o resultado dos estudos concluem que “[...] a biblioterapia é benéfica para pacientes com câncer. Além disso, a biblioterapia é estudada principalmente em termos de sua associação com níveis reduzidos de

ansiedade e depressão e melhores habilidades de enfrentamento[...].<sup>1</sup> (MALIBIRAN *et al*, 2018, p. 2, tradução nossa).

Estudos realizados em pacientes pediátricos com câncer demonstram que a terapia verbal, biblioterapia, vem sendo referenciada e discutida. Ressalta-se, nesse contexto, a capacidade do indivíduo de compreender a condição de cada um, enquanto perceptor do estado em que se encontra, bem como a diminuição da depressão, da ansiedade e a melhora da qualidade de vida em geral.

Confirmando com o acima exposto, o autor referenciado a seguir admite que “Estudos recentes sugerem que a biblioterapia pode promover uma miríade de efeitos positivos para jovens que enfrentam dificuldades”.<sup>2</sup> (JILL *et al*, 2021, p. 2, tradução nossa). Assim, nas próximas subseções, procuramos discutir determinados aspectos associados ao tratamento de câncer com as suas correspondências envolvendo quimioterapia e dor.

### **2.3.1 Um olhar sobre câncer, quimioterapia e dor**

Há alguns anos atrás, o diagnóstico de câncer era considerado uma sentença de morte. Atualmente, com os estudos e pesquisas, esse olhar foi se modificando e mostrando que, a depender do estágio em que essa doença é detectada, há possibilidades de cura. Os tratamentos aos quais as crianças são submetidas (quimioterapia e radioterapia) podem devolver a saúde, com o auxílio dos centros de saúde especializados, bem como da parceria com a família, de primordial importância nesse momento que as crianças atravessam. É nesse contexto de fragilidade e vulnerabilidade da criança em sofrimento causado pelo câncer que a biblioterapia se apresenta como recurso na arte de cuidar, na medida em que desperta, em sua origem, o mundo de alegria e destemor já adormecidos. O cuidar além do curar nos leva à esperança de um final desejado.

Nessa perspectiva, Spinetta John (psicólogo de San Diego EUA), Jankovic Momcilo (onco-hematologista pediátrico de Monza Itália) e Epelman e Pedrosa (2009) (psicanalista) da Sociedade Internacional de Oncologia Pediatra defendem a

---

<sup>1</sup> Biblioterapia: Avaliação de evidências para pacientes com diagnóstico de câncer

<sup>2</sup> The Utility of Verbal Therapy for Pediatric Cancer Patients and Survivors: Expressive Writing, Video Narratives, and Bibliotherapy Exercises

importância da atividade psicossocial no que se refere à abordagem holística do tratamento do câncer na infância. Podemos observar nesse estudo que a cura do câncer não se atém exclusivamente ao tratamento médico, mas envolve um conjunto de ações que desaguam nos âmbitos educacional, psicológico e social que constituem suporte fundamental à criança e sua família nessa fase tão difícil de suas vidas.

Para isso, torna-se necessário incluir um olhar voltado a essas questões. Conhecer a criança, sua família, suas crenças e valores, seus gostos, preferências e sonhos para familiarizar-se e entender aquele que vivencia uma experiência única. Esses questionamentos também se incluem nas aplicações de biblioterapia. É preciso um conhecimento prévio do paciente que possibilite enxergar o que se passa com a criança ou adolescente em seu estado clínico e emocional, e assim, aplicar biblioterapia com o texto mais apropriado, esse, envolve sensibilidade num encontro de almas que se cruzam em busca de entender o que está por trás de um corpo em adoecimento.

Deve-se prosseguir, nesse contexto, com otimismo e esperança, sabendo que tudo isso passará, especialmente quando, em parceria com a equipe multidisciplinar, vislumbra-se um final positivo. Nesse sentido, Epelman e Pedrosa (2009, p. 18) compreende que:

[...] Cuidar de crianças com câncer requer a participação de uma equipe multidisciplinar (o médico, trabalhando com especialistas: psiquiatra e/ou psicólogo, equipe de enfermagem, assistente social professores, recreacionistas e profissionais de outras disciplinas conforme as necessidades).

E por que não incluir o biblioterapeuta com o que oferece a biblioterapia? Como já é percebido por profissionais que atuam nessa área, essa ação é benéfica, uma vez que a aplicação dessa atividade reduz o stress e a ansiedade, além de aguçar o sentido e abrir novos caminhos.

De fato, o ambiente acolhedor como parte do cotidiano da criança possibilita melhores condições para o enfrentamento das situações adversas. Torna-se necessário, dessa maneira, adotar momentos recreativos. O lúdico é de vital importância para o público infanto/juvenil, pois permite elaborar as dificuldades encontradas e, assim, compreender a importância do tratamento para o seu restabelecimento. Isso se confirma quando, segundo os estudos de Dias e Silva (2018, p. 314), as autoras inferem que “É por meio do brinquedo e do brincar que o profissional também consegue perceber quais são seus medos, angústia, dúvidas e

ansiedades.” Ao tempo em que a mesma autora (p. 316) afirma que “O brincar na vida da criança com câncer é de extrema importância para o enfrentamento da doença.”

Observamos que, apesar dos esforços da equipe de saúde no que tange ao tratamento de câncer, bem como do conjunto de ações implementadas para o sucesso do referido tratamento, nem todo ele é exitoso, tanto é assim que, segundo o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015, p. 91), “[a] pesar de as taxas de cura encontrarem-se, nos melhores centros, acima dos 70%, cerca de 30% dessas crianças e adolescentes não conseguem alcançar esse objetivo final.” Defende inclusive a necessidade de investir em cuidados médicos, biológicos, psíquicos, sociais e espirituais, de forma extensiva ao âmbito domiciliar, casas de apoio, unidade básica de saúde, escola ou qualquer lugar da rotina desses pacientes. Para isso, faz-se necessário investir em especialistas para exercerem ações pautadas no conhecimento para o bem dessas crianças, dentro de um plano transdisciplinar.

Como já foi explicitado, uma das formas do cuidar dá-se nos encontros biblioterapêuticos, que têm a intenção de abordar temas que promovem, por meio da literatura, não somente bem-estar e encantamento, mas principalmente o despertar da força, da coragem, do destemor, da serenidade, da confiança, da alegria e da segurança.

Na equipe de saúde, podemos observar o esforço conjunto no tratamento do câncer de crianças e adolescentes, o qual requer atenção e cuidado dos profissionais: médico, psicólogo, enfermeiro, nutricionista, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e assistente social. Por isso, defendemos a inclusão do biblioterapeuta nessa trajetória. Seria um complemento salutar que poderia ser implementado com sucesso nos centros de saúde ou até mesmo na residência dos pacientes.

Diante de uma família já fragilizada pelo diagnóstico de câncer do seu ente querido, o apoio efetivo da equipe médica e demais profissionais em toda sua extensão é de grande valia. Refletir sobre a experiência vivenciada pela criança e pelo adolescente desperta os sentimentos profundos de cuidado e compaixão, que nos move a ações concretas, em reverência àquele que diante de nós se apresenta carregando um mundo de incertezas. É com esse olhar de compassividade e de respeito que nos erguemos com a convicção que tudo isso vai passar e, assim, buscamos a força para continuar nesse trabalho, não somente como pesquisadores, mas também como voluntários que se colocam a serviço.

Nessa perspectiva, conforme relato abaixo do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015, p.119):

A experiência vivida por uma criança ou adolescente com câncer é difícil seja qual for a idade do paciente, a natureza da doença, seu prognóstico, o desenvolvimento e o resultado do tratamento. Além da confrontação com um diagnóstico grave, com a dor e a morte possível, o paciente tem de lidar com o afastamento mais ou menos durável do meio familiar, escolar e social, com a perda do sentimento de identidade, com as transformações no seu corpo, com as sequelas físicas, com as questões relacionadas à sua história, à sua família, à sociedade e ainda com tantos outros elementos subjetivos que constituem essa experiência.

Daí, observamos o quão importante é o papel do psicólogo e da família nesse processo de adoecimento da criança e do adolescente, uma vez que entendemos que as reações emocionais bem trabalhadas e conduzidas podem favorecer no tratamento dessas pessoas. É importante ressaltarmos que a experiência do câncer atinge a vida dos pacientes em sua identidade, estrutura, sua família, sua visão de mundo e o lugar em que ocupa. E com a ajuda dos profissionais, especificamente psicólogos, eles podem confrontar essas questões e assim aliviar esse sofrimento com mais esperança e dignidade.

Torna-se necessário abordar os cuidados paliativos, diante da impossibilidade de cura. Quanto a esse tema, podemos expor o que trata Carvalho *et al* (2010, p. 6-7):

Este se define por um conjunto de medidas e cuidados ao paciente, quando ele se encontra fora de possibilidades de cura. Nessa fase, todas as chances de cura foram esgotadas e parece que não temos mais nada a oferecer. Na verdade, para este paciente temos muito a fazer. A promoção do conforto, dentro das condições em que a criança se encontra, é uma tarefa bastante especializada e requer da equipe de enfermagem mais atenção e habilidades próprias.

Nota-se, conforme o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015, p. 101), que “Não há cuidado paliativo eficiente sem uma forte aliança entre o paciente, família e equipe de saúde.”

Quanto a essa questão, destacamos também a importância de um suporte espiritual para a família no momento em que a vida se extingue. De acordo com Henezel e Lelup (1999, p.16), “O movimento dos tratamentos paliativos teve o mérito de lembrar que o doente é uma pessoa e o moribundo um vivente. Seu sofrimento é global, isto é, integra os aspectos físicos, psicoafetivos e espirituais.”

A equipe de tratamentos paliativos se propõe a aliviar os sofrimentos de uma pessoa que está finalizando sua vida. Respeitar a individualidade de cada um que se despede dessa trajetória é disponibilizar-se para escuta apurada das necessidades

daquele ente, afastando-o da solidão e abandono. Enfim, envolvê-lo de humanidade, consciente de que o momento da morte é tão importante quanto o do nascimento.

No caminhar da nossa pesquisa, percebemos a importância de abordar alguns aspectos que envolvem o tratamento de câncer, a exemplo da quimioterapia, que resvala em dor e sofrimento.

Submeter-se ao tratamento quimioterápico é agarrar-se à esperança em busca de manter a vida – e saudável. Afinal, ao mesmo tempo em que a quimioterapia possibilita a cura pela medicação venosa ou oral para o paciente, ela provoca efeitos colaterais. Segundo os dados do Ministério da Saúde, especificamente o Instituto Nacional de Câncer – INCA, (2022, p. 1), define quimioterapia como “[...] um tipo de tratamento em que se utilizam medicamentos para combater o câncer. Estes medicamentos se misturam com o sangue e são levados a todas as partes do corpo, destruindo as células doentes que estão formando o tumor e impedindo, também que se espalhem.”

Estar atento ao estado da criança e do adolescente nessa fase de tratamento exige um olhar mais apurado da família em busca do conhecimento transdisciplinar junto aos profissionais de saúde, como conhecedores do processo e sua vivência, para assim melhor ajudar os pacientes nessa travessia dolorosa.

Nesse contexto, percebemos também que a experiência da dor é individual e subjetiva, por isso a necessidade de avaliar a sua extensão, uma vez que só pode ser dimensionada quando externalizada pela pessoa que sente. Ao se caracterizar e reconhecer a dor, torna-se possível oferecer o recurso adequado para sanar ou minimizar a sensação dolorosa.

Citando McGrath (1990), o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015, p.108) mostra que dor “[...] é uma experiência sensorial e emocional de desprazer associada com real ou potencial lesão de tecido ou descrita em termos de lesão”. Quanto a essa afirmação, podemos observar que o potencial de dor difere de pessoa para pessoa, tendo em vista o desconforto que pode acentuar mais ou menos em cada pessoa, a depender também dos aspectos emocionais, psicológicos e sociais envolvidos.

Para aferir a dor em crianças em tratamento de câncer, conforme as prerrogativas do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015, p.109), foram desenvolvidos três tipos de medições, dos quais se destacam: “Medições por autoavaliação: o que a criança diz. Medições comportamentais: o que

a criança faz em resposta à dor. Medições biológicas: como o corpo da criança reage a dor.”

Essas medições podem ser combinadas: dois ou mais desses tipos para medir a intensidade da dor. Apesar de muitas medições terem sido implementadas e validadas, essa prática ainda não foi integrada ao procedimento clínico, dada a falta de conhecimento sobre a medição da dor pediátrica entre os profissionais da saúde. Essa temática vem sendo discutida nos livros didáticos e nos trabalhos publicados em revistas médicas. Para tanto, criou-se a escala visual da dor por se reconhecer que as crianças nessa situação merecem um tratamento ideal, e essa ferramenta é a primeira medida nesse processo.

Diante das discussões empreendidas acerca das considerações acima apresentadas, incluindo leitura terapêutica, mediação e biblioterapia presentes no referencial teórico, faz-se necessário responder à seguinte pergunta: como o processo de leitura associado à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira? Para assegurar a exequibilidade, estruturamos os procedimentos metodológicos, os quais serão abordados na seção seguinte.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Pesquisar um fenômeno dentro de um contexto real daquilo que se deseja investigar exige uma ordenação de etapas e procedimentos a serem seguidos no estudo de uma pesquisa. Segundo Gil (2002), metodologia é o estudo dos caminhos a serem seguidos para se fazer ciência. Diante dessa expectativa, traçamos uma trilha metodológica com propósito de responder à questão de partida.

Para isso, caracterizamos o estudo enquadrando-o conforme referência e indicação de alguns teóricos, levando em conta o local do estudo com sua missão, visão e valores, bem como um panorama dos participantes da pesquisa dentro dos critérios de inclusão e de exclusão, e assim, coletamos os dados sem perder de vista os aspectos éticos que envolvem esse estudo, o qual foi acatado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira (CEP/MCO), órgão institucional na Universidade Federal da Bahia, e na base de dados nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos definida como Plataforma Brasil, pertencente ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde.

A presente pesquisa originou-se em momentos de contação de história na Brinquedoteca do Hospital Martagão Gesteira, na cidade de Salvador. A pesquisadora atuou como voluntária, no período de 2013 a 2018, contando histórias para crianças presentes nos espaços terapêuticos.

Diante dessa experiência, buscamos responder ao seguinte questionamento: como o processo de leitura associado à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira?

Ao responder a esse problema, priorizamos atingir o objetivo geral de avaliar como o processo de leitura associada à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira.

Para assegurar a exequibilidade do objetivo proposto, esquadramos os objetivos específicos:

- a) identificar as práticas biblioterapêuticas utilizadas nas crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira;
- b) analisar nas crianças em tratamento os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias no Hospital Martagão Gesteira;

c) descrever como a prática da biblioterapia auxilia no tratamento das crianças acometidas por câncer dentro das práticas dos profissionais de saúde no Hospital Martagão Gesteira, como os médicos, enfermeiros e psicólogos.

Para atingir os objetivos em tela, desenvolvemos o delineamento da pesquisa com conceituação do método, das técnicas, do universo e dos critérios de seleção. Em seguida, construímos os instrumentos de coleta de dados e procedimentos para sua realização, tratamento e análise das informações.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A presente pesquisa foi norteada pela Resolução n.º 466, do Conselho Nacional de Saúde, de dezembro de 2012, por envolver seres humanos. Foram respeitadas também as exigências contidas na Resolução n.º 510/2016. Essa Resolução teve sua gênese em 7 de abril de 2016, no Planalto do Conselho Nacional de Saúde, a qual considera: a ética é uma construção humana que abrange a história, o social e o cultural, o que implica respeito pela dignidade humana e pela proteção do ser humano, dentro das especificidades, concepções e práticas de pesquisa que exige um agir ético do pesquisador e suscita uma ação consciente e livre do participante. Contempla a produção científica que implica benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, a comunidade e a sociedade.

O explicitado acima, visa a qualidade de vida respeitando os direitos civis, sociais e culturais com ênfase no ambiente qualitativamente ecológico. Defende os participantes de pesquisa em ciências humanas e sociais no que tange aos procedimentos metodológicos que possam causar riscos. Daí, adotar medidas de precaução e proteção para evitar danos.

Para a realização desta pesquisa sob o crivo do Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira (CEP/MCO), órgão institucional na Universidade Federal da Bahia, criou-se uma conduta devidamente lastreada nas normas, nos documentos e na base de dados nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, definida como Plataforma Brasil, pertencente ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde.

Ressaltamos que é necessária aprovação do CEP/MCO para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, ao tempo em que destacamos o

comprometimento do pesquisador para realização da pesquisa, este, norteado pelas exigências estabelecidas e que foram cumpridas.

A coleta de dados iniciou-se após a aprovação da pesquisa sob o parecer n.º **4.827.922** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira da UFBA (CEP/MCO), localizado à rua do Limoeiro, 137, bairro de Nazaré, Salvador. O sigilo das informações coletadas e o anonimato da identidade dos participantes foram assegurados, assim como o direito dos profissionais envolvidos de se recusarem a participar do estudo.

Vale salientar que aos participantes do estudo, crianças em tratamento de câncer e internadas, bem como aos profissionais de saúde (psicólogos e enfermeiros) lotados no Hospital Martagão Gesteira, não lhes foram atribuídos ônus nem receberam bônus pela participação e as despesas foram custeadas pela pesquisadora.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de nível descritivo e método de procedimento monográfico (estudo de caso). Segundo Minayo (2001, p. 22), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]”. Quanto a essa afirmação, observamos uma realidade repleta de incertezas, de significados que foram traduzidos à medida que experienciávamos em cada atitude, gesto e palavra os valores e crenças daqueles participantes.

O nível descritivo possui uma forma de descrever, discutir e analisar um caso concreto.

Escolhemos o método estudo de caso (monográfico) por encaixar-se no objeto da pesquisa, a qual objetivou avaliar como o processo de leitura associada à biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer e internadas no Hospital Martagão Gesteira.

Por se tratar de um estudo de caso, a conceituação, segundo Yin (2001, p. 32), revela que “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Diante dessa prerrogativa, justifica-se a escolha do método por ser uma estratégia de pesquisa abrangente e encontrar-se fora dos limites de um laboratório.

Coadunando com a afirmação acima, Martins (2006) assinala que o estudo de caso trata de uma investigação experienciada em fenômenos dentro de um contexto real em que o pesquisador não tem controle sobre eventos e manifestação do fenômeno com suas variáveis. Buscamos, assim, apreender a totalidade de uma situação que foi revelada, descrita, compreendida e interpretada na complexidade de um caso concreto. Isso exigiu um poder de observação para registro das experiências ali vivenciadas. As inferências feitas na pesquisa foram comprovadas durante os Encontros Biblioterapêuticos, quando, em situações de práticas biblioterapêuticas, implementávamos uma nova conduta diante daquilo que experienciávamos, a exemplo de interrompermos as atividades e retomá-las no momento oportuno.

Quanto à obtenção das informações, adotamos nos Encontros Biblioterapêuticos a técnica de observação direta desenvolvida no Hospital Martagão Gesteira, e a técnica de aplicação de Formulários entre as crianças em tratamento de câncer e internadas.

### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram desta pesquisa 29 crianças em tratamento de câncer e internadas com condições físicas para os Encontros Biblioterapêuticos. Para tanto, foram agrupadas por faixa etária, perfazendo um total de três grupos assim dispostos: primeiro grupo com idade de 6, 7 e 8 anos, segundo grupo com 9, 10 e 11 anos; terceiro grupo com 12, 13 e 14 anos. Conforme Rossoni e Felicetti (2014, p. 524), “[...] as histórias precisam condizer com o grau de maturação da criança para que ela tenha condições de estabelecer relações e, então, assimilar os novos conhecimentos”.

Daí justificarmos a divisão dos grupos de acordo com a faixa etária dos participantes e por entender que a cognição e o desenvolvimento dos sujeitos divergem conforme a idade, o que facilitou na escolha da literatura infantil aplicada nos Encontros Biblioterapêuticos. Enfatizamos que as crianças em tratamento se encontravam no Ambulatório Oncológico e na Sala de Quimioterapia, enquanto as internadas estavam na Enfermaria Oncológica. Durante o percurso da pesquisa, contamos com intermediação de uma psicóloga, funcionária do Hospital Martagão Gesteira designadas como acompanhantes da pesquisa.

Para solidez da presente pesquisa, com intuito de agregar informações necessárias ao objeto de estudo, fizeram parte também os profissionais de saúde (psicólogos e enfermeiros) lotados no Hospital Martagão Gesteira, os quais foram abordados presencialmente no Ambulatório Oncológico, com intermediação de uma psicóloga. Apesar de os médicos constarem como participantes da pesquisa conforme objetivo específico, não fizeram parte do estudo, isso por conta da rotina de trabalho que impossibilitava a sua participação. Informamos que os profissionais que estavam de férias ou afastados das atividades e de contato com as crianças também não fizeram parte.

### 3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO

Para inclusão dos participantes da pesquisa, selecionamos as crianças em tratamento ou internadas no Hospital Martagão Gesteira, que regularmente estavam em tratamento, que se encontravam em condições físicas para ouvir a história. Não fizeram parte do critério de inclusão as crianças alfabetizadas. Foram incluídos também os profissionais de saúde que acompanham diretamente as crianças em seu estado de adoecimento, exceto os médicos, conforme já citado acima. O critério para exclusão do participante da pesquisa foi aquela criança que no período do tratamento estava afastada dos procedimentos clínicos, ou que no retorno para revisão constasse após o período da coleta de dados, assim como os profissionais de saúde que não estivessem acompanhando a criança no tratamento, ou estivessem de férias.

### 3.4 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Para alcançar o primeiro objetivo específico de **identificar as práticas biblioterapêuticas utilizadas nas crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira**, verificamos que as práticas realizadas eram de contação de história para entretenimento das crianças sem caráter terapêutico na Brinquedoteca e, posteriormente, no Ambulatório de Oncologia.

Nesse contexto, a instituição não adotava uma política de registro das atividades desenvolvidas no âmbito da biblioterapia; as informações recuperadas

foram advindas da Coordenação de Psicologia e da própria pesquisadora no período do voluntariado.

Para atingir o segundo objetivo específico de **analisar nas crianças em tratamento os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias no Hospital Martagão Gesteira**, realizamos análise dos registros efetuados nos Encontros Biblioterapêuticos com as informações no Formulário (Apêndice A), juntamente com referencial teórico da pesquisa, o que respondeu ao questionamento desse objetivo.

Para responder ao terceiro objetivo específico de **descrever como a prática da biblioterapia auxilia no tratamento das crianças acometidas por câncer dentro das práticas dos profissionais de saúde no Hospital Martagão Gesteira, como os médicos, enfermeiros e psicólogos**, buscamos as informações obtidas na aplicação do Formulário (Apêndice B), o que permitiu, assim, dimensionar a eficácia da prática de biblioterapia.

A primeira etapa da pesquisa de campo envolveu o contato com a Coordenação de Psicologia do Hospital Martagão Gesteira, tendo a coordenadora como responsável em acompanhar a pesquisa no que se refere aos Encontros Biblioterapêuticos, além da coleta de dados entre as crianças e os profissionais de saúde. Para isso, a Comissão Avaliadora de Ensino em Pesquisa (CAEP), representada pela Coordenadora do Setor de Residência Médica, procedeu às tratativas administrativas para nosso acesso à unidade hospitalar.

Em cumprimento ao cronograma elaborado pela Coordenação de Psicologia, a pesquisa contemplou 9 Encontros Biblioterapêuticos, no período de agosto a outubro de 2021, com a participação de 21 crianças. Com vistas a atender às considerações apontadas pela banca de qualificação em maio de 2022, bem como ao amadurecimento das ideias durante o percurso da pesquisa, ampliamos para mais 4 Encontros Biblioterapêuticos, no período de setembro a outubro de 2022, tendo a participação de 8 crianças, que teve como objetivo a seleção do texto literário condizente com sua realidade, totalizando 13 Encontros Biblioterapêuticos com 29 participantes. Diante da necessidade de conhecer cada participante e subsidiar a literatura mais próxima com a sua vivência, priorizamos as crianças que se encontravam beira leito nas Enfermarias Oncológicas com faixa etária condizente com o projeto de pesquisa.

Iniciamos os Encontros Biblioterapêuticos esclarecendo o objetivo da pesquisa aos responsáveis pelas crianças, que nos autorizava a sua participação mediante preenchimento do Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A). Quanto ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice C), foi direcionado às crianças. Posteriormente, procedemos à apresentação da pesquisa, bem como promovemos momento lúdico com os participantes, visando criar uma atmosfera de aproximação para iniciarmos a narração da história pela biblioterapeuta.

Ao finalizarmos, aplicamos o Formulário (Apêndice A) composto por 6 questões, que foram respondidas pelas crianças. Ressaltamos que observamos e identificamos as reações das crianças durante e após as práticas nos Encontros Biblioterapêuticos, incluindo a mudança de comportamento e as expressões percebidas.

Além das crianças participantes, abordamos também os profissionais de saúde (enfermeiras e psicólogas), para os quais apresentamos a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexos B), para concordância da sua participação. Diante do seu consentimento, apresentamos o Formulário (Apêndice B) composto por 4 questões fechadas.

Buscando analisar o efeito e a obtenção de informações complementares dos Encontros Biblioterapêuticos no Hospital Martagão Gesteira, sob a visão das três psicólogas e uma estagiária de Psicologia, encaminhamos via e-mail uma única questão aberta, a qual foi atendida pelas participantes.

As recomendações e os preceitos éticos para estudos científicos foram seguidos; atentamos para a participação voluntária, a confidencialidade dos dados levantados no Formulário e a privacidade dos participantes e nas demais fases do estudo.

No que tange à análise de dados coletados, conforme abordagem qualitativa, fizemos leitura minuciosa das informações registradas nas observações diretas durante a realização dos Encontros Biblioterapêuticos, nos Formulários pertinentes às crianças e profissionais de saúde, assim como das informações complementares do e-mail enviado às psicólogas e estagiária de Psicologia. Na busca de verificar o impacto dos Encontros Biblioterapêuticos nas crianças, as informações possibilitaram direcionar procedimentos em consonância com os objetivos da pesquisa.

Ao concluirmos essa etapa, as informações possibilitaram organizar detalhadamente os dados advindos dos Encontros Biblioterapêuticos, dos

Formulários e percepções dos sujeitos partícipes da pesquisa frente aos teóricos que nortearam a investigação.

### 3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O sigilo das informações coletadas e o anonimato da identidade dos participantes foram assegurados, assim como o direito dos profissionais envolvidos de se recusarem a participar do estudo. Os objetivos da pesquisa foram esclarecidos aos participantes, principalmente o que foi feito durante a pesquisa e o que seria feito após.

Os resultados da pesquisa serão divulgados inicialmente ao Hospital Martagão Gesteira e, posteriormente, em eventos científicos junto à comunidade acadêmica, após avaliação da banca examinadora na dissertação de mestrado, respeitando o sigilo das informações fornecidas pelos participantes.

Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexos A e B) estenderam-se aos responsáveis pelos pacientes e aos profissionais de saúde respectivamente, enquanto o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndices C) foi direcionado às crianças, assinado em duas vias, sendo que uma via ficou com o participante paciente e outra com a pesquisadora. Esse termo foi analisado pelo CEP/MCO. A coleta de dados ocorreu por meio dos Formulários, que somente foram implementados quando os participantes se sentiram confortáveis a pretar esclarecimentos e aceitaram a participação voluntária.

Anunciados os procedimentos metodológicos da pesquisa em tela, procuramos, na seção seguinte, apresentar e discutir os resultados logrados desta pesquisa. A proposta consistiu em recuperar autorias pertinentes aos dados e informações coletados para a *posteriori*, estabelecer uma avaliação pontual dos resultados, assim como cumprir os objetivos geral e específicos da investigação e responder à pergunta de partida.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O local da pesquisa é o Hospital Martagão Gesteira da cidade de Salvador (Bahia), instituição filantrópica que há mais de cinquenta anos atende crianças e adolescentes de todo o estado baiano. O Hospital Martagão Gesteira é a maior instituição pediátrica exclusiva do Norte e do Nordeste, referência no atendimento das mais diversas especialidades pediátricas. Atualmente tem uma estrutura de 220 leitos e cerca de 30 especialidades médicas pediátricas, com destaque para os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). Por ano, aproximadamente, são realizados 500 mil atendimentos gratuitamente com referência para tratamentos de alta complexidade como neurocirurgia, cardiologia e oncologia.

No estado da Bahia, cerca de um terço das cirurgias pediátricas oncológicas, neurológicas e cardíacas são realizadas no Hospital Martagão Gesteira. A liderança nos procedimentos de alta complexidade repete-se também no tratamento oncológico e na produção de diárias em Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) pediátrica.

Assim, sua missão se confirma no cotidiano, ao contribuir para o desenvolvimento humano com ações de mobilização social e prevenção, e, dessa forma, a instituição se estabelece como uma organização de referência no Brasil com soluções sustentáveis para a saúde da mãe e da criança até o ano de 2027.

Seus valores se sustentam na qualidade da prestação de serviço, ética, profissionalismo, gestão transparente e efetiva, valorização profissional, comprometimento dos colaboradores com a instituição, interação, sustentabilidade social e ambiental.

Diante da diversidade dos serviços oferecidos pelo Hospital Martagão Gesteira, a pesquisa ateu-se ao âmbito da oncologia pediátrica, especificamente à Sala de Quimioterapia, à Enfermaria e ao Ambulatório Oncológico, onde ocorreram os Encontros Biblioterapêuticos e a aplicação dos Formulários entre as crianças e os profissionais de saúde.

Nesse percurso, apresentamos os três objetivos anteriormente mencionados e analisamos os Encontro Biblioterapêuticos realizados, assim como os dados dos Formulários aplicados nas crianças e nos profissionais de saúde, o que permitiu efetuar, dessa forma, a consolidação das informações.

A análise e a interpretação dos Encontros Biblioterapêuticos e Formulários aplicados nas crianças visam responder ao primeiro objetivo específico: **identificar as práticas biblioterapêuticas utilizadas nas crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira**. Constatamos que no Hospital Martagão Gesteira as práticas biblioterapêuticas não aconteciam. Na realidade, verificamos a existência de momentos de ludicidade intercalados com as contações de histórias, realizadas por voluntários antes do período pandêmico (Covid-19) e, posteriormente, pela equipe de psicologia quando o momento permitiu.

Vale salientar que as ações citadas antes da pandemia eram realizadas na Brinquedoteca em horário agendado, bem como no Ambulatório Oncológico e nas Enfermarias. Sob a supervisão do coordenador da Brinquedoteca, realizávamos atividades que tinham o caráter de entretenimento e distração. Acolhíamos as crianças vindas de várias especialidades pediátricas, a exemplo de cardiologia, neurologia, ortopedia e oncologia. Algumas das crianças chegavam nesse espaço em jejum, aguardavam o horário das cirurgias eletivas como forma de espalhar até o momento de atendimento. Diante disso, as práticas não eram realizadas na perspectiva da biblioterapia.

O segundo objetivo específico procurou: **analisar nas crianças em tratamento os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias no Hospital Martagão Gesteira**. De acordo com descrição na metodologia desta pesquisa qualitativa, aplicamos a biblioterapia nos Encontros Biblioterapêuticos, tendo como participantes 29 crianças com idade entre 6 a 14 anos, nos períodos de agosto a outubro de 2021 e setembro a outubro de 2022, totalizando 13 encontros.

Os resultados das análises de informações dos Encontros Biblioterapêuticos demonstraram o que as crianças sentiam, expressavam e sentimentos omitidos. Os encontros sempre eram iniciados com uma música; elegemos uma canção popular e estimulávamos uma coreografia – a coreografia do dedinho indicador era o momento da declaração de amor coletiva e nosso jeito de chamar a história: *“Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como poderei viver sem a sua, sem a sua companhia?”* Era o momento de incentivar o olho no olho, o momento de dizer “você não está sozinho!”.

E ao refletirem sobre a mensagem da canção, davam-se conta de que não seria possível viver sem seu ente familiar que as acompanhava. Quando perguntadas pela biblioterapeuta, “Qual seria o tamanho do seu amor pelo seu pai ou sua mãe?”

respondiam: “do tamanho do mar” e “do tamanho do universo”. Com isso, verificamos que o diálogo se estabelecia nas relações entre a biblioterapeuta, crianças e personagens num movimento de interação contínuo. Confirmamos o que Gomes (2014) observa sobre a importância do diálogo na leitura terapêutica, pois ela é constituída pelo processo dialógico. É o que percebemos durante os encontros.

Durante a leitura da história selecionada, as crianças eram estimuladas pela música e pelas ilustrações que davam vida à história, além de ficarem despertas com atenção e participação. Cabe registrar que em um dos Encontros Biblioterapêuticos uma criança fragilizada pelo tratamento oncológico, ao ouvir a história, respondeu de forma positiva, locomovendo-se no movimento de dança, expressando alegria, que por alguns instantes a remetia ao estado de cura e libertação. Essa vivência coaduna com as pesquisas de Caldin (2004), quando destaca o prazer da arte e da estética na prática biblioterapêutica.

Outra percepção dessa prática, no que se refere ao potencial da musicalidade, é a mudança do comportamento de uma criança para decidir sua participação na pesquisa até então negada, e após o toque do pandeiro com música, decidiu ouvir e participar, assim como a mudança de outra criança de um estado introspectivo para um estado interativo e participativo. Essas observações conferem com o pensamento de Ouaknin (1996), quando afirma que o ser humano passa por incessantes transformações num movimento contínuo de tornar-se. E ao tornar-se, experiencia nova forma de ser e estar no mundo.

Dentre outras percepções, destacamos algumas crianças que se identificavam com o enredo e os personagens das histórias escutadas. Em vista disso, a função terapêutica se evidencia e se ajusta à abordagem de Caldin (2004), quando aproxima a singularidade da criança à literatura pertinente ao contexto sociocultural. Verificamos isso com uma criança que não contemplava a faixa etária da pesquisa e que, ouvindo a história de **Chapeuzinho Amarelo**, que aborda o medo. Essa criança, após ouvir a história, identificou-se com o medo, pois estava prestes a fazer um exame, ao retirar-se da enfermaria para fazê-lo, levou consigo as palavras da biblioterapeuta, “se encontrar o lobo no caminho, morda o rabo dele”.

Outros sentimentos foram observados durante a explanação da história **A transformação de Flor**. A personagem Flor estava em estado de adoecimento; diante disso, uma criança expressou espanto e admiração pelo enredo da história, identificando-se com a personagem, pois estava vivenciando a mesma situação de

adoecimento e alimentava sonhos a serem realizados quando estivesse curada. Além disso, a criança associava a personagem Flor à tristeza: “está triste porque está vendo todo mundo brincando e ela não”, “coitada dela”. Com o final da história, a criança demonstrou alegria quando percebeu que Flor se transformou numa linda borboleta lilás. Diante das observações, notamos concordância com a inferência de Coelho (1991), quando imputa à história uma vibração de sensibilidade que comove e enleva. Foi esse sentimento de compassividade pela perda das patinhas de Flor que a criança externou empatia.

Nesse mesmo encontro, uma criança de 6 anos, ao ouvir a mesma história, **A transformação de Flor**, lembrou de um momento em que acompanhou a transformação de uma lagarta em borboleta. Percebemos a sua alegria em compartilhar sua vivência. Diante desse fato, Gumbrecht (2010) sinaliza que trazer o mundo passado para o presente, tendo como veículo a memória, é resgatar uma experiência que pode causar alegria ou sofrimento com possibilidade de estabelecer um sentido existencial.

Os encontros oportunizaram momentos singulares de diálogo entre as crianças e a biblioterapeuta, entremeados de reflexões, e quando solicitado o relaxamento, elas respondiam ao estímulo e externalizavam: “vejo o céu azul cheio de estrelas, se pudesse andar nele [...]”. Gomes (2013) afirma que a história lida, ou escutada, suscita o imaginário e promove entendimento de si no universo criado. Com isso, entendemos que no universo da imaginação, a criança temporariamente se afasta dos procedimentos medicamentosos para dar espaço aos desejos, o que possibilita benefícios à saúde e promove o bem-estar.

Vale registrar, mais uma vez, os benefícios que a prática de uma história lida ou contada pode causar ao leitor ou ouvinte; além da identificação e introspecção, também a projeção e a catarse, elementos necessários à liberação de emoções e tensões reprimidas.

Destacamos também a reação de outra criança com limitações, sem poder andar e movimentar-se, ao ouvir a história “**Me dá um abraço**”, em que o autor deficiente relata sua história de vida, real, ao superar as dificuldades enfrentadas quando nasceu sem os membros inferiores e superiores. Ela se identificou com a limitação do personagem e a coragem, pois tem o desejo de cura e de, assim, retornar às atividades familiares, sociais e educativas. Ressaltamos a preferência das crianças

quanto à companhia dos personagens Nick, da história **Me dá um abraço**, e Flor, da história **A transformação de Flor**.

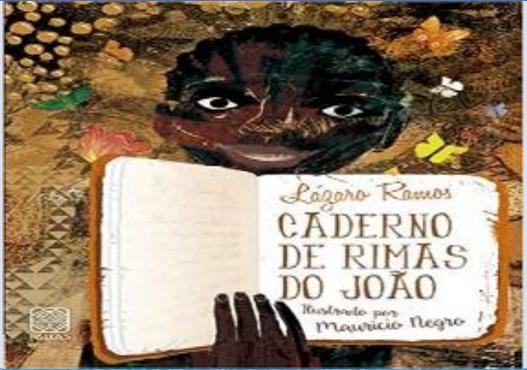
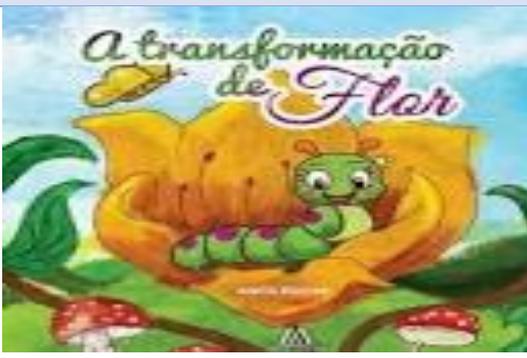
Também destacamos a reação de uma adolescente que, ao ouvir a história **A Flor que usava lenço**, expressou sentimentos que transmitiam o estado de encantamento e compaixão, quando viu a ilustração do jardim onde se encontravam as personagens Margaridinha e sua mamãe Margarida, que estava com câncer e tinha perdido suas pétalas durante o tratamento oncológico. Durante a narração, outros sentimentos também foram observados, a alegria da adolescente ao perceber que surgiu no miolo da flor Margarida uma nova pétala, resultado do tratamento, significando esperança e uma nova vida que acabara de ressurgir. As observações denotam um estado de enlevo na participante que possibilitou transcender a um novo estado propício à saúde.

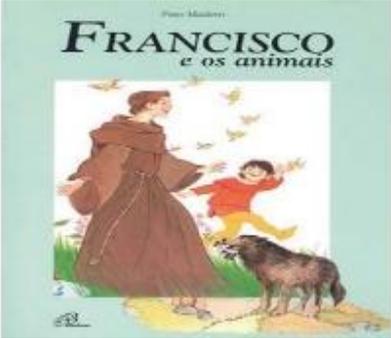
Diante dessas inferências, os estudos de Ouaknin (1996, p. 60) reforçam que “A função da narrativa é abrir possibilidade de renascimento perpétuo do ser.” Esse é o nosso propósito enquanto facilitadores nos Encontros Biblioterapêuticos.

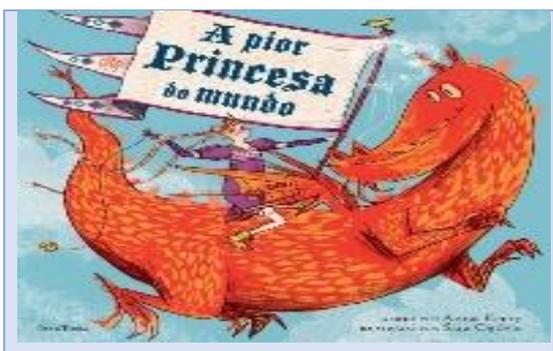
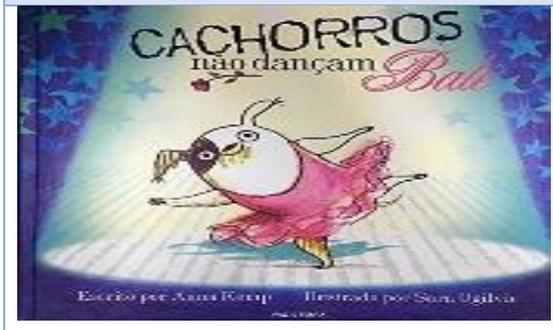
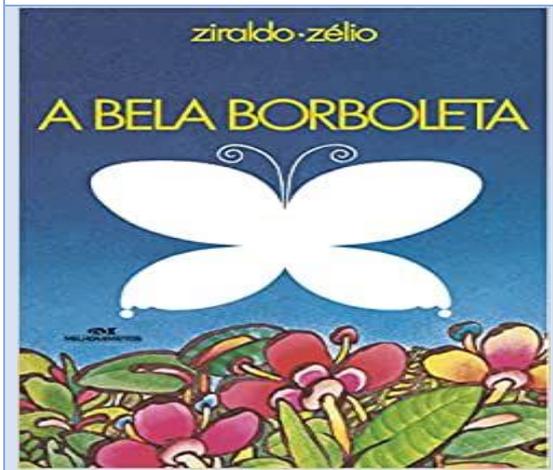
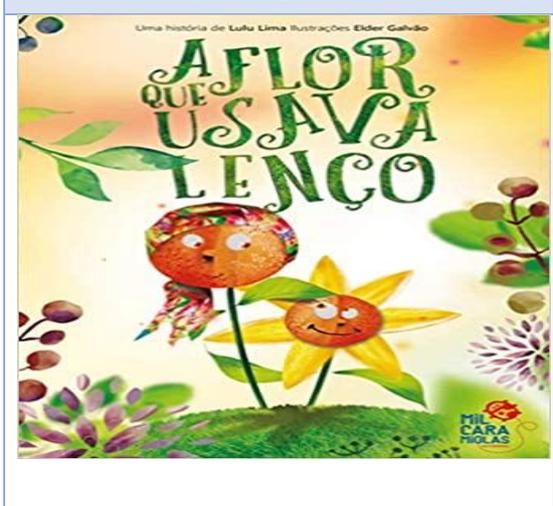
Além das histórias citadas acima, utilizamos nos Encontros Biblioterapêuticos os livros de histórias infantis: Caderno de rimas do João; Quando somos um só; O pote vazio; Francisco de Assis; Lua Menina e Menino Onça; O Menino Azul; Cavalinho de pau; A pior princesa do mundo; Cachorros não dançam balé; A bela borboleta; A flor que usava lenço. Apesar das histórias não terem cunho terapêutico, as mensagens contribuíram para despertar sentimentos de amor, encantamento, honestidade, esperança, empatia, além de promover abstração do seu estado de adoecimento.

Para melhor ilustrar, apresentamos no **Quadro 1** os livros de histórias infantis com as respectivas referências e breve resumo.

Quadro 1 – Obras utilizadas nos Encontros Biblioterapêuticos

CAPA	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	RESUMO
	<p>Título: Caderno de rimas do João          Autor: Lázaro Ramos          Ilustrações: Maurício Negro          Editora: Pallas          Ano: 2018</p>	<p>O menino João encanta os leitores com rimas espontâneas e temáticas diversas. O autor nos apresenta, de um jeito divertido, os assuntos de um modo mais colorido.</p>
	<p>Título: Quando somos um só          Autor: Alessandro Marimpietri          Ilustrações: Esteban Vivaldi          Editora: Solisluna Design          Ano: 2021</p>	<p>O livro aborda a compreensão profunda da vida e de seus significados simbólicos. A narrativa enaltece a vivência da paternidade e a potência do amor como chance de reinvenção da vida.</p>
	<p>Título: Me dá um abraço          Autor: Nick Vujicic          Tradução: David Araújo          Ilustrações: Dreamergo          Editora: DING          Ano: 2015</p>	<p>Fala sobre a superação do autor que não se curva diante das dificuldades enfrentadas pela sua condição física. Sem os membros inferiores e superiores, consegue realizar os seus desejos.</p>
	<p>Título: A transformação de flor          Autor: Anita Rocha          Ilustrações: Agência Webpack Digital          Editora: Mente Aberta          Ano: 2020</p>	<p>A lagartinha chamada Flor, após sofrer um acidente e perder várias de suas patinhas, foi hospitalizada e passou por diversos tratamentos. Tornara-se triste e solitária até o dia em que se deu conta de que poderia mudar sua vida. Uniu-se a outras lagartas que também eram diferentes e foram felizes para sempre.</p>
	<p>Título: O pote vazio          Autor: Demi Novato          Tradução: Monica Stahel          Editora: Martins Fontes          Ano: 2007</p>	<p>Demi conta uma bela fábula sobre a honestidade. Mostra a importância de sermos verdadeiros mesmo quando não somos favorecidos.</p>

	<p>Título: Francisco e os animais          Autor: Pino Madero          Editora: Paulinas          Ano: 2013</p>	<p>O livro discorre sobre a relação entre Francisco e a natureza, especialmente com os animais, a exemplo de Irmã Vento e Irmã água, bem como a cigarra, temas abordados no livro. Enaltece o amor e o respeito por toda Criação.</p>
	<p>Título: Lua Menina e Menino Onça          Autor: Lia Minápoty          Ilustrações: Suryara Bernardi          Editora: RHJ          Ano: 2014</p>	<p>Baseado nas lendas que a autora ouvia quando menina, nos saraus em sua aldeia. A valorização da oralidade da narrativa pretende garantir com fidedignidade os detalhes memorizados do conto e preservar a cultura e os saberes de seu povo.</p>
	<p>Título: O Menino Azul          Autor: Cecília Meireles          Ilustrações: Elma          Editora: Global Editora          Ano: 2013 3ª edição</p>	<p>O imaginário infantil, tratado com leveza, é a tônica dos versos. O menino quer um burrinho/ que saiba inventar/ histórias bonitas/ com pessoas e bichos/ e com barquinhos no mar.</p>
	<p>Título: Cavalinho de pau          Autor: Mabel Veloso          Ilustrações: Martinez          Editora: Paulinas          Ano: 1998</p>	<p>Um garoto vive grandes aventuras cavalgando num cavalo imaginário, ou será que tudo aconteceu de verdade? A imaginação fertilizava sua vida.</p>
	<p>Título: Chapeuzinho amarelo          Autor: Chico Buarque          Ilustrações: Zivaldo          Editora: Autêntica Infantil e Juvenil          Ano: 2017 40ª edição</p>	<p>História de uma garotinha amarela de medo. Tinha medo de tudo, até do medo de ter medo. Era tão medrosa que já não se divertia, não brincava, não dormia, não comia. Seu maior receio era encontrar o Lobo, ao enfrentá-lo, com coragem, superou o medo e passou a curtir a vida como toda criança merece.</p>

	<p>Título: A pior princesa do mundo  Autor: Anna Kemp e Marília Garcia  Ilustrações: Sara Ogilvie  Editora: Paz E Terra  Ano: 2012</p>	<p>Soninha é uma princesa que gostava de aventura. Ela é mesmo a pior princesa do mundo! Não é uma princesa convencional. Cansou de ficar num castelo esperando pelo príncipe encantado e não acha nada animador. Em busca de aventuras, sai montada no dragão para se divertir e ser feliz.</p>
	<p>Título: Cachorros não dançam balé  Autor: Anna Kemp  Tradução: Marília García  Ilustrações: Sara Ogilvie  Editora: Paz E Terra  Ano: 2012</p>	<p>Filé não é um cachorro como os outros. Ele não tem os mesmos hábitos de um cão comum. Ele gosta de apreciar o luar, ouvir música e de andar na ponta dos pés. A história mostra a importância de perseguir seus sonhos mesmo quando parecem ser algo impossível.</p>
	<p>Título: A bela borboleta  Autor: Ziraldo Alves Pinto  Ilustrações: Zélio Alves Pinto  Editora: Melhoramentos  Ano: 2009</p>	<p>O Gato de Botas convocou os personagens de outras histórias para salvar a borboleta mais linda do mundo que estava presa no meio de um livro; após se armarem de puas, pinças e tesouras, conseguiram libertar a linda borboleta. A solidariedade permeia a história.</p>
	<p>Título: A flor que usava lenço  Autor: Lulu Lima  Ilustrações: Elder Galvão  Editora: Mil Caramiolas  Ano: 2017</p>	<p>Como conversar sobre uma doença séria com as crianças? Como conduzir esse diálogo? Provando que qualquer assunto pode ser conversado com os pequenos, desde que tenha a linguagem adequada, o livro infantil "A Flor que usava Lenço" traz com sensibilidade a temática.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

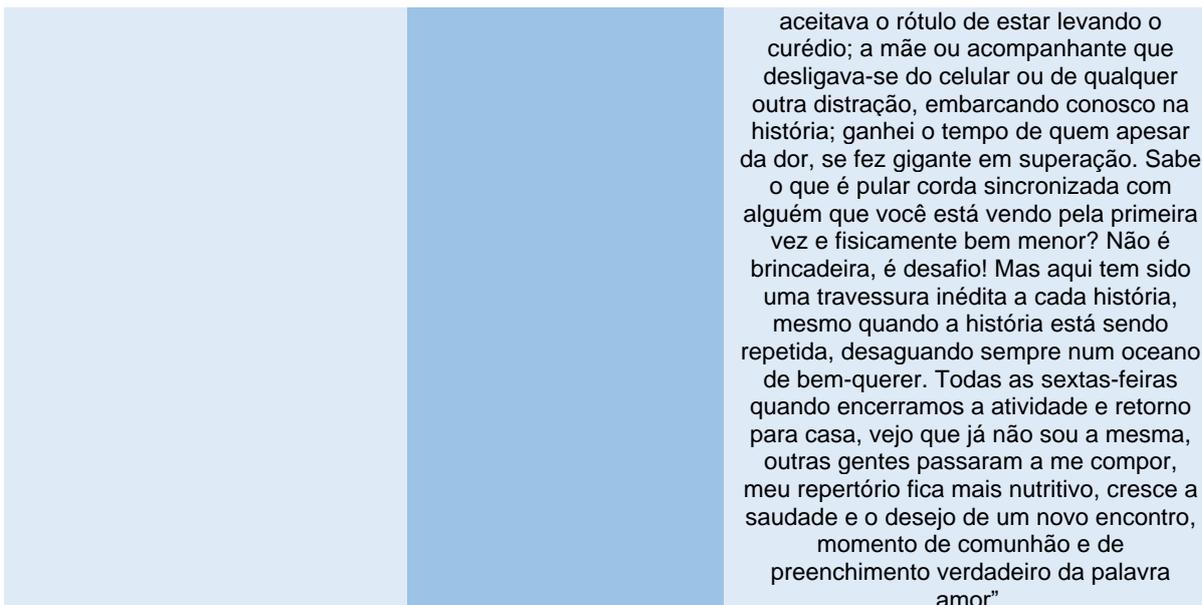
Importante frisar que na primeira etapa da pesquisa de campo, nem todas as histórias selecionadas e elencadas foram direcionadas terapêuticamente para as crianças, nos Encontros Biblioterapêuticos, especialmente realizados na Sala de Quimioterapia, ambiente com uma diversidade de crianças e com faixas etárias distintas.

Por isso, na segunda etapa, escolhemos o *locus* da pesquisa, a Enfermaria, e adotamos visita às vésperas do Encontro Biblioterapêutico para observância da faixa etária, do estado emocional, familiaridade e entendimento da criança pesquisada. Essa metodologia foi adotada após apontes da banca de qualificação.

Ressaltamos nesta pesquisa o desempenho da biblioterapeuta que, com maestria, conduziu os Encontros Biblioterapêuticos, daí a importância de registrarmos os sentimentos e emoções no **Quadro 2**, traduzidos em gestos concretos na aplicação das histórias lidas ou contadas, sempre permeadas de um olhar e de uma escuta sensível, com alegria e bom humor.

#### **Quadro 2 – Sentimentos externados pela biblioterapeuta**

<p>“O primeiro dia de atividade foi de grande emoção; estávamos distanciados por longos meses, já se fizera mais de um ano desde a última ida ao hospital. Havia entusiasmo, receios, um mix de sentimentos, mas bastou uma primeira história para sentir (ter certeza) de que era muito importante estar ali, pelas crianças e pelo que estava sendo despertado em mim. Não era apenas a alegria do reencontro, era algo maior, um bem-querer diferente, indescritível. Entendemos que a pandemia havia gerado hiatos entre as pessoas e sulcado vazios _ vazios existenciais _ que reclamavam ressignificação, e as histórias começaram a ser pontes, vias, que nos permitiram transpor fronteiras. As reações participativas e a alegria contagiante, nos faziam sentir úteis, valorosas. E como não se sentir grata diante da honra e alegria de poder estar ali? Uma troca amorosa se estabelecia. Não houve um único dia que nos sentíssemos menos úteis, honradas, felizes, pelo contrário, foi uma crescente.</p>	<p><b>Transcrições dos sentimentos da biblioterapeuta nos Encontros Biblioterapêuticos</b></p>	<p>Construindo novas memórias... Retomar a pesquisa com um novo enfoque, tentando priorizar mais que entretenimento, agora, o caráter terapêutico. Nesta nova fase, os encontros têm sido mais personalizados, um olhar mais particular, um tempo de escuta também mais acolhedor. Intimista! Assim considero esse momento e, confesso, nos sentimos mais afetadas. Temos tido momentos de profunda emoção, as trocas espontâneas têm tecido instantes de puro encantamento, atravessamos as paredes do hospital como se fossem véus facilmente removidos, houve situações em que nos transportávamos para alguma praia, outras para as nuvens, para bosques... e houve também, momentos em que fomos transportados para algum cenário pessoal, como no encontro de uma criança de sete anos, que durante a contação demonstrou e revelou seu céu. Ganhei um novo nome, “Emília”; ganhei um desenho feito na minha presença, um tubarão que levava outra criança como se fosse o cavalo dele, mergulhado num oceano repleto de amor (muitos corações) e eu com eles! Ganhei solRisos, partilhas, atenção amorosa, ganhei insignificâncias da vida, retalhos de humanidade... Ganhei a beleza contida de onde menos se espera: um auxiliar da limpeza que entrava no quarto e aceitava o jogo do faz de conta, tornando-se a personificação de um personagem; uma enfermeira que pedia licença para realizar algum procedimento e</p>
---	--	--



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Durante os Encontros Biblioterapêuticos no Hospital Martagão Gesteira, na Sala de Quimioterapia e Enfermaria, enquanto experienciávamos, como pesquisadora e participante, verificarmos que algumas crianças e adolescentes, ao receberem a medicação, encontravam-se fragilizadas, sonolentas e, por vezes, apáticas. Associamos esse fato com as informações do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015), quando alerta sobre a necessidade de manter os cuidados específicos relativos aos efeitos colaterais que a medicação pode causar.

Com isso, observamos que esses efeitos afetam também o estado emocional e psíquico das crianças e dos adolescentes, e podem durar poucas horas, dias ou se apresentarem tardiamente por conta das drogas ingeridas durante o período de tratamento.

Nesse cenário, compreendemos e até justificamos o comportamento de algumas crianças e adolescentes quando negaram sua participação. Sem estímulo, mantinham-se alheios à narração das histórias, mesmo com as ferramentas atrativas e ludicidade.

Após os Encontros Biblioterapêuticos, aplicamos entre as crianças os Formulários (Apêndice A), nos quais registramos na **primeira pergunta** que 100% gostam quando alguém conta uma história para elas. Para elucidar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento do imaginário, das emoções, da linguagem adequada para compreensão da história, Porto e Porto (2012, p. 119) observam que:

A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real. Pode, a partir de uma experiência relatada na história, identificar-se com a situação narrada, compreender melhor o universo em que se situa, refletir sobre a história ficcional que pode se aproximar da realidade vivida.

Para responder à **segunda pergunta** quanto as histórias preferidas, elaboramos o **Quadro 3** a seguir, no qual apresentamos as escolhas, considerando a faixa etária das crianças definida na pesquisa.

**Quadro 3 – Histórias preferidas pelas crianças**

Idade Criança	Nome da História
6 anos	A pior princesa do mundo Branca de neve Chapeuzinho vermelho Era uma vez uma bruxa Meu amigo dinossauro Os três porquinhos
7 anos	Cachorros não dançam balé
8 anos	Pinóquio Os três porquinhos
9 anos	A bela borboleta A pior princesa do mundo História de Dom Pedro II João e Maria Meu amigo dinossauro Pintinho pintado
11 anos	Branca de neve
14 anos	A pequena sereia Viagem ao centro da terra

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Quanto às práticas de contação de história e leitura referente à **terceira pergunta**, explicamos que 58,62% preferiram contação de história e 41,38% escolheram leitura. Isso denota que nos Encontros Biblioterapêuticos a prática de contação de história contribui terapeuticamente para o bem-estar das crianças, uma vez que se encontram em tratamento ou internadas, assim como a leitura está presente nesse contexto.

Diante dessa afirmativa, Abramovich (1991, p. 18) recomenda:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acento das rimas, com o jogo de palavras... Contar história é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro...Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Assim, verificamos semelhanças adotadas nos Encontros Biblioterapêuticos, citando a musicalidade, a entonação de voz para representar os personagens das histórias com arte e criatividade.

Quanto à **quarta pergunta**, vale destacar que as crianças expressaram sentimentos diante das histórias que mais gostam. Com isso, demonstramos na **Figura 1** emoções mais recorrentes.

**Figura 1– Representação das emoções mais recorrentes das crianças**



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Dentre os sentimentos e emoções sinalizados acima, reconhecemos que a literatura infantil de abordagem leve e rica em ilustrações contribui para o alívio psicológico do estado de adoecimento das crianças.

Na **quinta pergunta** que aborda os personagens das histórias infantis, verificamos que 93,10% das crianças responderam gostar da sua companhia, o quanto contribuem para seu bem-estar, ao tempo que estabelecem uma relação entre a fantasia e a sua realidade no contexto hospitalar; enquanto 6,90% não responderam.

Sobre isso, Costa e Ribeiro (2017, p.2) disserta:

A contação de história estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de idéias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que a proporcionam sentir alegria, tristeza, medo, e as personagens dessas histórias, muitas vezes servem de exemplo para as crianças, ajudando a resolver conflitos e criando novas expectativas, tonando-se super-heróis.

As crianças também expressaram no Formulário (Apêndice A) que os personagens as ajudam a ficar bem, quando escutam histórias no ambiente hospitalar, conforme transcrições no **Quadro 4**.

#### Quadro 4 –Transcrição das falas das crianças

<p style="text-align: center;"> <b>“Ajuda “</b>            “Sinto bem”            “Gosto e imagino”            “Esquece das coisas ruins”            “Gosta <b>ajuda</b> a ficar bem”            “Dá <b>alegria</b> e não fico abatida”            “<b>Ajuda</b> a cuidar sente-se bem”            “Quando a história é boa me <b>ajuda</b>”            “<b>Ajuda</b> quando vai tomar o remédio”            “<b>Ajuda</b> a ficar bem melhor e <b>alegre</b>”            “Fico mais <b>alegre</b> e mais animado”            “<b>Ajuda</b> a ter coragem e motiva a seguir”            “Enquanto ouve há história não sinto incômodo”            “Quando lembro dos personagens sinto <b>alegria</b>”            “Pensa na vovozinha do lobo mau e fico <b>alegre</b>”            “Acho que <b>ajuda</b> a ser feliz, não guardar tristeza”            “Fica imaginando como se estivesse dentro da história”            “<b>Ajuda</b> a distrair a mente e também a criança se sentir melhor”            “Foi a primeira vez desde que me internei que ouvi uma história. Fiquei muito feliz”            “Quando fico triste e penso na história. Lembro isso e me acalma aprendo muita coisa”            “Associo a história, no caso de pinóquio não pode mentir senão aumenta as dores. Faz bem”         </p>
--

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Concluimos com a **sexta pergunta**, cuja abordagem restringiu-se a perguntar se as crianças pedem para contar alguma história no ambiente familiar. Registramos que 62,07% pedem, isso demonstra familiaridade com a prática de ouvir histórias. Complementando Buscaratto (2020, p.105), afirma que “O recurso de contar histórias contribui para descontrair, proporcionando alegria, paz e esperança para uma criança que está abatido com as circunstâncias de conviver em um ambiente hospitalar.” Quanto a outra parcela dos participantes, 37,93% não pedem.

Apesar de registrarmos essa informação, isso não significa ausência de familiaridade com o hábito de ouvir e ler histórias, pois identificamos que algumas

crianças preferem desenvolver o hábito da leitura. Informamos que durante os Encontros Biblioterapêuticos essas crianças expressaram o desejo de continuar a ouvi-las.

Seguiremos com a análise e interpretação dos Formulários aplicados aos profissionais de saúde.

Para compreender o contexto referente ao terceiro objetivo específico: **descrever como a prática da biblioterapia auxilia no tratamento das crianças acometidas por câncer dentro das práticas dos profissionais de saúde no Hospital Martagão Gesteira, como os médicos, enfermeiros e psicólogos**, fez-se necessária uma análise fiel dos dados coletados por meio do Formulário (Apêndice B). Pretendemos com isso compreender como a biblioterapia ajuda as crianças no tratamento oncológico e a percepção dos profissionais de saúde nesse contexto.

O Formulário para coleta de dados contendo 4 questões fechadas foi respondido por 10 profissionais de saúde nos espaços da Sala de Quimioterapia, Psicologia e Enfermaria.

Identificamos na resposta da **primeira pergunta** que no momento da narração da história existem benefícios no tratamento e na recuperação de crianças com câncer, em que 90% dos profissionais de saúde expressaram que beneficia bastante, enquanto 10% acham que beneficia pouco.

Quanto à **segunda pergunta**, foi elaborada permitindo múltiplas opções de respostas. Constatamos que 90% responderam que as crianças no momento dos Encontros Biblioterapêuticos ficam muito atentas e entusiasmadas, 70% que foram receptivas às histórias contadas, já outros 70% que interagem com o mediador.

Diante disso, Buscaratto (2020, p.109) afirma:

As histórias servem como forma terapêutica na recuperação de crianças e adolescentes, usando o lúdico como a contação de história, pode contribuir no tratamento dos pacientes que se encontraram hospitalizados. Podem resultar em inúmeros benefícios, aos pacientes e também aos profissionais que foram envolvidos na recuperação desses pacientes, além criar laços com seus acompanhantes. Pôde se ter a percepção de que as atividades lúdicas, ajudam amenizar os sofrimentos desses pacientes e atenuam os longos e desgastantes períodos de internação.

A **terceira pergunta** faz uma indagação sobre o estado de humor da criança após a narração das histórias. Como resposta, verificamos que 100% dos profissionais de saúde que as acompanham em tratamento e internadas, com estreito relacionamento entre elas, perceberam melhora.

Em relação à **quarta pergunta**, os dados revelam que 100% dos respondentes afirmaram que as crianças apresentam melhora na saúde e no bem-estar após as narrativas de leitura e contação de história.

Considerando a importância de obtermos informações complementares sobre a visão dos psicólogos referente aos Encontros Biblioterapêuticos, uma vez que nos acompanharam em toda a pesquisa, encaminhamos via e-mail uma única questão aberta e que foi atendida. “Em sua opinião, o que significou os momentos vivenciados nos Encontros Biblioterapêuticos realizados no Hospital Martagão Gesteira?”

Evidenciamos no depoimento da **Respondente 1** percepções que se ajustam com as apontadas pela pesquisadora durante os Encontros Biblioterapêuticos. Conforme (grifo nosso) depoimentos abaixo, destacamos registros consonantes com as observações relatadas na presente pesquisa que expressaram benefícios às crianças quando ouviram histórias intercaladas com música e ludicidade.

“Proporcionou o retorno do contato dos pacientes com o **lúdico** dentro do hospital, demonstrando especial relevância. Durante as contações que pude acompanhar, observei o quanto os pacientes, em sua grande maioria, demonstraram **receptividade** e experimentaram **sensações prazerosas** associadas ao momento da contação de histórias, estimulando sua imaginação e em muitos momentos **deslocando o foco do tratamento doloroso para o prazer da atividade que estava sendo realizada**.

A ludicidade é um recurso fundamental no contexto da hospitalização infantil porque tem a capacidade de **minimizar uma série de impactos promovidos pela hospitalização** da criança como o afastamento social, da família, da escola e a submissão a procedimentos invasivos e dolorosos inerentes ao tratamento, e isso pôde ser evidenciado através da contação de histórias. Esses momentos possibilitaram à criança entrar em contato com um ambiente menos ameaçador e mais familiar onde ela pode se expressar. Para além de um recurso distrator, a contação de histórias funciona como **recurso terapêutico capaz de atuar na promoção de saúde e acelerar o próprio processo de recuperação da criança** além de promover a humanização do cuidado”.

(Respondente 1 - Psicóloga)

Assim também constatamos no depoimento da **Respondente 2** sua percepção quanto ao acesso ao mundo das fantasias, o que denota um afastamento da sua realidade de dor e sofrimento demonstrada na discussão dos resultados. Nessa mesma perspectiva, conforme citado abaixo, verificamos uma aproximação do paciente com a família, o que também é relatado pela pesquisadora. À criança e o responsável trocavam olhares declarando que não poderia viver sem a presença um do outro, conforme a música já explicitada neste estudo. O momento de

contentamento estava presente em cada uma daquelas crianças, exceto as mais afetadas pelo sofrimento.

“Significaram um **resgate ludicidade** e a possibilidade de **acessar o mundo das fantasias** diante de uma experiência tão sofrida e real como o câncer. No momento das contações também pude observar uma maior **aproximação entre o paciente e a família**, onde juntos puderam viver **momentos de contentamento** mesmo no contexto de hospitalização”. (Respondente 2 - Psicóloga)

No depoimento abaixo referente à **Respondente 3**, constatou-se a capacidade da criança, pelas histórias contadas, de viajar no mundo da imaginação e, assim, distanciar-se daquilo que estava vivendo, o que é uma ferramenta de defesa.

“A contação de história propiciou momentos de **distração, ludicidade e humanização do cuidado para os pacientes e seus familiares**. Foi possível observar o quanto eles **interagiram e viajaram no mundo da imaginação** das histórias contadas”. (Respondente 3 - Psicóloga)

Considerando a **Respondente 4**, ao expressar o que favoreceu nos Encontros Biblioterapêuticos quanto à ludicidade, a troca de experiências citadas a seguir aborda também um importante distrator no que se refere à brincadeira e à musicalidade, como já abordado na presente na pesquisa:

“Os momentos de contação de história proporcionados pela pesquisa pôde favorecer a **ludicidade e a troca de experiências entre pacientes, familiares, equipe e contadora de história**. Assim, a contação de história possibilitou aos pacientes internados e ambulatoriais a vivência, mesmo que de forma breve, de momentos **lúdicos, de brincadeira e musicalidade através da contadora**. Demonstrando que tais ações podem ser ferramentas potenciais para o exercício da humanização em contexto de oncopediatria. No que tange a experiência de acompanhar as atividades de contação de história, pude para além de dar suporte a contadora e pesquisadora, vivenciar **os momentos lúdicos, rir, cantar e me emocionar com os desfechos de histórias contadas**. Além disso, pude observar que essas ações contribuíram para o **fortalecimento de vínculo com pacientes e familiares**”. (Respondente 4 - (Estagiária)

Pelo depoimento acima inferido, constatamos que as atividades elaboradas nos Encontros Biblioterapêuticos, proporcionaram momentos de integração entre os participantes da pesquisa e os familiares, demonstrando assim, sua importância, não só para os pacientes, mas para aqueles que puderam vivenciar esses momentos de alegria, curiosidade, transcendência e catarse conforme expressado pela respondente quatro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos e discutirmos os resultados da pesquisa em tela, frente ao objetivo geral, que procurou avaliar como o processo de leitura associada à Biblioterapia interfere na dimensão terapêutica em crianças em tratamento de câncer internadas no Hospital Martagão Gesteira, buscamos responder à pergunta de partida sem perder de vista os ensinamentos dos teóricos do percurso metodológico que embasaram a temática deste estudo.

Percorremos uma trilha que completou seu trajeto com a realização de 13 Encontros Biblioterapêuticos dentro de uma Unidade Hospitalar Pediátrica e Oncológica. Enfrentamos alguns percalços que limitaram a participação do número de crianças nos Encontros Biblioterapêuticos; isso se deve por: algumas crianças terem alta; ausência para exames fora da unidade hospitalar; fragilidade devido ao próprio tratamento do câncer (efeitos colaterais da medicação/UTI); ações planejadas e não executadas por conta do agravamento do estado de saúde de alguns pacientes.

As experiências vivenciadas nos Encontros Biblioterapêuticos foram pautadas nas interpretações verbais ou visuais, que foram construídas segundo o material empírico e a análise desse material. As informações foram consideradas relevantes para que entendêssemos o momento de cada criança ou adolescente quando externavam sentimentos e emoções. Permitiu-nos compreender o sofrimento de algumas crianças quando demonstravam comportamento arredo, fechado em si com bloqueios que a impossibilitavam de participar efetivamente das práticas biblioterapêuticas.

Observamos que as práticas biblioterapêuticas proporcionaram às crianças e aos adolescentes refúgio, entretenimento e sentimentos que os libertavam das tensões, estresses e distanciamento de situações de sofrimento e dor vivenciadas, conforme explicitado nos Relatos dos Encontros Biblioterapêuticos (Apêndice F a Apêndice R).

Quanto aos profissionais de saúde, informamos que a restrição dos médicos ocorreu pela indisponibilidade oriunda da rotina de trabalho, assim como da demanda dos pacientes oncológicos. Quanto à participação das enfermeiras para responder o Formulário Apêndice B, constatamos resistência e falta de comprometimento com a pesquisa, apesar dos esforços empreendidos pela pesquisadora. Quanto às

psicólogas, ressaltamos engajamento e compromisso com a pesquisa, dando-nos suporte e acompanhamento durante as atividades empreendidas.

Constatamos que a prática da biblioterapia ajuda na saúde mental e emocional das crianças, contribuindo para desenvolver a coragem, amenizar a ansiedade, o medo, o estresse e outros sentimentos que agravam a saúde do paciente. Com base nos resultados e discussões, concluímos que a biblioterapia é benéfica, potencializa bem-estar e transforma momentaneamente estados emocionais fragilizados em resultados positivos de alegria, riso e dança.

Recomendamos que a biblioterapia adentre não só os espaços onde haja fragilidade humana, mas todos os ambientes em que a vida suscita alegria, esperança e encantamento, na certeza de que a ludicidade, musicalidade e contação de histórias, como parte dos momentos biblioterapêuticos, possam dar mais vida e estímulos, numa escuta e olhar sensíveis, para ajudar a resgatar o ser curado que existe em cada um de nós.

Contudo, observamos que o Hospital Martagão Gesteira ainda não possui uma política interna de sistematização de práticas biblioterapêuticas desenvolvidas no lócus desta investigação, que propicie a saúde das crianças internadas ou em tratamento, e que sejam supervisionadas pela equipe de psicologia. A possibilidade de registrar as ações de leitura terapêutica realizadas na instituição possibilitaria organizar informações da natureza da presente pesquisa e, assim, contribuir para os novos e futuros pesquisadores.

Esperamos que outros pesquisadores enveredem nessa temática com maior aprofundamento de modo a possibilitar a ampliação do raio dos benefícios que a biblioterapia oferece. Para isso, são necessárias pessoas especializadas na temática e sensíveis para exercerem um trabalho de tamanha envergadura, representando um adensamento das pesquisas empreendidas pelo domínio do conhecimento da Ciência da Informação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ABREU, Flávia Ferreira. **Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudos de casos múltiplos**. 2019. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Escola de Ciências da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VAFABE5HSH/digital\\_disserta\\_o.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VAFABE5HSH/digital_disserta_o.pdf?sequence=1). Acesso em: 25 nov. 2019

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da informação: um conceito atualizado**. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: Abecin, p. 9-32, 2015.

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração Social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. n.15, p.54-61, jan./jun. 1982. Disponível em: [https://brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf\\_09e78c51e2\\_0018372.pdf](https://brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_09e78c51e2_0018372.pdf) Acesso em: 15 setembro 2019.

BARRETO, Angela Maria. **Memória e leitura: as categorias da produção de sentidos**. Salvador: EDUFBA, 2006.

BORKO, Harold. Ciência da informação: o que é isto? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992827/mod\\_resource/content/1/Borko.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992827/mod_resource/content/1/Borko.pdf) Acesso em: 18 jun 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Tratamento do câncer**. 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tratamento/quimioterapia>. Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução nº 466/2012**. Brasília: Ministério da Saúde, 12 dez. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução nº 510/2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 24 maio 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho amarelo**. Rio de Janeiro: Autêntica Infantil e Juvenil, 2017.

BUSCARATTO, Cassio Eduardo. Contação de história como forma terapêutica na recuperação de crianças e adolescentes de um hospital de Santa Catarina. **Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, v. 8, n. 1, p. 100-112, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/1043/764>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n.18, 2º semestre, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria Merleau-Pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.9, n.1, p.23-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1932/2053>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n.12, p.32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 04 nov.2021.

CARNEIRO, Flávio Martins. Leitura e linguagens. In: YUNES, Eliana (org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 64-68.

CARVALHO, Gisele Pereira de; DI LEONE, Luciane Pons; LUNARDI, Algemir. **Cuidado de Enfermagem em Oncologia Pediátrica**. 2010. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/cuidados-de-enfermagem-em-oncologia-pediatria/4735677/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêia de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Patrícia Evellyn; RIBEIRO, Janete Santa Maria. A importância de contar história na educação infantil. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**. Curitiba, v.8, n.22, p. 1-19, 2017. Cadernos Ensino EAD, 4771-16473-1-RV. Disponível em: [https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4771/pdf\\_1](https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4771/pdf_1). Acesso em: 15 ago. 2022.

DIAS, Patrícia Luciana Moreira; SILVA, Izabella Partezani. A utilização do brinquedo durante o tratamento de crianças com câncer: percepções da equipe multidisciplinar. **Revista Brasileira de Cancerologia (RBC)**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 311-318, jul./set. 2018. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/28>. Acesso em: 06 ago. 2022.

EPELMAN, Claudia; PEDROSA, Arli. **Orientações sobre Aspectos Psicossociais em Oncologia Pediátrica**. Tradução Luciana Pagano Castilho; Elizabeth Ranier Martins do Valle; Mariângela Iotti. Revisão: Cláudia Epelman, Eliana Cardinali, Arli Pedrosa. São Paulo: SIOP – Comitê Psicossocial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Lopes Adriano. Olhar de leitura: Freud passeia pelo mundo de faz-de-conta. **Blog Olhar de Leitura**. Natal, 14 de abr. 2013. Disponível em: <https://olhardeleitura.blogspot.com/2013/04/freud-passeia-pelo-mundo-de-faz-de-conta.html>. Acesso em: maio 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio./ago. 2014. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: maio 2020.

GUZMÁN CABRALES HERNÁNDEZ, et al. **Origen y formación de la Ciencia de la Información. Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información - Biblios**. v. 6, n. 22, p. 84-89, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/161/16102207.pdf>. Acesso em: 30 março 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto. 2010.

HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humana diante da morte na atualidade**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HILLESHEIM, Betina; *et al.* Leitura: entre leitor e texto. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 305-316, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4849/4690>. Acesso em: 20 dez. 2021.

HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humana diante da morte na atualidade**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). **Diagnóstico precoce do câncer na criança e no adolescente**. 2. ed. rev, ampl, 4 reimp. Rio de Janeiro: Inca 2015.

JILL, K. Jones, *et al.* Utility of verbal therapy for pediatric cancer patients and survivors: expressive writing, video narratives, and bibliotherapy exercises. **Journal Frontiers in Pediatrics**, v.9, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fped.2021.579003>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KEMP, Ana. **A pior princesa do mundo**. São Paulo: Paz e Terra. 2012.

KEMP, Ana. **Cachorros não dançam balé**. Tradução: Marília García. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programa de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, 11:3, p.53-65, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6846/4653>. Acesso em: 28 out. 2021.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim. Tradução Pierre Weil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIMA, Lulu. **A flor que usava lenço**. São Paulo: Mil Caramiolas, 2017.

MADERO, Pino. **Francisco e os animais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MALIBIRAN, R.; *et al.* Bibliotherapy: Appraisal of Evidence for Patients Diagnosed With Cancer. **Clinical Journal of Oncology Nursing**, v. 22, n. 4, p. 377-380, 2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIMPIETRI, Alessandro. **Quando somos um só**. Lauro de Freitas, BA: Solisluna Design, 2021.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MEIRELES, Cecília. **O Menino Azul**. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MINÁPOTY, Lia. **Lua Menina e Menino Onça**. Belo Horizonte: RHJ, 2014.

NOVATO, Demi. **O pote vazio**. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loiola, 1996.

PORTO, Ana Paula Teixeira; PORTO, Luana Teixeira. Contaçon de histórias como estratégia pedagógica para desenvolvimento da competência discente de ler e interpretar. **Revista de Educação Dom Alberto**. Santa Cruz do Sul, RS, v.1, n.1, jan/jul, p. 115-129, 2012. Disponível em: <https://domalberto.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/08/Conta%C3%A7%C3%A3o-de-hist%C3%B3rias-como-estrat%C3%A9gia-pedag%C3%B3gica-para-desenvolvimento-da-compet%C3%A2ncia-discente-de.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

RAMOS, Lázaro. **Caderno de rimas do João**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli\\_a\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf). Acesso em: 20 maio 2020.

ROCHA, Anita. **A transformação de flor**. Salvador: Mente Aberta, 2020.

ROSSONI, Janaina Cé; FELICETTI, Vera Lucia. A contação de histórias como ação educativa: reflexões sob o viés da teoria cognitiva da aprendizagem. **Atos de Pesquisa em Educação, [S.l.]**, v. 9, n. 2, p. 517-534, ago. 2014. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3713>. Acesso em: 20 out. 2022.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva Ciência Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf\\_fd9fd572cc\\_0011621.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf). Acesso em: 30 jun. 2019.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramZero**, v. 0, n. 0, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7327>. Acesso em: 30 março 2019.

SILVA, Rovilson José da; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação: perspectivas conceituais em Educação e Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.23, n.2, p.71-84, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/8TRBpKhHR3snsNp8Jm3STZy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; *et al.* Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333>. Acesso em: 15 maio 2021.

VELOSO, Mabel. **Cavalinho de pau**. São Paulo: Paulinas, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VUJICIC, Nick. **Me dá um abraço**. Tradução: David Araújo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

YUNES, Eliana (org.). **Pensar a leitura**: complexidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ZIRALDO, Alves Pinto. **A bela borboleta**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA APLICADO AS CRIANÇAS

#### CRIANÇAS

(Aplicar após a oficina de práticas biblioterapêuticas)

1. Você gosta quando alguém conta uma historinha para você?
  - a) Sim
  - b) Não
2. Qual (quais) história que você mais gosta? Por quê?
3. Entre as duas práticas qual você mais gosta?
  - a) Leitura
  - b) Contação de história
4. Como você se sente quando uma história que você gosta é contada?
5. Você gosta da companhia dos personagens das histórias contadas? Como eles lhe ajudam quando você está aqui no hospital?
6. Você pede para alguém contar alguma história quando você está em casa?

**APÊNDICE B - FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA  
BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL  
MARTAGÃO GESTEIRA APLICADO AO PROFISSIONAIS DE  
SAÚDE**

**PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

(Aplicar após a oficina de práticas biblioterapêuticas)

1. Na sua opinião, como a contação de história pode beneficiar no tratamento e recuperação de crianças com câncer?
  - a) Beneficia bastante, pois faz parte do tratamento terapêutico dos nossos pacientes
  - b) Beneficia pouco, considerando a inexistência de instrumentos que mensurem os benefícios da contação de história
  - c) A contação de história serve apenas para “passar o tempo” das crianças em tratamento de câncer no hospital
  - d) Não saberia responder.
  
2. Nas atividades de leitura e contação de histórias você observa que as crianças demonstram? (aqui, você poderá marcar mais de uma opção)
  - a) Receptividade às histórias contadas
  - b) Ficam muito atentas e entusiasmada
  - c) Interação com o mediador
  - d) Dispersas e indiferentes
  
3. Como a equipe de saúde percebe o estado de humor da criança após as atividades de leitura e contação de histórias?
  - a) Não altera o estado de humor
  - b) Melhora o estado de humor
  - c) Piora o estado de humor
  - d) Não saberia informar
  
4. Você acredita que a leitura e oficina e contação de história reflete na saúde e bem-estar da criança?
  - a) Sim
  - b) Não

**APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)  
APLICADO AOS PARTICIPANTES COM IDADE ENTRE 6, 7 E 8  
ANOS**

**Título do Estudo: A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA AS CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA**

Gostaríamos de convidá-lo a participar de um estudo especial.

Este papel fala sobre nossa pesquisa e a opção que você tem de participar. Pode fazer todas as perguntas em qualquer momento.

Agora, se você não quiser, você não precisa participar.



**Vou te explicar tudo....**

Primeiro você tem que decidir se quer participar.

Agora você pode dizer 'Não' ou você pode dizer 'Sim'.

Ninguém ficará chateado se você disser 'Não'.

Você dizendo 'Sim' você pode dizer 'Não' depois.

Você pode dizer 'Não' a qualquer momento.

Nós ainda cuidaremos de você, não importa sua escolha.



**O que é esse estudo?**

Estamos fazendo este estudo para descobrir mais sobre seu gosto em ouvir história e saber se uma história lida ou contada lhe diverte e ajuda a você ficar alegre e feliz. Outras crianças como você serão convidadas a participar do estudo.



**O que acontecerá se eu participar do estudo?**

Você irá ouvir uma história que será contada por uma pessoa que você vai conhecer. Antes de começar a ouvir a história, você vai falar se está tudo bem e depois da história contada, você vai dizer se gostou ou não da história. Por quê gostou ou por quê não gostou.

Não se preocupe com as perguntas que iremos fazer, saiba que vamos ajudar você. Se você tiver alguma dúvida pode conversar com alguém. Se você preferir pode perguntar ao papai ou mamãe (ou responsável) para que eles possam perguntar para nós.

Você vai receber uma cópia do folheto de informações e do Termo de Assentimento para guardar.

Obrigado por ouvir essa explicação e pensar sobre este estudo.

Se quiser participar deste estudo, escreva seu nome, ou desenhe uma carinha feliz ou fale comigo.

**Número do Centro:**

**Número do Estudo:**

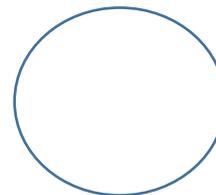
**Número de Identificação do Paciente para este estudo:**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO DO PACIENTE**

Se você realmente quiser participar coloque seu nome abaixo ou desenhe uma carinha feliz.

Seu nome \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_



- A criança deu seu assentimento verbal, pois não sabe escrever seu nome e nem pode desenhar a carinha. Apesar de concordar em entrar no estudo.

A pessoa que explicou este projeto para você precisa assinar.

Nome em letra de forma \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

**APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)  
APLICADO AOS PARTICIPANTES COM IDADE ENTRE 9, 10 e 11  
ANOS**

**Título do Estudo: A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA AS CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA**

Gostaríamos de convidá-lo a participar de um estudo especial.

Este papel fala sobre nossa pesquisa e a opção que você tem de participar. Pode fazer todas as perguntas em qualquer momento.

Agora, se você não quiser, você não precisa participar.



**Vou te explicar tudo....**

Primeiro você tem que decidir se quer participar.

Agora você pode dizer 'Não' ou você pode dizer 'Sim'.

Ninguém ficará chateado se você disser 'Não'.

Você dizendo 'Sim' você pode dizer 'Não' depois.

Você pode dizer 'Não' a qualquer momento.

Nós ainda cuidaremos de você, não importa sua escolha.



**O que é esse estudo?**

Estamos fazendo este estudo para descobrir mais sobre seu gosto em ouvir história e saber se uma história lida ou contada lhe diverte e ajuda a você ficar alegre e feliz. Outras crianças como você serão convidadas a participar do estudo.



**O que acontecerá se eu participar do estudo?**

Você irá ouvir uma história que será contada por uma pessoa que você vai conhecer. Antes de começar a ouvir a história, você vai falar se está tudo bem e depois da história contada, você vai dizer se gostou ou não da história. Por quê gostou ou por quê não gostou.

Não se preocupe com as perguntas que iremos fazer, saiba que vamos ajudar você. Se você tiver alguma dúvida pode conversar com alguém. Se você preferir pode perguntar ao papai ou mamãe (ou responsável) para que eles possam perguntar para nós.

Você vai receber uma cópia do folheto de informações e do Termo de Assentimento para guardar.

Obrigado por ouvir essa explicação e pensar sobre este estudo.

Se quiser participar deste estudo, escreva seu nome, ou desenhe uma carinha feliz ou fale comigo.

**Número do Centro:**

**Número do Estudo:**

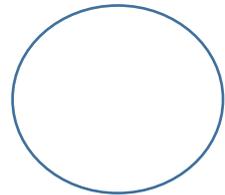
**Número de Identificação do Paciente para este estudo:**

#### **TERMO DE ASSENTIMENTO DO PACIENTE**

Se você realmente quiser participar coloque seu nome abaixo ou desenhe uma carinha feliz.

Seu nome \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_



- A criança deu seu assentimento verbal, pois não sabe escrever seu nome e nem pode desenhar a carinha. Apesar de concordar em entrar no estudo.

A pessoa que explicou este projeto para você precisa assinar.

Nome em letra de forma \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

**APÊNDICE E – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)  
APLICADO AOS PARTICIPANTES COM IDADE ENTRE 12, 13 e 14  
ANOS**

**Título do Estudo: A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA AS CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA**

Gostaríamos de convidá-lo a participar de um estudo especial. Este papel fala sobre nossa pesquisa e a opção que você tem de participar. Pode fazer todas as perguntas em qualquer momento. Agora, se você não quiser, você não precisa participar.

Primeiro você tem que decidir se quer participar, pode aceitar ou não, ninguém ficará chateado se você disser não. Você pode desistir a qualquer momento, nós continuaremos a cuidar de você, não importa sua escolha.

Estamos fazendo este estudo para descobrir mais sobre seu gosto em ouvir história e saber se uma história lida ou contada lhe diverte e ajuda a você ficar bem. Outras pessoas, como você serão convidadas a participar do estudo.

Você irá ouvir uma história que será contada por uma pessoa que você vai conhecer, é uma contadora de história. Para isso será usado um livro de história, o livro é considerado seguro. Antes de começar a ouvir a história, você vai falar se está tudo bem e depois da história contada, você vai dizer se gostou ou não. Por quê gostou ou por quê não gostou.

Os possíveis riscos de sua participação serão responder as seis perguntas após a contação de história, você só responderá se quiser. Não se preocupe com as perguntas que iremos fazer, saiba que vamos ajudar você. Se você tiver alguma dúvida pode conversar com seus pais ou responsável.

Se você se achar esclarecido (a) e quiser participar de livre vontade, assine esse documento juntamente comigo, que está em duas (02) vias, uma é sua e a outra é minha.

Obrigado por ouvir essa explicação e pensar sobre este estudo.

Se quiser participar deste estudo escreva seu nome ou fale comigo.

**Número do Centro:**  
**Número do Estudo:**  
**Número de Identificação do Paciente para este Estudo:**

**TERMO DE ASSENTIMENTO DO PACIENTE**

Se você realmente quiser participar coloque seu nome abaixo.

Seu nome \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

- A criança deu seu assentimento verbal, pois não sabe escrever seu nome e nem pode desenhar a carinha. Apesar de concordar em entrar no estudo.

A pessoa que explicou este projeto para você precisa assinar.

Nome em letra de forma \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

**APÊNDICE F – RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 1**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 1**

Às nove horas do dia **nove de agosto de 2021** iniciamos o primeiro Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos recebidas por duas psicólogas e a estagiária de psicologia na sala de Coordenação da Psicologia para iniciarmos a pesquisa no Setor de Oncologia. A história selecionada, “**Quando somos um só**” do autor Alessandro Marimpietri com ilustração de Esteban Vivaldi. Ao apresentar-nos a coordenadora de oncologia, logo enalteceu a importância desse trabalho para as crianças, as quais encontram-se afastadas da prática de contação de história desde início da pandemia por conta da COVID 19, vinham apresentando ansiedade e outros transtornos. Acordamos que o próximo Encontro Biblioterapêutico, conforme calendário, seria feita com as crianças e adolescentes internados na Enfermaria. Seguimos para sala de Quimioterapia onde encontravam-se duas técnicas de enfermagem que nos receberam. Iniciamos o Encontro Biblioterapêutico com as três crianças e um adolescente que se encontravam em tratamento as cumprimentamos e identificamo-nos, expusemos o objetivo da pesquisa com as informações pertinentes, estas norteadas pela conduta ética conforme instruções do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido TALE. Participariam das atividades quatro crianças, com idades (quatro, nove, doze e quinze anos), foram entregues os formulários: TCLE e TALE para leitura e decisão de participar, ou não, da pesquisa. Apesar da faixa definida entre seis e quatorze anos, a adolescente participou do encontro, sem, contudo, inclui-la na pesquisa. Iniciamos as atividades com o despertar da história entoando o canto: “Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” momento lúdico, de descontração e alegria, quando cada criança pôde refletir como poderiam viver sem a pessoa do seu lado. Após ter “acordado” a história foi apresentado o livro “Quando somos um só” de Alessandro Marimpietri e ilustrado por Esteban Vivaldi. A história relata a experiência do autor com o nascimento do seu filho Lucca e, à medida que a biblioterapeuta lia, fazia a interlocução do texto com as crianças, provocando questões a exemplo: qual o tamanho do amor de seu pai ou de sua mãe? Respondiam do tamanho do mar, do universo. Observamos momentos de reflexão no rosto de cada uma delas; atentos interagiam, especialmente, quando lhes mostravam a ilustração.

Ao encerrar a história, foi entoada a música de Adriana Calcanhotto:” Fico Assim Sem Você” todos cantavam alegremente e assim finalizamos este momento com aplausos dos participantes. Foi neste clima de alegria e descontração que, abordamos cada participante da pesquisa para responder às questões do Formulário.

Salvador, 09 de agosto de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE G - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 2**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 2**

Às nove horas do dia **dezessete de agosto de 2021** iniciamos o segundo Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos à sala da Coordenação da Psicologia para iniciarmos as atividades juntamente com uma psicóloga e a estagiária de psicologia. A psicóloga nos colocou a par da situação clínica de duas crianças, que se encontravam com restrição e não poderiam sair do leito, portanto o Encontro Biblioterapêutico para essas crianças aconteceu na enfermaria; e na Sala ao lado para os pacientes que poderiam se deslocar. Ao adentrarmos na enfermaria, cumprimentamos os presentes com um pequeno teatrinho para criar o clima de descontração; logo após, nos identificamos e expressamos o motivo da nossa presença ali. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, à responsável da criança de nove anos do concordou e assinou o documento. Quanto ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, este, foi lido e assinado pela criança. Esta, mostrou-se interessada, iniciamos o canto para que a história adormecida pudesse acordar. Aconteceu um momento lúdico em que a criança sorria e se balançava no ritmo da música. A biblioterapeuta apresentou o livro “**Caderno de Rimas de João**” do autor Lázaro Ramos, ilustrado por Maurício Negro escolhendo uma rima denominada “**Amor e Autoestima**”. Enquanto ouvia, percebi que acompanhava a leitura do texto com atenção ao mesmo tempo em que interagia quando questionada pela biblioterapeuta. Quanto às questões do formulário, foram respondidas. Enquanto estávamos na enfermaria, a psicóloga e estagiária de psicologia preparavam as crianças para outro Encontro Biblioterapêutico a ser realizado na Sala ao lado das enfermarias. Estas aceitaram de imediato participar do estudo, exceto uma que ficou indecisa. Por isso, fomos convidadas pela psicóloga a chegar até ele para falar sobre a pesquisa. A criança quando viu o pandeiro, instrumento utilizado nos momentos de musicalidade, logo se interessou e informou que gostaria de tocar violino. A biblioterapeuta com sua criatividade, improvisou uma coreografia, imitando o toque do violino numa tonalidade que o encantou e assim decidiu sair da enfermaria ir até a Sala ao lado para ouvir a História. Nesse ínterim, aguardamos na Sala ao lado, quatro crianças: uma com idade de cinco anos, duas com idade de seis anos e uma com idade de doze anos.

Elas se acomodaram nos *puffs* dispostos com certa distância, atentos e entusiasmados ouviram e participaram da História. Abordamos cada criança para responder às questões inseridas no Formulário.

Salvador, 17 de agosto de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE H - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 3**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 3**

Às nove horas e trinta minutos do dia **vinte e seis de agosto de 2021**, iniciamos a terceiro Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos à sala da Coordenação da Psicologia para iniciarmos as atividades juntamente com a psicóloga. Em seguida comparecemos à sala de Quimioterapia, como de hábito, cumprimentamos com alegria, as oito crianças. Ao identificar-nos expusemos o objetivo da pesquisa numa linguagem que pudessem entender, com informações pertinentes, estas norteadas pela conduta ética conforme instruções do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE. Após nos identificarmos dirigimos a cada criança e adolescente para criar um clima de maior proximidade perguntando-lhes o nome e idade. Apenas dois pacientes com idade de nove e quinze anos aceitaram participar (a faixa etária definida na pesquisa entre seis e quatorze anos). Foram entregues os formulários TCLE ao responsável e TALE a criança, para concordância da participação na pesquisa. Os demais não demonstraram interesse em participar da pesquisa, alegaram a proximidade de encerrar a medicação e assim terem de ausentar-se, no entanto ouviram e interagiram com a biblioterapeuta. Iniciamos as atividades com o despertar da história entoando-se o canto: “Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” momento lúdico, de descontração e alegria onde cada criança pôde refletir como poderão viver sem a pessoa do seu lado. E, quando perguntado pela contadora de história, “se seria possível viver sem essa pessoa ao lado”, com o dedo indicador apontava um ao outro, pai ou mãe, “como poderei viver sem a sua, sem a sua companhia. Todas as crianças interagiram junto aos pais que cantavam e batiam palmas com alegria. Após ter “acordado” a história foi apresentado o livro cujo título foi: **“A Pior Princesa do Mundo”** de Anna Kemp, ilustrado por Sara Ogilvie e traduzido por Marília Garcia. Essa é a história de uma princesa chamada Soninha que vivia sozinha; seu desejo era que um príncipe encantado a tirasse daquele castelo solitário para que pudesse conhecer o mundo lá fora, com muitas aventuras o que não ocorreu pois o príncipe que a levou para a “nova vida” tão desejada a trancafiou no castelo impedindo-a de ver o novo. Até que um dia, Soninha avista um dragão e o convida para tomar chá, tornando-se amigos e assim foge com o dragão e vão viver as aventuras de um novo mundo e vivem felizes para sempre. À medida que a biblioterapeuta narrava a história fazendo a interlocução com os personagens e as crianças, elas atentas, interagiam, especialmente, quando viam a ilustração do livro que causava maior

interesse e acompanhamento dos personagens envolvidos. Ao encerrar a história, foi entoada a música: “O sapo não lava o pé, não lava porque não quer. Ele mora lá na lagoa, não lava o pé porque não quer” – da Galinha Pintadinha. Todos cantavam alegremente com palmas e assim finalizamos este momento com aplausos de todos. Vale ressaltar, que observamos nesse encontro apatia de um adolescente com idade de treze anos, que não demonstrou interesse, isto, justificado por sua mãe, por conta do efeito da medicação, foi neste clima de alegria que abordamos uma única criança para responder às questões no Formulário.

Salvador, 26 de agosto de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE I - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 4**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 4**

Às quatorze horas do dia **trinta de agosto de 2021** iniciamos a quarta Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos à sala da Coordenação da Psicologia para iniciarmos as atividades juntamente com a psicóloga, que nos colocou a par da situação clínica de duas crianças que se encontravam nos leitos da Enfermaria. Ao adentrarmos na enfermaria, cumprimentamos os presentes com um pequeno teatrinho para criar o clima de descontração; logo após, nos identificamos e expressamos o motivo da nossa presença ali. Fomos bem aceitas pelo pai de uma das crianças de nove anos, que expressou ser importante este momento, naquele ambiente e sem nada que os distraíssem. Após abordagem sobre a pesquisa, lemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, ao concordarem em participar da pesquisa assinaram os termos dando início as atividades. utilizando o instrumento “pandeiro”, foi cantada a música: “Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria...”. Numa pequena coreografia uma criança e o pai apontavam o dedo indicador um para o outro dizendo que não poderiam viver sem a companhia do outro. Em seguida a biblioterapeuta apresentou a uma criança alguns livros de história para que escolhesse e, com prontidão, elegeu a história **“A Pior Princesa do Mundo”** de Anna Kemp, ilustrado por Sara Ogilvie e traduzido por Marília Garcia. Nesse momento o pai sorriu e disse: “coincidência eu também escolhi este”. Ambos estavam curiosos, queriam ouvir o enredo dessa história. Observamos que tanto a criança quanto o pai ficaram muito atentos. Quando questionada, a criança, respondia, a exemplo dos vestidos da princesa que ela mais gostou? E respondendo, foi o vestido cor de rosa. Em toda a contação, mostrou-se séria, muito atenta especialmente quando lhe mostrava as ilustrações. Notamos que não esboçou sorriso sempre muito séria, salvo quando mostrou a figura da princesa toda desarrumada voando com os objetos, isto por conta do espirro do dragão. Observamos também, introspecção nessa postura de seriedade, talvez pelos procedimentos e exames do dia anterior. Ao concluirmos a história expressou que gostou da história e pediu para que contássemos outra. Seu pedido foi atendido com um trecho do livro de Lázaro Ramos **“Caderno sem Rimas da Maria”** ilustrado por Maurício Negro, capítulo “Kikiu”. Antes de sairmos o pai mostrou os diversos livros que foram presenteados pela tia da criança o que nos oportunizou falar sobre a importância da leitura em todos os momentos da nossa vida. Enfim, aplicamos o Formulário, este, respondido na íntegra e com palavras de gratidão nos

despedimos. Nessa mesma tarde, seguimos para outras duas enfermarias, direcionadas pela psicóloga. Ao adentrarmos encontramos uma criança de oito anos, que sentada na cadeira juntamente com sua mãe nos receberam com um lindo sorriso. Mesmo estando traqueostomizada e tomando medicação venosa, expressou alegria ao ver-nos. Após abordagem sobre a pesquisa, lemos o Termo de TCLE e o TALE. Ao concordarem em participar da pesquisa assinaram os termos dando início as atividades. Com o canto, acordamos a história que estava adormecida. A música alegre o ambiente e traz motivação. Mas ao submeter-se a outros procedimentos pela enfermeira que injetou medicação, sua fisionomia mudou, pois alegou sentir dor e expressou choro. Após acalmar-se retornamos à atividade com a história que ela mesma escolhera **“A Pior Princesa do Mundo”** de Anna Kemp, ilustrado por Sara Ogilvie e traduzido por Marília Garcia. Um pouco apática conseguiu interagir e responder que “não convidaria o dragão para tomar chá” e gostou do vestido cor de rosa da princesa. Ao término da contação pediu para tocar outra música, o que fizemos com bom gosto “O sapo não lava o pé.” “Alecrim, alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado...” e, para nossa alegria ela se levantou e conseguiu dar uns passos dançando. Quanto às questões do Formulário, resolvemos não aplicar para não interromper esse momento de descontração e alegria, bem como não incomodar. Antes de sairmos perguntamos se ela gostou da história, foi respondido que sim. Por fim visitamos outra enfermaria, onde uma criança com idade de nove anos, receptiva manifestou interesse nas atividades do Encontro Biblioterapêutico. Após abordagem sobre a pesquisa, TCLE e o TALE. Ao concordarem em participar da pesquisa assinaram os termos dando início as atividades. A criança escolheu a história **“A Bela Borboleta”** de autoria de Ziraldo e ilustração Zélio. Por todo momento esteve atenta expressando interesse ao que ouvia e via, principalmente com as ilustrações. Observamos maturidade nessa criança para sua idade, essa confirmada pela sua mãe, no que diz respeito à fé e esperança. Enfim, aplicamos o Formulário, as questões foram respondidas com maturidade e consciência. Ao sairmos daquele ambiente observamos que em cada criança respondia de forma singular ao momento de sua travessia.

Salvador, 30 de agosto de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE J - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 5**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 5**

Às nove horas e trinta minutos do dia **nove de setembro de 2021** iniciamos quinto Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos à sala da Coordenação da Psicologia para iniciarmos as atividades juntamente com uma psicóloga. Em seguida comparecemos à sala de Quimioterapia, como de hábito, cumprimentamos com alegria as crianças. Identificamos tomando medicação três crianças que participaram das atividades na semana passada que estavam internadas e hoje estão em tratamento. Encontravam-se mais cinco crianças, uma com idade de sete anos e duas com três anos, outra com cinco anos e por último uma adolescente de quatorze anos. Iniciamos nossa atividade cumprimentando a todos e todas enfatizando, as que já conhecíamos, as quais não faziam parte da pesquisa, uma vez que já tinham participado. Somente duas crianças com idade de sete e quatorze anos estavam dentro do escopo da referida pesquisa conforme faixa etária, no entanto a primeira não pôde participar por estar dormindo. Ao identificar-nos, expusemos o objetivo da pesquisa para os responsáveis das crianças, com as informações norteadas pela conduta ética conforme instruções do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, para que autorizassem a participação dos seus filhos na pesquisa e consentimento da criança respectivamente. Iniciamos a atividade acordando a história com o canto “Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria...” utilizando o “pandeiro” como instrumento. A história adotada foi “**Cachorros não dançam balé**” de Anna Kemp, ilustrado por Sara Ogilvie e traduzido por Marília Garcia. Observamos que todas as mães estavam atentas as crianças interagiam à medida que a história estava sendo contada despertou a curiosidade ao ver as ilustrações. Outras crianças que aguardavam o procedimento no corredor adentravam nessa sala para também ouvirem a história. Enquanto a história era narrada, uma enfermeira que ministrava medicações intravenosa em uma criança, a qual expressou dor e choro. Visando minimizar esse sofrimento apresentamos as ilustrações da referida história à criança, que como num passo de mágica se acalmou, pedindo que contássemos uma outra, imediatamente atendemos o pedido. A biblioterapeuta com muita graça e imaginação escolheu a história “**Cavalinho de Pau**” da autora Mabel Veloso, com ilustrações de José Carlos Martinez. E com seu jeito único, a imitava o trote do cavalinho promovendo maior atenção e descontração para alegria dos presentes. Registramos também, a contribuição de uma profissional de saúde enfermeira que sensibilizada com a mudança do

estado da criança verbalizou a seguinte frase: “vocês deveriam vir todos os dias quando fossemos passar a medicação”. Assim, encerramos o encontro do dia, sem registro palpável para análise dos dados, pelos motivos acima expostos, mas, com imensa alegria e por entender a importância da biblioterapia nos momentos de fragilidade em que as crianças atravessam.

Salvador, 09 de setembro de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE K - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 6**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 6**

Às quatorze horas e trinta minutos do dia **treze de setembro de 2021** iniciamos o sexto Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos à sala da Coordenação da Psicologia para iniciarmos as atividades com a presença da coordenadora. Em seguida a enfermaria, ao entrarmos em um dos quartos encontramos uma paciente, adolescente com idade de quatorze anos, que nos acolheu com receptividade. Nesse mesmo quarto, encontrava-se uma criança de dois anos que passou mal o que nos impediu de contar a história, uma vez que precisamos nos retirar para os procedimentos clínicos. Em seguida nos deslocamos para outro quarto onde encontramos duas crianças, sendo um menino com idade de oito anos e uma menina com quatro anos, ambos acompanhados por suas responsáveis. Com um grande sorriso e com muita alegria, fomos recepcionadas pela menina, não contemplada na faixa etária da pesquisa. Expressamos o motivo da nossa presença e foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, a responsável da criança de oito anos que concordou e assinou o documento. Quanto ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, foi lido em voz alta pela pesquisadora e assinado pela criança. A biblioterapeuta, apresentou o livro cujo título foi **“Chapeuzinho Amarelo”** de autoria de Chico Buarque e ilustração de Ziraldo, a história foi contada e bem aceita, especialmente pela menina de quatro anos que não parava de interagir, somente ao seu término precisou sair para um procedimento clínico fora desse espaço, nesse momento, veio o choro. Sensibilizada, a biblioterapeuta procurou distraí-la, inferindo: “se encontrar o lobo, ponha o medo de lado e morda o rabo dele”. Devido a participação constante dessa criança decidimos incluí-la nesse relato. Continua a contação de história com o menino, este ouvia atentamente e expressava que já brincou de amarelinha, assim como Chapeuzinho Amarelo. Expressou também sentir pena de Chapeuzinho Amarelo, por tanto medo que ela sentia “coitada dela”. Sempre sério e atento, poucas vezes sorriu, exceto quando intervínhamos, cantarolando, dentro do contexto da história, “não tô nem aí, não tô nem aí”. A história apresentada deixa como uma das mensagens a perda do medo por parte de Chapeuzinho Amarelo, assim como, a estratégia utilizada por essa mesma personagem, que perdia o medo quando substituía as sílabas das palavras para formar outras palavras que dessem outro significado, “lobo” “bolo”, “Gãodra” “dragão”. Finalizando o Encontro Biblioterapêutico aplicamos o Formulário, com as questões formuladas e seguimos para o outro quarto. Ao chegarmos, cumprimentamos as duas

crianças com idade de oito e nove anos e seus responsáveis. Falamos sobre a pesquisa e seus objetivos apresentamos o TCLE, e o TALE. Os documentos foram assinados pela responsável de uma criança e pela criança, com idade de nove anos. Quanto a criança de oito anos não obtivemos consentimento. Iniciamos o “acordar da história” com música, a criança de nove anos e sua responsável sorriam, de mãos dadas entraram no clima descontraído cantando apontando uma à outra repetindo “não poderei viver sem a sua companhia”. A biblioterapeuta mostrou alguns livros, dentre eles, foi escolhido “**Lua Menina e Menino Onça**”, autora Lia Minápoty, ilustração de Suryara Bernardi, dando início a narração da história. À medida que o enredo era transmitido à criança e a responsável não desviavam os olhos das ilustrações. Percebemos estado relaxamento, sonolência com bocejos pela criança, enquanto sua responsável acompanhava o desenrolar da história. Ao encerrar o Encontro Biblioterapêutico entoamos a música “o sapo não lava o pé” motivadas cantavam juntas. Aplicamos o Formulário, diante das questões respondidas, retiramo-nos agradecidas para outro quarto. Cumprimentamos uma criança de nove anos que nos acolheu sorridente. Como de hábito, expusemos nosso propósito e apresentamos o - TCLE e o TALE, os quais foram assinados pela responsável e pela criança. Com o toque do pandeiro iniciamos a contação da história “**O Menino Azul**” de autoria Cecília Meireles, ilustração de Elma. A criança mostrou-se comunicativo, interativo e sorridente. Quando questionado sobre o Menino Azul que não sabe ler, como faria a carta? prontamente respondeu “desenhando”. Concluímos a pesquisa com aplicação do Formulário e a mensagem: “que todo ambiente do hospital seja transformado dando asas à imaginação”.

Salvador, 13 de setembro de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE L - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 7**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 7**

Às nove horas e quarenta e cinco minutos do dia **vinte e um de setembro de 2021** iniciamos o sétimo Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos recebidas na sala de Coordenação da Psicologia por uma psicóloga e pela estagiária de psicologia, uma vez que a coordenadora, estava participando de uma reunião. Iniciamos a pesquisa na sala de Quimioterapia onde fomos recebidas por uma enfermeira e duas técnicas. Expressamos o motivo da nossa presença, objetivo da pesquisa e a importância da participação dos profissionais da área de saúde. Entregamos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE em duas vias e o Formulário do projeto de pesquisa contendo quatro questões fechadas. Uma das técnicas respondeu as questões do formulário e devolveu o TCLE assinado, enquanto as outras duas ficaram com os documentos para responderem e devolverem em momento oportuno. Ao concluirmos abordagem com os profissionais de saúde, observamos que na sala de Quimioterapia deste mesmo espaço, estavam presentes três crianças. Destas, duas já tinham participado da pesquisa e a outra, estava dormindo. Por sugestão de uma psicóloga, fomos à sala de recepção neste mesmo andar onde encontravam-se oito crianças, dois adolescentes com seus respectivos responsáveis e três funcionários. Dentre as oito crianças somente cinco participaram da pesquisa, por atenderem a faixa etária descrita no projeto. Ao cumprimentarmos os presentes, nos identificamos e apresentamos a proposta da pesquisa, assim como a necessidade de consentimento. Para tanto, foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, aos responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, às crianças para ciência e assinatura. Em seguida biblioterapeuta, perguntou “que dia é hoje?” e, prontamente foi respondido pelos responsáveis das crianças. Retomando a palavra a contadora fala sobre a natureza, informa sobre a importância das árvores, mesmo porque é o dia que comemoramos o dia da árvore. Enquanto discorria sobre a importância de algumas sementes, a exemplo da infinidade da semente do milho e do girassol, ensinando como plantar, uma psicóloga e a estagiária de psicologia distribuíram as sementes entre os presentes. Iniciamos as atividades do Encontro Biblioterapêutico, com o despertar da história entoando-se o canto:” Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” momento lúdico, de descontração e alegria. Os presentes envolveram-se com a letra e música enquanto a contadora de história enaltecia a importância de cada um para o outro ali presente, da natureza, das árvores e de cada um. Todos os

presentes (crianças, responsáveis e funcionários) apontávamos um para o outro cantando “como poderei viver sem a sua, sem a sua, sem a sua companhia”. Foi nesse ambiente transformado, que por instantes, o hospital se encheu de entusiasmo e alegria ele não era mais o local de expectativas, apreensão e espera, mas de esperança e vida. Após aquietarmos nos foi anunciada a história a ser contada: “**O pote vazio**” da autora Demi Lovato, a qual foi contada sem ajuda do livro, e, em momentos curtos de dispersão utilizou-se o pandeiro. Ao concluir o Encontro biblioterapêutico entoamos a música “samba lê lê” à medida que cantava, as crianças eram convidadas a levantarem-se e, seguradas pela mão seguia dançando até à frente do público (pais e funcionários) estas, iam se agrupando formando um semicírculo e descontraídas continuavam a dançar enquanto aguardava a próxima criança fazer parte desse grupo. Ao concluirmos essa etapa, nós pesquisadora, junto a psicóloga e estagiária dirigimo-nos à sala de psicologia oncológica, para aplicação do Formulário para responderem as questões pertinentes, e devolução do TCLE e TALE. As questões foram aplicadas e registradas por nós.

Salvador, 21 de setembro de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE M - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 8**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 8**

Às quinze horas do dia **vinte e sete de setembro de 2021** iniciamos o oitavo Encontro biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira, a princípio agendada para ocorrer no dia 30/09/2021, teve que ser adiantada por indisponibilidade da biblioterapeuta. Fomos recebidas na sala de Coordenação da Psicologia, pela coordenadora e uma residente de psicologia, em seguida uma psicóloga, nos informou que apesar de acordado para realização da oficina no espaço da enfermaria, não seria possível, uma vez que às crianças internadas não atendiam a faixa etária da pesquisa. Por sugestão da psicóloga, seguimos à sala de Quimioterapia, onde encontravam-se três técnicas de enfermagem, uma enfermeira e duas crianças com idades de oito e nove anos, acompanhadas por seus responsáveis uma delas já tinha participado da pesquisa, quando se encontrava hospitalizada na enfermaria, registramos a presença de seus responsáveis também. Por ter encontrado um número reduzido de crianças para participar do Encontro biblioterapêutico, seguimos para antessala da Quimioterapia, onde encontramos mais uma criança com idade de oito anos, acompanhada por sua responsável, a qual foi convidada e de prontidão aceitou. Após explanarmos o motivo da nossa presença, do objetivo da pesquisa e informá-los sobre a necessidade de assinar os documentos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, já que tinham expressado verbalmente participar foram entregues os respectivos documentos. A biblioterapeuta, solicitou que cada criança tirasse do bolso do jaleco uma mensagem que foi lida por ela ao ouvido da criança, utilizando um dispositivo de papelão, redondo, longo que permitia ouvi-la com distanciamento, tão necessário nessa pandemia. Notamos que as crianças ao ouvirem a mensagem com olhar fixo e atentas demonstravam alegria e sorriam. Iniciou-se as atividades com o despertar da história entoando-se o canto:” Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” momento lúdico, de descontração e alegria onde cada criança pôde refletir como poderão viver sem a pessoa do seu lado. E, quando perguntado pela biblioterapeuta, “se seria possível viver sem essa pessoa ao lado”, com o dedo indicador apontava um ao outro, pai ou mãe, “como poderei viver sem a sua, sem a sua. Após momento do despertar da história conforme relatado acima, foi contada a história de São Cosme e Damião, por ser data comemorativa aos santos aqui no Brasil. A história foi adaptada e contada do artigo “**As origens do culto de Cosme e Damião**” de autoria de Júlio César Tavares Dias, finalizando foi compartilhado entre as crianças o livro

**O jogo da parlenda** da autora Heloisa Prieto, para leitura de parlendas (combinações de palavras com temática infantil do folclore brasileiro), momento de descontração e alegria. Ao encerrar a história, foi entoada a música: “Marinheiro Só” de autoria Caetano Veloso. Todos cantavam alegremente com palmas e assim finalizou-se este momento com aplausos de todos. Individualmente, abordamos cada criança para responder às questões inseridas no Formulário. Essas questões foram registradas por mim à medida que a criança respondia.

Salvador, 27 de setembro de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE N - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 9**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 9**

Às quinze horas do dia **quatro de outubro de 2021** iniciamos o nono e último Encontro Biblioterapêutico no Hospital Martagão Gesteira. Fomos recebidas na sala de Coordenação da Psicologia, por duas psicólogas. Seguimos para sala de Quimioterapia onde encontravam-se três crianças com idade abaixo da faixa etária, conforme escolha no projeto de pesquisa. Apesar disso, contamos uma história introduzindo música ao observarmos o choro de uma das crianças, proporcionando relaxamento e interrupção daquele estado de desconforto. Em seguida fomos à Enfermaria, onde encontramos duas crianças em um só quarto, com idades de seis anos e onze anos, acompanhadas por suas responsáveis. Após explanarmos o motivo da nossa presença, do objetivo da pesquisa e informá-las sobre a necessidade de assinar os documentos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, foram convidadas a participarem da pesquisa e de prontidão aceitaram. Iniciamos as atividades com o despertar da história entoando-se o canto:” Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” momento lúdico, de descontração e alegria onde cada criança pôde refletir como poderão viver sem a pessoa do seu lado. E, quando perguntado pela contadora de história, “se seria possível viver sem essa pessoa ao lado”, com o dedo indicador apontava um ao outro, mãe, “como poderei viver sem a sua, sem a sua, sem a sua companhia. Observamos que a criança de idade maior não participou da coreografia, fixando o olhar em sua mãe. Após momento do despertar da história conforme descrito acima, foram apresentadas curiosidades, referente a história **Francisco e os Animais**, por ser data comemorativa ao santo. Em seguida a contadora passou para as crianças o livro **Francisco e os Animais** autor Giuseppino De Roma sendo que este último uma das crianças abriu em uma das histórias cujo título foi **Irmão Vento e Irmã Água** a qual foi lida pela contadora e, com criatividade e improviso acrescentava as cantigas de roda O cravo brigou com a Rosa e Marinheiro Só. Em seguida o livro foi passado para outra criança que ao abri-lo apresentou a **História da Cigarra**, que também foi lida pela biblioterapeuta, que imitava os sons dos insetos com alegria e descontração. Observamos atenção e relaxamento dos presentes. Encerrando dessa forma, ao Encontros biblioterapêuticos da presente pesquisa. Individualmente, abordamos os responsáveis para assinarem o TCLE e as crianças o TALE, assim como, responderem às questões inseridas no Formulário.

Salvador, 04 de outubro de 2021.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE O - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 10**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 10**

As nove horas do dia **dezesseis de setembro de 2022**, iniciamos o primeiro Encontro Biblioterapêutico referente a segunda etapa da pesquisa no Hospital Martagão Gesteira. Fomos recebidas pela coordenadora de psicologia na sala da coordenação. Antes de dar início a essa etapa. No dia anterior, recebemos dessa coordenadora, a relação das crianças internadas a qual constava os nomes das crianças, com idade entre quatro e sete anos, dentre elas, somente três participaram da pesquisa, primeiro, por não atender a faixa etária estipulada no projeto da Plataforma Basil e, segundo, por restrição médica, as crianças encontravam-se em isolamento. Acompanhada pela psicóloga, integrante da equipe de psicologia do referido Hospital, seguimos para enfermaria onde as crianças selecionadas fariam parte da pesquisa. Assim, abordamos, individualmente cada criança todas três com idade de seis anos, expomos o motivo da nossa **visita**, e, junto a responsável, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco a história de cada uma, seus gostos e desejos. Todas as informações obtidas juntamente com o formulário construído para esse fim, as quais subsidiaram a seleção da história a ser contada no dia seguinte. Ressaltamos, que nessa visita uma dessas crianças encontrava-se debilitada e sonolenta sob efeito do medicamento, mesmo assim, acenou afirmativamente, o desejo de ouvir a história o que não aconteceu, por conta de seu estado de saúde agravar-se. Iniciamos o Encontro Biblioterapêutico com o consentimento das responsáveis pelas crianças com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, o qual a criança consente sua participação. Ao apresentar-se, a biblioterapeuta, foi logo dizendo que trouxe uma história inédita, algo nunca acontecido, e assim, continuou num tom descontraído, apresentou a história **A transformação de Flor** da autoria de Anita Rocha e ilustração de Bruno Reis Souza. Como de hábito, a biblioterapeuta, acordou a história com música “Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” enquanto a criança, acompanhava cantando, se balançando, e trocando olhares com sua mãe. E assim, a história foi narrada. As ilustrações eram compartilhadas e a criança, descrevia os personagens que via. A biblioterapeuta introduziu músicas pertinentes ao enredo e personagens que a fazia sorrir num clima de alegria. Nesse encontro, observamos o diálogo constante entre a criança, personagens e biblioterapeuta que interagiu sempre com perguntas sobre os bichinhos da história. Observamos nos procedimentos realizados, a exemplo da medicação venosa ministrada pela enfermeira que, enquanto a história era lida, sem interrupção, ela se mantinha tranquila talvez

porque, na história a identificação se fez presente frente a personagem Flor que precisou também se hospitalizar e tomar soro quando, caiu da árvore escorregadia num dia de chuva, perdeu suas patinhas. Uma outra abordagem no enredo da história em tela, foi quando Flor ao observar pela janela o mundo lá fora, via que outras lagartas viviam felizes mesmo com as diferenças entre elas, pois cada uma carregava em si suas variações, tinha sua própria cor, seu próprio movimento, possuindo seus próprios desejos e sonhos. Verificamos que criança se identificou com a história, e, quando lhe perguntado sobre seus sonhos, prontamente respondeu que desejaria voltar a andar de bicicleta e voltar a ajudar sua mãe. Pelo seu jeito e fala observamos que é uma criança alegre, esperta, comunicativa e bem-humorada. Essa afirmação foi confirmada pela sua mãe. Ao nos despedirmos a criança inferiu: “Gostei dessa historinha hein.” Nos retirarmos dessa enfermaria, com gratidão, seguimos para uma outra onde encontravam-se duas crianças com idade de seis anos e outra com quatro anos ambas de sexo masculino. Estávamos sendo esperadas, conforme dito por sua mãe, apesar da criança de quatro anos não participar da pesquisa, lhe foi dada atenção necessária independente de contemplar ou não no projeto de pesquisa, como citado adiante. Quanto a criança de seis anos, ao cumprimentá-lo, disse: Quero contar a história de Dinossauro. Nesse momento, o lúdico tomou espaço e foi conduzindo aquele momento levando a criança ao mundo infantil. Ao retomarmos a atividade com a mesma história apresentada acima fomos novamente interrompidas para ouvir sobre a sua experiência em que a criança pôde acompanhar, em sua casa, a lagarta no casulo até transformar-se em borboleta. Prossequimos com a história e, à medida que ouvia, interagiu dando nome as lagartas (personagens da história) inclusive inferindo com perguntas: “o que vai acontecer? “Ela é especial? Tem só duas patas.” Com seu jeito infantil, imitou a minhoca. A criança continuou interagindo e compartilhando o seu mundo encantado com seus brinquedos os quais fazem parte do grupo do dinossauro, fez questão de nos apresentar um a um denominando-os. Nesse interim, expressou o desejo de ir a China com sua mãe. Encerrando atividade a criança ao lado, ao ser medicada, começou a chorar e gritar o que levou a biblioterapeuta voltar-se para ela. Após acalmar-se, nos pediu que contasse uma história e, assim, foi atendida com a história improvisada, “as bolinhas de sabão” que trouxe o momento de distração enquanto tentava agarrar as bolas de sabão que se dissolviam quando a biblioterapeuta as soprava. Optamos registrar essa ocorrência por achar importante demonstrar a mudança do comportamento dessa criança, pois, ao entrarmos nessa enfermaria e, ao cumprimentá-la percebemos que ela estava arredia, cabisbaixa e após o os registros relatados, parecia outra criança mais solta e sorridente. Assim concluímos as atividades abordando os participantes para responder às questões do Formulário, registrando-as por nós.

Salvador, 16 de setembro de 2022.

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE P - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 11**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 11**

As nove horas do dia **vinte e três de setembro de 2022**, iniciamos segundo Encontro Biblioterapêutico referente a segunda etapa da pesquisa no Hospital Martagão Gesteira. Fomos recebidas pela coordenadora de psicologia na Sala da Coordenação. Esse encontro, deu-se apenas com uma criança de sete anos de sexo masculino. Não realizamos a visita no dia anterior, conforme programado, por motivo da criança encontrar-se ausente na enfermaria neste dia. Para isso, a psicóloga que o acompanha, deu-nos as informações necessárias para que pudéssemos escolher a história mais apropriada à sua realidade. Foi escolhido o livro **Me dá um abraço**, capítulo seis, de Nick Vujicic, ilustração de Dreamergo e tradução de David Araújo. Esse texto, relata a história de vida, real, do autor, ao superar as dificuldades enfrentadas quando nasceu sem os membros inferiores e superiores. Ao entrarmos na enfermaria, fomos recebidas por essa criança, que informou, o desejo de ouvir a história, já comentado pela psicóloga. Iniciamos o Encontro Biblioterapêutico com o consentimento da responsável pela criança assinado, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, em que a criança consente sua participação. Ao acordar a história com a música “ai bota aqui, ai bota aqui o seu pezinho, o seu pezinho bem juntinho ao pé do meu e depois não vá dizer que você se arrependeu “... e, assim foi completando cada parte citada a seguir: do joelinho, do dedinho da mãozinha, facilitando, assim, a comunicação entre nós, a qual se estendeu, quando, pelo celular, mostrou Nick, personagem da história. Após esse momento, a biblioterapeuta entregou uma carta de PrimaVera, com a seguinte frase: “os dias ruins também te ensina a crescer e florescer”. Enquanto a biblioterapeuta lia a frase, a criança perguntou “quem é PrimaVera?” Ihe foi respondido, ao tempo em que a biblioterapeuta enaltecia o poder do Criador, como resposta, a criança inferiu: “eu já sei que sou filho de Deus”. Que momento único! À medida que a história era narrada, intercalávamos alguns estímulos a exemplo de convidá-lo a fechar os olhos e imaginar indo à praia, sentir o calor do sol e as pegadas na areia. Com serenidade atendeu ao convite. Quando Ihe foi perguntado se queria ouvir mais história, de imediato respondeu que sim, assim a biblioterapeuta adentrou no capítulo sétimo, que aborda sobre a profissão do autor, a criança expressou: “eu que quero ser dentista” “eu quero ser presidente”, e fixando o olhar no teto da enfermaria por alguns segundos deu evasão a sua imaginação, quando perguntamos: O que vê? Respondeu: “céu azul cheio de estrelas...se pudesse andar nele” relaxou. Ao questionar sobre o que estava sentindo, foi revelado que sentia muita saudade dos três irmãos, do seu tio. Informou que tem um diário com história, tivemos a oportunidade de ler as cartas que ele ditou para sua mãe a seus familiares, fala muito de saudade, nesse instante, nos perguntou: “o que significa saudade?” A biblioterapeuta responde com seu jeito único: “é quando o coração cresce, e diz eu te amo para quem está perto e está longe”. Nesse momento, duas médicas entraram e tiveram a oportunidade de conversar com a criança num clima descontraído. Assim encerramos a visita e o encontro pleno de gratidão e muito aprendizado, que se concretizou com as respostas do Formulário, por nós registradas.

Em, 23 de setembro de 2022

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE Q - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 12**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 12**

Às nove horas do dia, **trinta de setembro de 2022**, iniciamos o terceiro Encontro Biblioterapêutico da segunda etapa da pesquisa no Hospital Martagão Gesteira. Antes de dar início a essa etapa, fui recebida pela coordenadora da psicologia no dia anterior, vinte e nove de setembro, onde recebemos a relação das crianças internadas para realização do encontro a qual constava os nomes das crianças a serem visitadas. A princípio, estávamos programadas para realizarmos três encontros beira leito, com as três crianças que foram selecionadas no dia anterior, mas, por motivo de uma delas ter recebido alta, só foi possível realizarmos somente duas, uma, de sexo feminino com idade de sete anos, e a outra de sexo masculino com idade de doze anos. Além da biblioterapeuta, estavam presentes nessa enfermaria, a psicóloga que nos acompanhou durante todo o percurso do encontro, assim como, o companheiro do quarto de sexo masculino com idade de quatro anos juntamente com as respectivas responsáveis. Iniciamos o Encontro Biblioterapêutico com o consentimento da responsável que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e da criança o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, que formalizou o consentimento da sua participação. Ao apresentar-se, a biblioterapeuta, iniciou a atividade despertando a história com o canto, “como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” em seguida, apresentamos a história escolhida: “**A transformação de Flor**” da autoria de Anita Rocha e ilustração de Bruno Reis Souza. À medida que a história fora narrada, mostrávamos os personagens, que eram identificados pela criança de sete anos, que acompanhava o enredo, com as músicas cantadas e instrumentadas pelo pandeiro. Ao relatar que a lagarta (Flor) perdeu algumas patinhas num acidente, a criança expressou espanto e admiração e com o dedinho identificou a médica de Flor, na ilustração, personagem da história. Em outro momento, ao ouvi o relato em que Flor, pela janela, observava sozinha, suas amigas brincando. Verbalizou: “ela está triste porque está vendo todo mundo brincando.” “coitada dela” Nessa fala, observamos a identificação da criança com a situação em que, por vezes, vivencia. Com isso, enfatizamos o cuidado de cada profissional de saúde aos pacientes: da psicóloga, da enfermeira, da fisioterapeuta e do médico para o sucesso no tratamento assim como para a lagarta Flor. E, enquanto, a criança acompanhava o finalzinho da história apontava para a lagarta que fazia fisioterapia, como também para as borboletas coloridas. E com alegria, percebeu que Flor tinha se transformado numa linda borboleta lilás. Ao sairmos dessa enfermaria seguimos para outra onde se encontrava a criança de doze anos e ao lado desta, uma de dois anos. Estávamos sendo aguardadas, conforme citado por sua mãe, uma vez que no dia anterior tínhamos prometido nos encontrar. A história foi acordada com a música “sapo cururu” que serviu para acalmar a criança de dois anos que chorava pelo afastamento da sua mãe quando foi substituída por sua tia. A introdução da música nos encontros biblioterapêuticos é de suma importância haja vista, o poder de transformação que ela promove as crianças, em algumas situações, as quais experienciamos como já foi informado em outros relatos. Dirigimo-nos a criança de doze anos, solicitando assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, assim como, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado pela responsável da criança. Apresentamos a história do livro **Me dá um abraço**, capítulo primeiro, de Nick Vujicic, ilustração de Dreamergo e tradução de David Araújo com. Esse texto, relata

a história de vida, real, do autor, ao superar as dificuldades enfrentadas quando nasceu sem os membros inferiores e superiores. Com a aprovação, após mostrá-lo no *youtube*, Nicck, o autor do livro, a biblioterapeuta iniciou a leitura mostrando a ilustração, que via e ouvia atentamente. Nesse capítulo, o autor conta um episódio da sua vida em que uma criança do seu tamanho, ao vê-lo se aproxima dele e pede um abraço para sua surpresa, pois imaginava que a criança estaria com medo dele e, num gesto de igualdade a criança põe os braços para traz, se aproxima dele e encosta seu pescoço no dele. Esse gesto foi guardado para sempre no coração de Nick. E, ao concluirmos o relato desse primeiro capítulo, tivemos a oportunidade de nos abraçarmos repetindo o mesmo gesto acima citado. Ao finalizar esse encontro biblioterapêutico, a criança ouvinte profere: “Os nomes de vocês estão guardados no meu coração.” Concluimos com as respostas da aplicação do Formulário, por nós registradas.

Em, 30 de setembro de 2022

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**APÊNDICE R - RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO NA SALA DE  
QUIMIOTERAPIA DO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA  
ENCONTRO 13**

**ENCONTRO BIBLIOTERAPÊUTICO 13**

As nove horas do dia, **quatorze de outubro de 2022**, iniciamos quarto e último Encontro Biblioterapêutico da segunda etapa da pesquisa no Hospital Martagão Gesteira. Fomos recebidas pela coordenadora da psicologia, no dia anterior recebemos a relação das crianças internadas a serem visitadas para realização do encontro. A princípio, estávamos programadas a fazermos, quatro encontros beira-leito, com quatro participantes os quais visitamos no dia anterior, mas, por motivo da ausência de uma criança para fazer exames, só foi possível realizarmos três encontros, com um adolescente de quatorze anos, outro de treze anos e, uma criança de seis anos. Ao adentrarmos na enfermaria, fomos bem acolhidas. Iniciamos o Encontro Biblioterapêutico com o consentimento da responsável que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE que formalizou o consentimento dos adolescentes e da criança para participação. A história selecionada foi **“A Flor que usava lenço”** da autoria de Lulu Lima e ilustração Elder Galvão. Antes de iniciarmos a narração da história, a biblioterapeuta acionou o pandeiro com a música:” Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria” “Ah! vivo não...” palavras da adolescente. Enquanto a criança de seis anos nada expressou. Sempre atenta e muito séria, ao ponto da biblioterapeuta intervir com ludicidade intercalando música, só assim esboçou sorriso. Percebemos durante a narração da história que adolescente expressava sentimentos que transmitia estado de encantamento quando via o jardim na ilustração onde se encontrava Margaridinha e sua mamãe Margarida, assim como sentimento de compaixão da Margarida e do Sr. Cacto por ter perdido suas pétalas e espinhos durante o tratamento oncológico. Mas, também, percebemos na expressão facial dessa adolescente a alegria ao perceber em Margarida uma nova pétala que surgiu em seu miolo para regar de esperança e uma nova vida que acabara de ressurgir. As observações denotam um estado de enlevo na participante que possibilitou transcender a um novo estado propício à saúde, isso se confirma com as respostas quando aplicado o Formulário. Concluimos o Encontro Biblioterapêutico. Nos dirigimos para outra enfermaria, onde se encontrava um adolescente de treze anos. Apresentamos a história do livro **Me dá um abraço**, capítulo sexto, “o poder de minha pequena “coxa de frango” de Nick Vujicic, ilustração de Dreamergo e tradução de David Araújo. Após apresentar o livro, a biblioterapeuta comprovou ao adolescente que a história é real. O adolescente manteve-se silencioso, atento e com postura reflexiva. Importante salientar, quanto as interferências da biblioterapeuta, quando enaltece a persistência do autor que não desiste diante dos empecilhos, bem como, engrandece a gratidão em tudo aquilo que temos e não ficar preso ao que nos falta. E, assim encerramos o último Encontro Biblioterapêutico com essa reflexão, despedindo-nos com a música “Como pode um peixe vivo viver fora d’água fria”. Assim, concluimos as atividades abordando os participantes para responderem às questões do Formulário, registrando-as por nós.

Em, 14 de outubro de 2022

Maria Socorro Sobreira Oliveira

**ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) -  
MENOR**

	<b>SISTEMA DE GESTÃO DA QUALIDADE –LABCMI FORMULÁRIO</b>		
	<b>Título:</b> TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.) <b>Depto:</b> COMISSÃO AVALIADORA DE ENSINO E PESQUISA	<b>Código</b> FOR_CAEP_008	<b>Revisão</b> 0

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

(Elaborado conforme a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos o (a) menor.....  
 sob sua responsabilidade para participar da pesquisa **A MEDIAÇÃO DA  
 INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA  
 ORIENTADA AS CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO  
 GESTEIRA** sob a responsabilidade do pesquisador Prof. Dr. José Carlos Sales dos  
 Santos tendo como assistente a orientanda Maria Socorro Sobreira Oliveira. Esta  
 pesquisa tem como objetivo geral analisar como ocorre o processo de leitura  
 associada à Biblioterapia orientada a crianças com câncer internadas/ em tratamento  
 no Hospital Martagão Gesteira. Como objetivos específicos: identificar as práticas  
 biblioterapêuticas utilizadas com crianças internadas bem como em tratamento no  
 Hospital Martagão Gesteira; identificar junto às crianças os benefícios percebidos na  
 prática de leitura e contação de histórias em tratamento no Hospital Martagão  
 Gesteira; avaliar junto aos profissionais de saúde no hospital Martagão Gesteira,  
 (médicos, enfermeiros e psicólogos), como a prática da biblioterapia auxilia no  
 tratamento das crianças acometidas por câncer. A pesquisa será feita no espaço da  
 Brinquedoteca do ambulatório oncológico, na Sala de Quimioterapia ou na Sala do  
 Serviço da Psicologia, onde você participará de uma oficina de contação de história.  
 Para isso será usado livros de história infantil ilustrado com personagens ou livro  
 infantojuvenil, haverá também uma pessoa que contará a história. A participação do  
 seu filho (a) nessa pesquisa será aceita se vocês quiserem, podendo desistir a  
 qualquer momento ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, se  
 isso acontecer, não trará prejuízo ao atendimento, cuidado e atenção que a criança  
 recebe da equipe de saúde do Hospital. Os benefícios esperados com essa pesquisa

são verificar como a contação de história pode ajudar as crianças em tratamento no Hospital Martagão Gesteira. Os possíveis riscos da participação da criança serão responder as seis perguntas após a contação de história, isso só acontecerá se a criança quiser. Garantimos que nem vocês nem as crianças serão identificados em nenhum momento. Estaremos à disposição para ajudar a resolver essas situações, responder às perguntas, esclarecer dúvidas. Para tanto, procurar o Comitê de Ética CEPMCO- Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira UFBA , Rua do Limoeiro, 137 - Nazaré, Salvador - BA, CEP 40055-150, Telefone: (71) 3283-9275 e-mail cepmco@ufba.br Horário de Funcionamento: segunda a sexta-feira das 7h às 12h e das 13h às 16h. Suas respostas serão guardadas em segredo com o pesquisador responsável e após cinco anos serão destruídas. Os resultados serão apresentados em congressos, reuniões científicas, mas, repetimos, não haverá identificação dos participantes. Entregaremos uma via ao Hospital. Caso precise mais informações ou se pretender retirar seu consentimento pode entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço: Rua João das Botas, n.º 27 – Canela – Salvador-BA CEP 40301-110, telefone (71) 3283-7111 ou com a Comissão de Ética acima referenciada. Caso vocês se sintam devidamente esclarecidos e concordarem em participar da pesquisa, por favor assinem esse Termo de Consentimento juntamente comigo, o qual está em duas vias, uma fica com vocês e a outra fica comigo.

Salvador, de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_  
Nome completo (responsável pelo menor)



Assinatura (Impressão dactiloscópica)

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
PROFISSIONAL**

	<b>SISTEMA DE GESTÃO DA QUALIDADE –LABCMI</b>			
	<b>FORMULÁRIO</b>			
Título:	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)	Código	Revisão	Página
Depto:	COMISSÃO AVALIADORA DE ENSINO E PESQUISA	FOR_CAEP_008	0	1 de 2

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

(Elaborado conforme a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa **“A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA LEITURA TERAPÊUTICA: A BIBLIOTERAPIA ORIENTADA AS CRIANÇAS COM CÂNCER NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA”** sob a responsabilidade do pesquisador Prof. Dr. José Carlos Sales dos Santos tendo como orientanda Maria Socorro Sobreira Oliveira. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como ocorre o processo de leitura associada à Biblioterapia orientada a crianças com câncer internadas/ em tratamento no Hospital Martagão Gesteira. Como objetivos específicos: identificar as práticas biblioterapêuticas utilizadas com crianças internadas bem como em tratamento no Hospital Martagão Gesteira; identificar junto às crianças os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias em tratamento no Hospital Martagão Gesteira; avaliar junto aos profissionais de saúde no hospital Martagão Gesteira, (médicos, enfermeiros e psicólogos), como a prática da biblioterapia auxilia no tratamento das crianças acometidas por câncer. Antes de decidir pela participação é importante que entenda o porquê da pesquisa e o que ela envolve. A participação é voluntária e o Sr. (a) poderá desistir a qualquer momento e as informações fornecidas serão desconsideradas. Espera-se com essa pesquisa possa entender como a leitura de histórias e a contação de história podem ajudar as crianças adoecidas internadas ou em tratamento no Hospital Martagão Gesteira e os resultados possam contribuir para saúde e bem estar das crianças. Os possíveis riscos de sua participação serão preocupação com as perguntas que serão feitas ao Sr.(a), as quais totalizam cinco, mas elas só responderão se quiserem. Preocupação também com o nome e a imagem do Sr. (a) Garantimos que não serão identificados em nenhum momento. Estaremos

à disposição para ajudar a resolver essas situações, responder às perguntas, esclarecer dúvidas. Para tanto, procurar o Comitê de Ética CEPMCO - Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira - UFBA, Rua do Limoeiro, 137 - Nazaré, Salvador - BA, CEP 40055-150, Telefone: (71) 3283-9275 e-mail cepmco@ufba.br Horário de Funcionamento: segunda a sexta-feira das 7h às 12h e das 13h às 16h. Obs. Suas respostas serão guardadas em segredo com o pesquisador responsável e após cinco anos serão destruídas. Os resultados serão apresentados em congressos, reuniões científicas, mas, repetimos, não haverá identificação dos participantes. Entregaremos uma via ao Hospital. Caso precise mais informações ou se pretender retirar seu consentimento pode entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço: Rua Augusto Viana, s/n – Canela – Palácio da Reitoria, Salvador Bahia CEP 40.110-060, telefone (71) 3283-7111 ou com a Comissão de Ética acima referenciada. Caso vocês se sintam devidamente esclarecidos e concordarem em participar da pesquisa, por favor assinem esse Termo de Consentimento juntamente comigo, o qual está em duas vias, uma fica com o Sr. (a) e a outra fica comigo.

Salvador, de \_\_\_\_\_ de 2021.

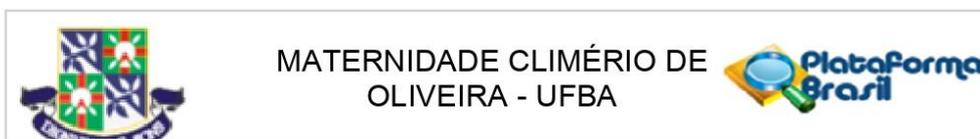
---

Pesquisador Responsável

---

Nome completo do Profissional

## ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A Mediação da Informação no Processo da Leitura Terapêutica: A Biblioterapia Orientada a Crianças com Câncer no Hospital Martagão Gesteira.

**Pesquisador:** JOSE CARLOS SALES DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 47707421.7.0000.5543

**Instituição Proponente:** LIGA ALVARO BAHIA CONTRA A MORTALIDADE INFANTIL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.827.922

#### Apresentação do Projeto:

Quando a criança ouve história ela a faz existir ou transformá-la, conforme ressalta Merleau-Ponty (2018, p.244) “[...] toda linguagem se ensina por si mesma e introduz seu sentido no espírito do ouvinte”. Daí perceber-se que as histórias infantis, ensinam por elas mesmas e imprime seu sentido no âmago da criança. Usando a imaginação, a criança pode contemplar e visualizar um mundo em seu entorno. conforme Ouaknin, (1996) infere, a depender da experiência de cada criança, pode incorrer um estado de enlevo ou sofrimento onde, ao acessá-la, pelo pensamento, reconhecem-se e identificam-se, levando o corpo a responder aos impulsos da memória a materializar-se no choro ou no riso. Hipótese: A leitura mediada e contação de história interferem na dimensão terapêutica contribuindo para um melhor resultado no tratamento das crianças com câncer.

Trata-se de um estudo série de casos, qualitativo, com 28 as crianças que estiverem internadas e/ou em tratamento assíduas do Hospital Martagão Gesteira que se encontram em condições físicas para ouvir a história contada. E profissionais de saúde que acompanham diretamente as crianças. "Os dados coletados através dos questionários e das oficinas de leitura mediada e contação de histórias serão analisados e interpretados a partir das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa e teorias que nortearam a investigação. Utilizando-se também a estatística descritiva e utilização planilha eletrônica Excel do pacote Office da Microsoft. "Estima-se que farão

**Endereço:** Rua do Limoeiro, 137

**Bairro:** Nazaré

**CEP:** 40.055-150

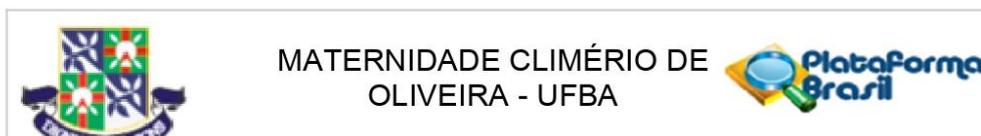
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-9275

**Fax:** (71)3283-9210

**E-mail:** cepmco@ufba.br



Continuação do Parecer: 4.827.922

parte deste estudo vinte e uma crianças, internadas e/ou em tratamento, essas serão agrupadas por faixa etária perfazendo um total de três grupos assim dispostos: primeiro grupo com idade de seis, sete e oito anos, segundo grupo com nove, dez e onze anos; terceiro grupo com doze, treze e quatorze anos. Conforme (ROSSONI; FELICETTI 2014, p.524) “[...] as histórias precisam condizer com o grau de maturação da criança para que ela tenha condições de estabelecer relações e, então, assimilar os novos conhecimentos”. Daí se justificar a divisão dos grupos de acordo com a faixa etária dos participantes, e, por entender que a cognição e desenvolvimento dos sujeitos divergem conforme a idade e assim facilitará na escolha da literatura a ser aplicada no momento da leitura mediada e contação de história. Enfatiza-se que as crianças serão abordadas no ambulatório oncológico, com intermediação de uma psicóloga e funcionária do Martagão Gesteira designada como acompanhante da pesquisa.” “Para solidez da presente pesquisa com intuito de agregar informações necessárias ao objeto de estudo farão parte também desse trabalho, os profissionais de saúde (médicos, psicólogos e enfermeiros) lotados no Hospital Martagão Gesteira da cidade de Salvador (Bahia), os quais serão abordados presencialmente no ambulatório oncológico, com intermediação de uma psicóloga e funcionária do Martagão Gesteira designada como acompanhante da pesquisa.”

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### **GERAL**

Analisar como ocorre o processo de leitura associada à Biblioterapia orientada a crianças com câncer internadas ou em tratamento no Hospital Martagão Gesteira.

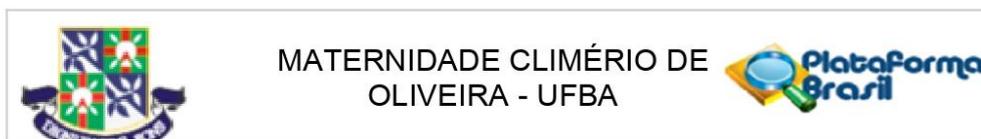
##### **ESPECÍFICOS**

Identificar as práticas biblioterapêuticas utilizadas com crianças internadas bem como em tratamento no Hospital Martagão Gesteira;

Identificar junto às crianças os benefícios percebidos na prática de leitura e contação de histórias em tratamento no Hospital Martagão Gesteira;

Avaliar junto aos profissionais de saúde no hospital Martagão Gesteira, (médicos, enfermeiros e psicólogos), como a prática da biblioterapia auxilia no tratamento das crianças acometidas por câncer.

<b>Endereço:</b> Rua do Limoeiro, 137	<b>CEP:</b> 40.055-150
<b>Bairro:</b> Nazaré	
<b>UF:</b> BA	<b>Município:</b> SALVADOR
<b>Telefone:</b> (71)3283-9275	<b>Fax:</b> (71)3283-9210
	<b>E-mail:</b> cepmco@ufba.br



Continuação do Parecer: 4.827.922

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**RISCOS**

"...serão quanto a preocupação com as perguntas que serão feitas, no total de quatro, mas elas só responderão se quiserem. Preocupação também com o nome e a imagem das crianças e pais. Garantimos que nem os pais nem as crianças serão identificados em nenhum momento..."

**BENEFÍCIOS**

"Fortalecer a percepção dos profissionais de saúde sobre a interferência positiva da prática de leitura mediada e contação de histórias no tratamento das crianças hospitalizadas e, que as atividades desenvolvidas nesse processo, possibilitem a melhoria do estado de humor dessas crianças com vistas ao alcance da saúde e bem-estar e também desperte o interesse de ler e ouvir histórias. Contribuir humanisticamente para todos os envolvidos deste estudo, bem como para o Martagão Gesteira que possibilite um novo olhar na perspectiva da biblioterapia que venha inspirar outras unidades de saúde a percorrer esse caminho para a saúde e bem-estar das crianças em estado de sofrimento."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de um estudo qualitativo sobre a reação de crianças e profissionais de saúde do hospital Martagão Gesteira expostas à leitura e contação de histórias. Bem argumentado. Ético.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

TCLE: Profissionais: ADEQUADO. Pais/responsáveis: ADEQUADO.

TALE: CRIANÇAS: 2 modelos ADEQUADOS.

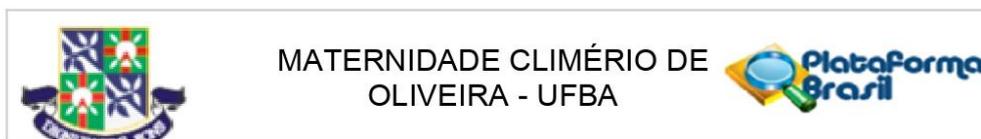
Cartas: ver abaixo. ADEQUADO.

Cronograma: ADEQUADO.

Carta de Anuência da instituição: ADEQUADO

Termos de Confidencialidade e Sigilo: ADEQUADO

**Endereço:** Rua do Limoeiro, 137  
**Bairro:** Nazaré **CEP:** 40.055-150  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-9275 **Fax:** (71)3283-9210 **E-mail:** cepmco@ufba.br



**MATERNIDADE CLIMÉRIO DE  
OLIVEIRA - UFBA**

Continuação do Parecer: 4.827.922

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

-O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. 466/12 CNS/MS) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

-O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. 466/12 CNS/MS), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata. No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 466/12 CNS/MS.

-O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - junto com seu posicionamento.

-Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

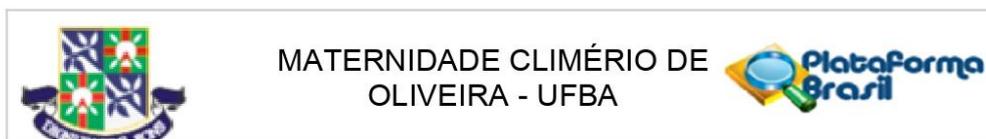
-Relatórios PARCIAIS devem ser apresentados ao CEP SEMESTRALMENTE e FINAL na conclusão do projeto.

-Assegurar aos participantes da pesquisa ou sua população fonte os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa (466/12 CNS/MS).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1764166.pdf	05/07/2021 16:02:49		Aceito

**Endereço:** Rua do Limoeiro, 137  
**Bairro:** Nazaré **CEP:** 40.055-150  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-9275 **Fax:** (71)3283-9210 **E-mail:** cepmco@ufba.br



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE  
OLIVEIRA - UFBA

Continuação do Parecer: 4.827.922

Outros	TERMO_CONFIDENCIALIDADE_SIGILO.pdf	05/07/2021 15:06:47	MARIA SOCORRO SOBREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MARIA_SOCORRO.docx	05/07/2021 14:56:24	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	05/07/2021 13:56:00	MARIA SOCORRO SOBREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsavel.docx	05/07/2021 13:48:25	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_grupo_tres.docx	05/07/2021 13:45:48	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_grupo_dois.docx	05/07/2021 13:45:29	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_grupo_um.docx	05/07/2021 13:45:09	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	05/07/2021 10:12:17	MARIA SOCORRO SOBREIRA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	DECLARACAO_ORIENTADOR.pdf	02/06/2021 14:42:05	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCUD.pdf	02/06/2021 14:36:55	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.doc	02/06/2021 13:04:56	MARIA SOCORRO SOBREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFSSIONAIS.docx	02/06/2021 13:02:20	MARIA SOCORRO SOBREIRA OLIVEIRA	Aceito

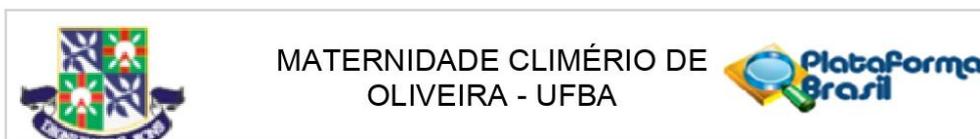
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rua do Limoeiro, 137  
**Bairro:** Nazaré **CEP:** 40.055-150  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-9275 **Fax:** (71)3283-9210 **E-mail:** cepmco@ufba.br



Continuação do Parecer: 4.827.922

SALVADOR, 05 de Julho de 2021

---

**Assinado por:**  
**Eduardo Martins Netto**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua do Limoeiro, 137  
**Bairro:** Nazaré **CEP:** 40.055-150  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-9275 **Fax:** (71)3283-9210 **E-mail:** cepmco@ufba.br